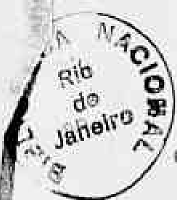
REVISTA DA SEMANA

N.º 9 ★ 3-3-51

CR$ 3,00 EM TODO O BRASIL





NO TEXTO: ASSIM FUGIU "CARNE SÊCA"

E FUGIRA' -- SE PUDER!

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

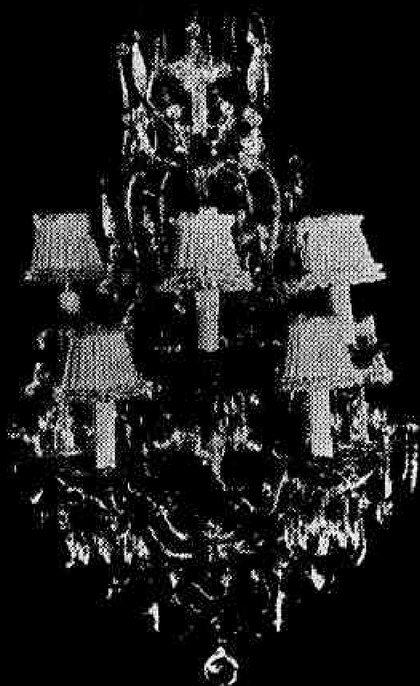
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

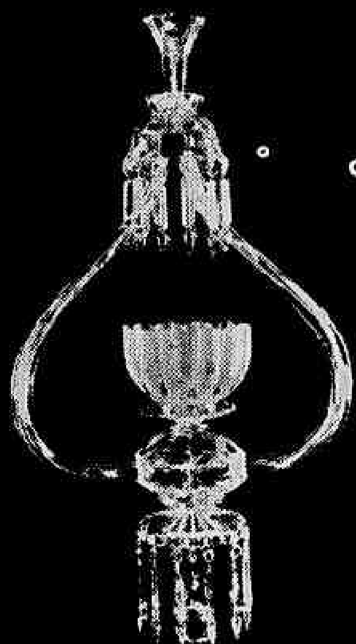
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

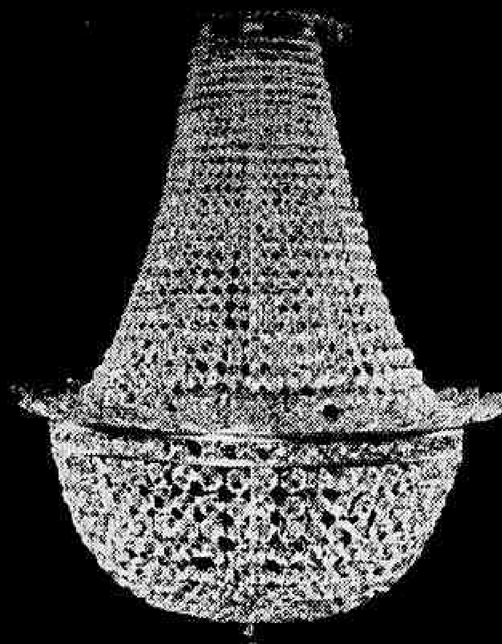
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

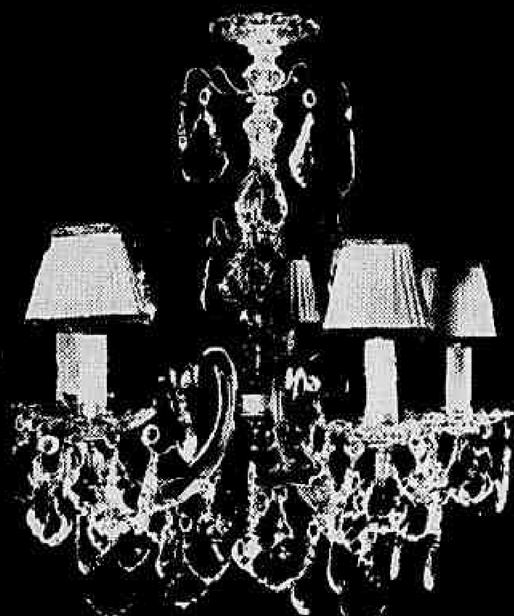

1

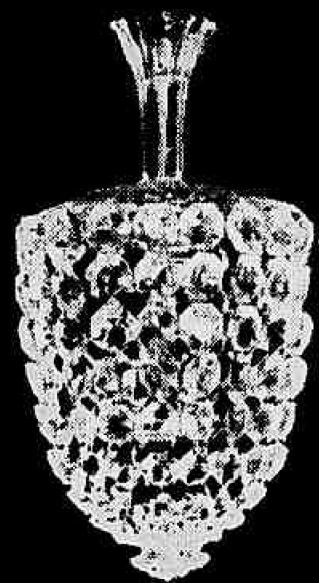

2

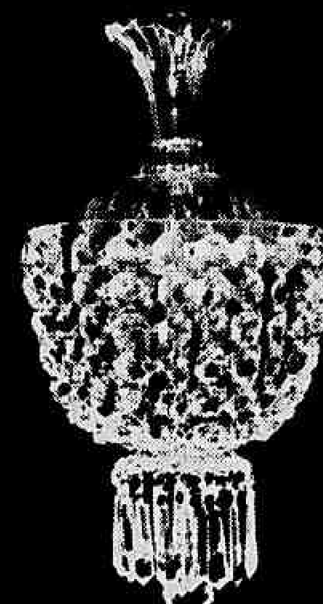

3


4

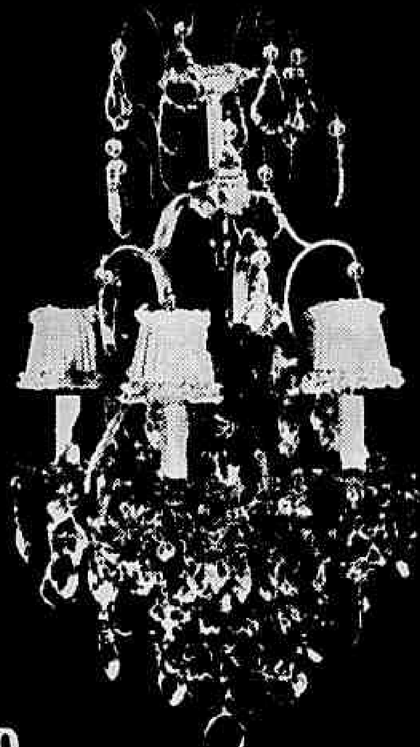

5

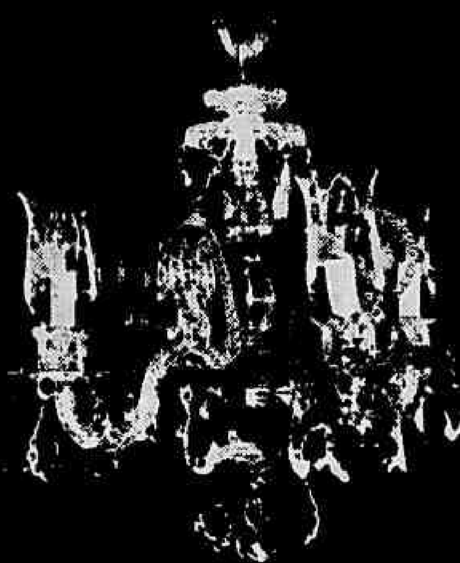

6

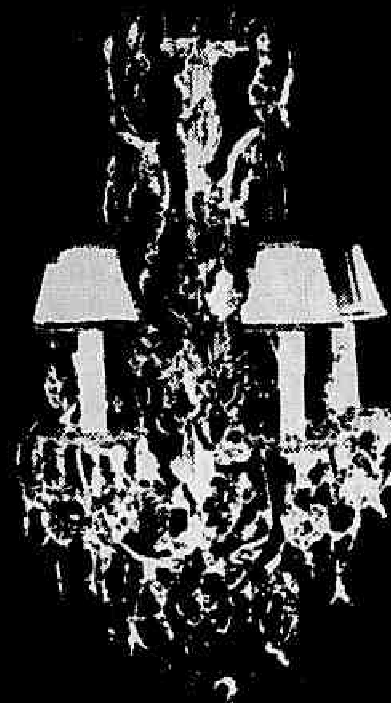

7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFICIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Arroz Doce — Arroz Amargo (Vinícius Lima) 4/5
Baile Infantil no Municipal 9/11
No Ginástico 12
No Vasco 13
No Tijuca 14
No Fluminense 15
Clube Militar, Automóvel Clube, Clube Naval 16
América e Clube Municipal 17
Iate Clube e Minerva 18
Assim fugiu "Carne-Sêca" 26/33
O Desfile dos Ranchos 47
Ornamentação da Cidade 48/50
Outros Flagrantes do Carnaval de 51 .... 51/53

LITERATURA

Ciganos (Thereza de Almeida) . 3
Branca e Helena (O Gomes de Castro) 19
Semana Literária (Edmundo Lys) 34/35
No Inferno (H. Furquim de Oliveira) 36

SEÇÕES PERMANENTES

Puxe pelo cérebro 7
A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 8
Palavras-Cruzadas 18
A Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 46
Tudo isto aconteceu 56/57
Correio da Revista 58

FOLHETIM

A Moça Tímida 55

FEMININAS

Sugestões de Hollywood 37
Noites de Gala 38
Simplicidade 39
Soirée 40
Para Passeio 41
Week-End na Cozinha 42/43

HUMORISMO

E' proibido pescar (Théo) 6
Escola (Nicodêmus) 25

FOTOS

Vinícius Lima — Sabino Canalini — Arnaldo Vieira — Nodge — Walter Morgado — Avulsas.

ILUSTRAÇÃO

A. Zaluar

BONECOS

Rafael.

★

NOSSA CAPA

Leonora Amar
(Foto Pelmex)

NO PRÓXIMO NÚMERO:

Milagre de Nossa Senhora das Graças

JÚLIO LOUZADA VISITA O PADRE ANTÔNIO, JÁ RESTABELECIDO.

Sensacional reportagem



Ciganos

QUASE ao anoitecer êles chegaram, com suas carroças desconjuntadas, muito sujas, carregadas de porcos, galinhas e crianças. As mulheres, de longas tranças esfiapadas, com uma medalha pendendo de longe em longe, caminhavam ao lado, de certo porque os velhos cavalos não agüentariam o pêso de tôdas as criaturas. Estacaram sob o pêso duro do olhar de tôdas as pessoas da vila e, imperturbáveis, ou querendo parecê-lo, desatrelaram os cavalos, pucharam gravetos, tiraram um cachorro para passear, agarraram crianças imundas e as largaram sôbre o capim; os homens procuraram fazer fogo e dar água aos animais; as mulheres encostaram-se aos grossos troncos dos plátanos, cruzaram os braços e ficaram cuidando das crianças com seus olhares inquietos.

Na frente da venda, os homens da vila se agruparam em discussões, comentários, gestos e o que êles pensavam ser boas intenções. As mulheres da vila bateram portas e janelas, negaram água aos ciganos, depois sentaram à beira do fogão tomando mate doce com cravo, canela e fôlhas de laranjeira. As ciganas, de roupas sujas e miseráveis, onde muitos pedaços de fazenda se juntavam, numa costura porca, a fim de compor uma saia, estendiam seu olhar sôbre os filhos sujos e piolhentos; às vêzes erguiam o rosto para os homens que voltavam com baldes vazios e um brilho furioso aparecia em seus olhos rasgados e escuros. Resmungavam pragas por entre os dentes fortes, balançavam tranças fazendo tinir as velhas medalhas e, de repente, sorriam para acalmar os filhos assustados. Mas continuavam, em pensamento, rogando maldições aos homens de coração duro, às mulheres que tinham filhos e mesmo assim negavam água aos filhos dos ciganos, sem temer um castigo tremendo.

Depois veio o soldado. Atrás dêle, silenciosos, mas sorridentes, como quem diz: — Agora êles vão ver! — seguiam os senhores da vila, empunhando a autoridade emprestada pela farda do soldado, certos de estarem cumprindo a vontade de Deus. As mulheres correram e juntaram os filhos. Tinham visto, de longe, a farda amarela; não acreditavam mesmo que pudessem ficar. Quando o soldado chegou tudo estava pronto. Só o fogo, abandonado à beira dos plátanos, levantava uma fumacinha triste.

O soldado disse meia dúzia de palavras. Os senhores da vila fizeram gestos sérios com a cabeça. Como se dissessem consigo mesmos:

— Realmente, é essa a vontade de Deus!

E os ciganos se foram, para acampar na estrada, onde as árvores do mato não lhes negaram gravetos e lenha, onde a terra não lhes negou a água pura que corria por entre as pedras, onde o próprio Deus não lhes negou a pureza calma e brilhante da luz das estrêlas.

TEREZA DE ALMEIDA

ARROZ DOCE...
ARROZ AMARGO



Esta é Silvana Mangano ao natural — preocupada com a arrumação da bagagem, logo após ter chegado ao hotel. Há quem afirme que tem alguns traços semelhantes aos de Ingrid Bergman, mas realmente não pretende imitá-la. Julgue o leitor por conta própria.



Assim foi a entrevista-coletiva-relâmpago que Silvana Mangano concedeu aos nossos desapontados colegas, ainda exausta da viagem aérea.

SILVANA MANGANO DECLARA QUE FARÁ UM FILME NO BRASIL, AO LADO DE AMEDEU NAZARI ★ UM MARIDO CIUMENTO, UM ROSTO BELO E UMAS PERNAS DECEPCIONANTES PARA O CARTAZ QUE AS PRECEDIAM ★ DECLARAÇÕES DA ARTISTA CUJA PERSONALIDADE DEIXA MUITO A DESEJAR

Texto e fotos de VINÍCIUS LIMA

PRECEDIDA por uma publicidade muito bem planejada, chegou ao Rio a artista italiana Silvana Mangano, Miss Roma 1948, e, até então, dita e tida pelo público brasileiro como uma das figuras mais belas do cinema mundial. Diante disso, todos os jornais, quer especializados ou não, se movimentaram, inquietos, a fim de mostrar ao público a beldade que Roma nos mandava.

Chegou o dia 15 de fevereiro, quando Silvana deveria *dar as caras*, o que não sucedeu em virtude de uma "pane" que o seu avião sofrera. Finalmente, depois que os nossos nervos já estavam miseràvelmente maltratados, Silvana desceu de um avião da Panair, no aeroporto do Galeão, mostrando desde logo a sua indisposição para com os jornalistas.

(Cont. na pág. 42)



O cinegrafista que acompanha o espôso de Silvana, aponta a bonita vista de Copacabana que a «estrêla» observa com interêsse.



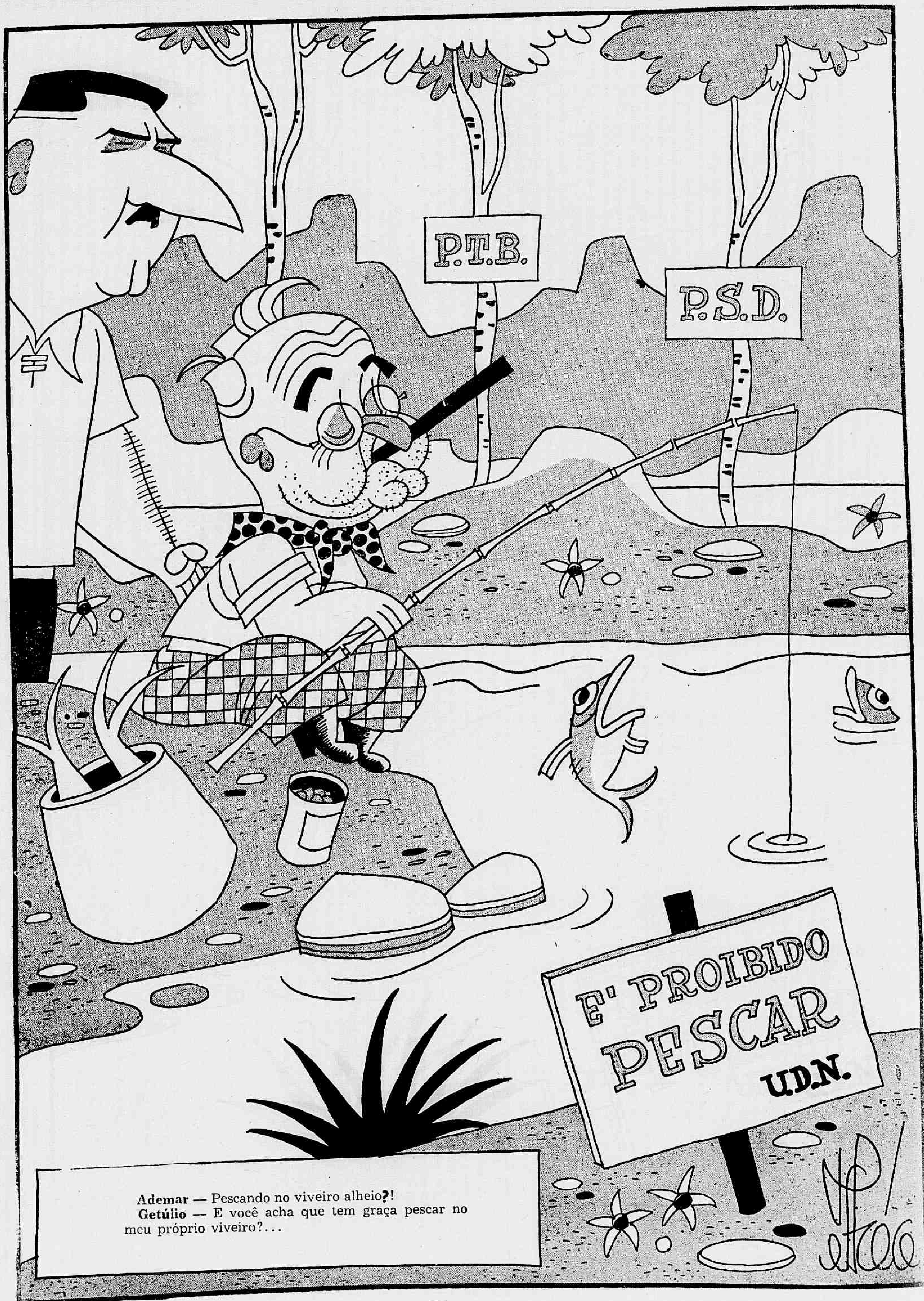
De Laurentis, o marido, ascende um cigarro para a espôsa. Foi apelidado «O Esparadrapo», pois não soltava Silvana um minuto sequer.



Não era muito fácil arrancar um sorriso da atriz-arroz-doce, mas aqui está um espontâneo, amável e exclusivo para o repórter...



Sorriso é coisa rara em Silvana. Sorriso forçado, talvez porque o arroz-doce estivesse cansada, muito cansada da viagem.



Ademar — Pescando no viveiro alheio?!
Getúlio — E você acha que tem graça pescar no meu próprio viveiro?...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura superior	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura média	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O OUTRO NOME QUE TEM O CABO DA BOA ESPERANÇA:

Finisterra?
Orange?
Tormentas?

2 — EM QUE ANO FOI ESTABELECIDA A INQUISIÇÃO NA ESPANHA:

1600?
1487?
1510?

3 — EM QUE ANO PORTUGAL ESPULSOU OS JUDEUS:

1530?
1496?
1700?

4 — A REFORMA RELIGIOSA NA EUROPA FOI INICIADA POR:

Luthero?
Calvino?
Felipe, o Belo?

5 — EM HONRA DE QUEM FOI DADO O NOME DE VIRGINIA A GRANDE ZONA LITORANEA DOS ESTADOS UNIDOS:

Da rainha Elisabeth da Inglaterra?
Em louvor à Virgem Maria?
Por ser virgem aquela região?

6 — QUANDO COMEÇOU A ESCRAVIDÃO NEGRA NO BRASIL:

1500?
1610?
1532?

7 — QUAL DESTAS CIDADES FOI FUNDADA EM PRIMEIRO LUGAR:

S. Vicente, em S. Paulo?
Salvador, na Bahia?
Olinda, em Pernambuco?

8 — EM QUE ÉPOCA, PELA PRIMEIRA VEZ, FOI O BRASIL DIVIDO EM DOIS GOVÊRNOS, UM DO NORTE E OUTRO DO SUL:

1603?
1572?
1700?

9 — A QUEM SE DEVE O DESCOBRIMENTO DA CIRCULAÇÃO DO SANGUE:

A Ptolomeu?
A Aristóteles?
A Harvey?

10 — EM QUE ANO FOI FUNDADA A CIDADE DE S. LUÍS DO MARANHÃO:

1612?
1780?
1589?

11 — HÁ QUANTOS ANOS HÁ A VACINA CONTRA A VARÍOLA:

600?
105?
175?

12 — QUAL O PRIMITIVO NOME DE DIAMANTINA, EM MINAS GERAIS:

Vila Velha?
Serra Grande?
Tejuco?

13 — QUAL DESTES PAÍSES USOU, EM PRIMEIRO LUGAR, O SÊLO DE CORREIO:

Brasil?
Estados Unidos?
Argentina?

14 — COMO FOI QUE LE VERRIER DESCOBRIU O PLANÊTA NETUNO:

Com poderoso telescópio?
Por acaso?
Por simples cálculo matemático?

15 — QUAL O PRIMEIRO LIVRO DE LITERATURA BRASILEIRA IMPRESSO NO BRASIL:

O poema «Uraguai», de Basílio da Gama?
«O Caramurú» de Santa Rita Durão?
O «Marília de Dirceu», de Gonzaga?

16 — DURANTE QUANTOS ANOS ESTÊVE O URUGUAI ANEXADO AO BRASIL:

Vinte e um?
Sete?
Dois?

17 — O QUE DE COMUM HOUVE ENTRE ÊSTES GRANDES BRASILEIROS: TOBIAS BARRETO, MACHADO DE ASSIS E CASIMIRO DE ABREU:

Eram do mesmo Estado?
Nasceram no mesmo ano?
Tinham o primeiro nome igual?

18 — POR QUE REGIÃO DA BAHIA COMEÇOU A PLANTAÇÃO DO CACAU:

Ilheus?
Geremoabo?
Canavieiras?

19 — QUE NOME TÊM OS FILHOS DE BRANCO COM ÍNDIA:

Cafuso?
Mameluco?
Mucunã?

20 — QUE NOME DAVAM OS ÍNDIOS AOS VASOS DE BARRO EM QUE ENTERRAVAM OS SEUS MORTOS SAGRADOS:

Igaçaba?
Ocara?
Tipiti?

(Respostas na página 58)

Filhos sadios



As crianças sadias acham prazer nas menores cousas. Elas próprias inventam e confeccionam, com alegria, muitos dos seus brinquedos, porque a sua bôa disposição física lhes permite ser activas, espertas e bem-humoradas.

É, de facto, uma verdade incontestável que a inteligência, o espirito inventivo se desenvolvem muito mais livre e harmoniosamente num sadio organismo infantil.

Os médicos estão sempre ensinando e lembrando que a fraqueza, uma alimentação mal orientada, o funcionamento deficiente dos órgãos, as doenças, enfim, são causas frequentes de atraso no desenvolvimento físico e mental das crianças. Tôdas as pessôas esclarecidas sabem o quanto pode a infância influir — favorável ou desfavoravelmente — na vida adulta de cada ser humano. Uma meninice com saúde é património precioso, é indiscutível factor de êxito. Os pais devem, portanto, empregar os maiores esforços para que seus filhos possam contar, no futuro, com essa apreciável reserva de energia.

Sentir-se-á, decerto, muito mais feliz a criança inteligentemente cuidada, o petiz robusto que imagina jogos divertidos e constrói, com poucos meios, pequenos mecanismos engenhosos, do que o garoto doentio, vítima da inexperiência dos pais, o qual, mesmo rodeado de bonitos brinquedos, será, na maioria dos casos, desanimado e irritável.

Grande inimiga da saúde é a prisão de ventre, essa intoxicante atonia muscular dos intestinos, tão comum nas crianças e nos adultos, e da qual resultam perturbações gástricas, abatimento, falta de apetite, mau hálito, nervosismo, erupções na pele e outros distúrbios mais sérios.

Ventre-Livre é o remédio de confiança para tratar a prisão de ventre e os desarranjos gastro-intestinais. De acção suave e sabor agradável, **Ventre-Livre** é largamente usado pelas mães experientes e preferido pelas crianças, tanto no Brasil como nos demais países onde penetrou.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante.

Mais uma vêz repetimos: O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Essa advertência precisa ser renovada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não pertencem mais ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, informando que suas reportagens seriam publicadas em nossas páginas. Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exibida pelos interessados.

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 9 ★ 3-3-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe da Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,
LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 0109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-5647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

UMA CALAMIDADE

A Estrada de Ferro Central do Brasil, a principal via de transporte terréstre do país, não sòmente pelo volume de carga e passageiros, como pela quilometragem de penetração do Rio para vários Estados do Centro-Sul, está na iminência de parar suas locomotivas por falta de carvão. Foi êste o grito de alarma vindo a público pelo seu novo Diretor, em diários matutinos da semana passada. As máquinas da E. F.C.B. consomem, diàriamente, mil toneladas de combustível, e, segundo informaram à atual direção da estrada, só possui ela, em «stock», 1.021 toneladas! Quer isso dizer, que só se poderá movimentar por um dia... O diretor Cel. Eurico de Souza Gomes Filho, ao saber da gravíssima situação, botou as mãos na cabeça e a bôca no mundo, entendendo-se imediatamente com a Companhia Siderúrgica Nacional, que tem em depósito umas 40 mil toneladas de carvão para a fabricação de aço e alimentação de seus fornos. O empréstimo será por poucos dias, até que chegue o carregamento já em viagem para a Central do Brasil. Sabemos que não há nada perfeito neste mundo, e, mui especialmente o sistema de administração de nossa principal ferrovia; mas, francamente; é de estarrecer o mais sereno e risonho dos Pangloss dêste país e do estrangeiro, o chegar-se a um estado dêsses, tratando-se de uma estrada de ferro da importância capital da E.F.C.B. O Rio precisa tanto dessa via-férrea como o sangue precisa de veias e artérias. Se há uma paralização em máquinas da Central, morreremos todos de «trombose»...



AS VERMELHINHAS

Certa vez, um nosso colega de «A Cena Muda», em palestra com alto funcionário da «Metro», soube que a quantidade de funcionários da Polícia que tinha entrada gratuita nos cinemas era um dos mais curiosos fenômenos desta terra. Via-se uma casa cheia; ao leigo o filme está com renda garantida. Em verdade, porém, mais de duzentas cadeiras não pagaram ingresso. Há enorme quantidade de representantes de autoridades com ingresso livre em casas de diversões, especialmente os tais fiscais de menores e os portadores de «vermelhinhas». Que é isso de «vermelhinhas»? Nada mais, nada menos do que carteiras dessa côr, concedidas pelo Departamento Federal de Segurança Pública a título gracioso, a centenas de pessoas que nada têm que vêr com a segurança pública! Normalmente, cada casa de diversão deve dar ingresso a dois ou três investigadores ou funcionários da polícia encarregados de zelar pelo decôro dos recintos, manter a vigilância em «descuidistas», estar sempre pronto para intervir quando sua presença se fizer necessária. Embora o guarda-civil também cumpra tais deveres, nada mais justo do que confiar a tais funcionários um serviço dêsses. Entretanto, os cinemas se enchem de portadores de «vermelhinhas» sem nenhuma função. Devemos dizer agora, «enchiam-se», pois o novo Chefe de Polícia, Gen. Ciro de Resende resolveu abolir êsse protecionismo, ficando cêrca de dois mil «vermelhistas» sem a sôpa antiga. Agora, quem quiser entrar em cinema, puxe pelo cobre. Muito bem!



★

O SACRIFÍCIO DO CAFÉ

Não, não queremos falar do café, a «preciosa rubiácea», atualmente causa de grandes discussões por motivo dos prêços pré-estabelecidos pelos importadores norte-americanos. O Café de que desejamos falar é aquêle que se escreve com C maiúsculo, o sr. Café Filho, Vice-Presidente da República e homem mais atarefado do país, atualmente. Como sabemos, o sr. Café Filho instituiu audiências diárias no Senado Federal, onde recebe todo mundo. Quem quiser falar-lhe é só ir até a casa dos altos legisladores da nação e contar uma história, pedir favores, apelar para S. Excia., reclamar, rogar, solicitar... Êle ouve a cada um com a máxima atenção e vai dizendo o que a pessoa deve fazer, ou o que não deve mesmo fazer. Às vêzes o conhecido riograndense do norte desaperta para algum Ministro de Estado e vai levando sua cruz ao Calvário. Muita gente vai pedir emprêgo; outros querem a solução de um caso: mais alguns desejam pedir dinheiro para uma situação embaraçosa. Como vemos, é de sacrifício o encargo republicano do sr. Vice-Presidente da República. Mas, de todos os três mil oitocentos e trinta e nove visitantes que, até o dia 15, haviam procurado o sr. Café Filho, um houve que lhe pediu a mais estranha das intervenções. Queria uma passagem para ir à África! O sr. Café Filho ficou perplexo. Para que? — Perguntou ao jovem lusitano — Para caçar elefantes, respondeu firmemente o patrício de D. Sebastião. E justificou: «Marfim lá é mato, e eu preciso enriquecer. E' só matar elefante e embarcar marfim...» Mas teve um fim...



★

MORTA DE FOME

E' de séculos o drama dos nordestinos que deixam sua terra em busca de outras no sul, de preferência o Estado de S. Paulo. Anualmente descem do nordeste milhares e milhares de retirantes enfrentando tôda a sorte de dificuldades, passando fome, privações de todo gênero, na esperança de encontrar melhores dias de vida no sul do país. Nem sempre, porém, assim sucede. Êles vêm, sofrem, morrem, desiludem-se, e, quando podem, regressam à terra natal, decepcionados. Mas, de permeio com tais dramas, há episódios de doloroso aspecto. Vejam o que aconteceu com Clementina da Silva e seu filhinho de um mês e sete dias de idade. Num trem da Central do Brasil viajavam para a capital paulista centenas de *nordestinos*. Clementina lá estava com o filho. Ao chegar o comboio ao quilômetro 35, parou a composição. Estava retida. Já fazia mais de 40 horas que aquela gente viajava no carro de segunda, sem confôrto, sem um lugar para dormir, sem meios para alimentar-se, para matar a sêde. Clementina da Silva, sem alimentação para ela, não podia ter leite materno para o filho. E o pobrezinho morreu. Morreu de fome, segundo atestou o médico legista chamado para averiguar a «causa mortis». Na mesma noite em que morria o garotinho, que se chamava Aristides Clementino Ferreira, outro retirante vindo do Ceará, perturbado com a situação de tantos sofrimentos, enlouqueceu. Até quando, Senhor Deus, assistimos a tais dramas, a tão cruéis tragédias de nosso povo?



A PERSONAGEM DA SEMANA

MAIS ou menos às 17 horas do dia 20 de fevereiro último, espalhou-se pela cidade esta notícia sensacional: — partira-se o cabo do bondinho do Pão de Açúcar, provocando grave acidente com vinte pessoas que iam no veículo. O rádio e a imprensa se movimentaram e, em seguida, foi o acidente situado em suas verdadeiras proporções: — rompeu-se um dos cabos que movimentam o bondinho entre a Urca e a estação da Praia Vermelha, mas não havia vítimas, uma vez que o segundo cabo de aço continuava a sustentá-lo. Como era de prever, tôda a cidade ficou atraída pelo acidente, movimentando-se as autoridades, engenheiros da Prefeitura e diretores da Companhia que explora aquêle serviço, Corpo de Bombeiros e grande massa popular afluiu à área do acontecimento que abalou o Distrito Federal. Era indiscutível a ansiedade que invadia a alma dos cariocas enquanto se procedia ao salvamento dos passageiros e do condutor do carrinho aéreo. Tal foi o interêsse despertado que o tráfego para a zona sul ficou sèriamente perturbado dando-se a congestão de ruas e avenidas nas imediações do teatro do acidente. Depois de mais de cinco horas de preparações de tôda ordem, intervindo as fôrças militares com poderosos holofotes e pessoal para ajudar o salvamento, foi êsse iniciado entre manifestações de desafôgo e alegrias incontidas, prolongando-se até à madrugada. Houve crises de pranto, abraços, exclamações entre os parentes de pessoas que estiveram prêsas sôbre o abismo. Mas, é da maior justiça que se exalte uma das grandes figuras da quase tragédia: o Sr. Augusto Gonçalves, mecânico da Emprêsa de Bondes do Pão de Açúcar. Êsse servidor da Companhia, que, como de hábito, acompanha as viagens do veículo trepado à coberta, em permanente vigilância, logo que se verificou a rutura, entrou no bondinho e tranqüilizou a todos. Em seguida teve o heroísmo de descer por uma corda, dando imediatas providências para salvamento do condutor e dos passageiros. A atitude do Sr. Gonçalves merece os mais efusivos aplausos em face de sua bravura simbolizando outros heróis da noite de 20 de fevereiro, que tanto se distinguiram no trabalho de salvamento, de que daremos ampla reportagem.


O mecânico Augusto Gonçalves

CARNAVAL INFANTIL DE 1951





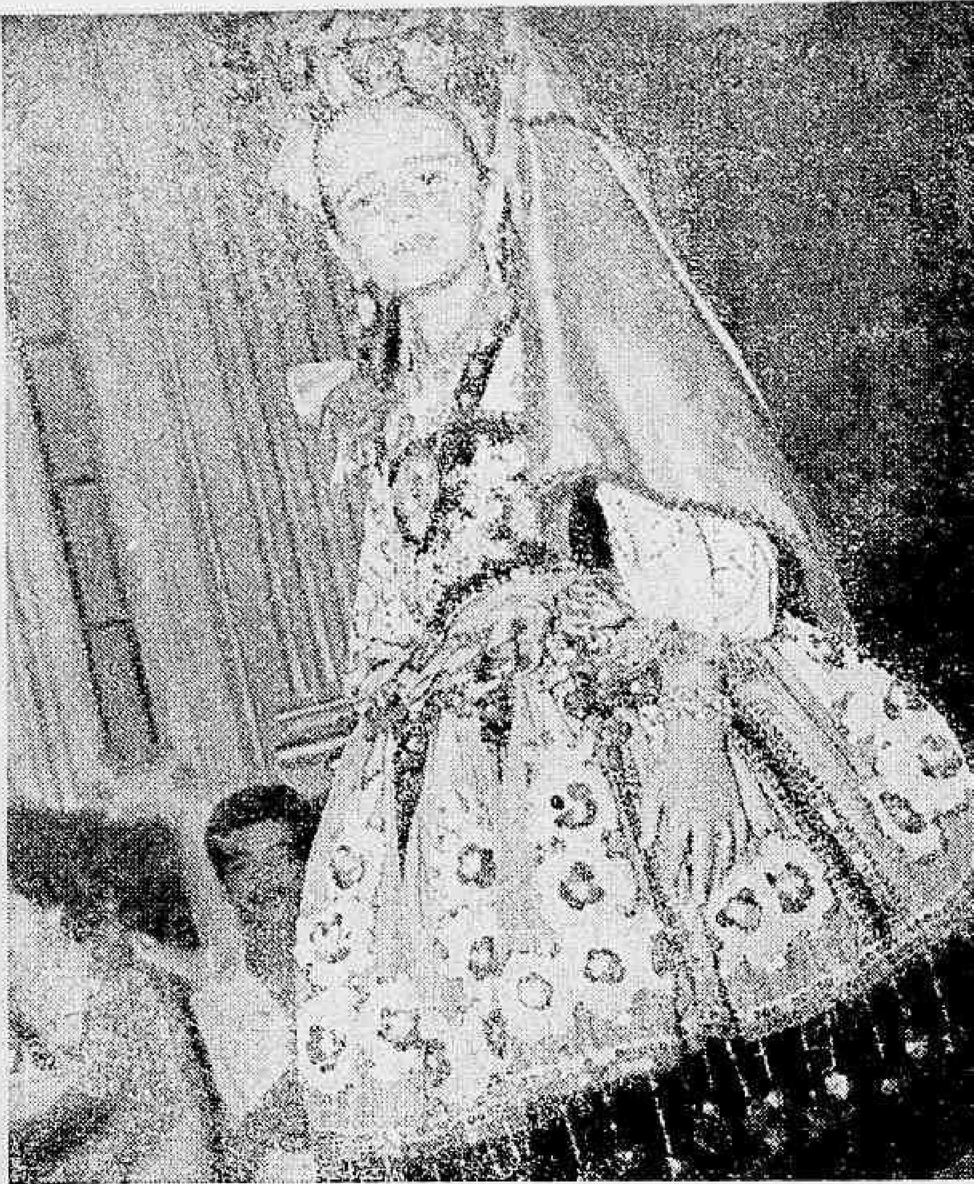
A comissão julgadora das fantasias infantís classificou as duas acima, respectivamente, para 1º e 2º lugares. São efetivamente bonitas e de extraordinário efeito, tendo ambas merecido entusiásticas aclamações de todos os que estiveram presentes ao baile da criançada e do qual oferecemos aos leitores nesta página, uma série de flagrantes tirados para a REVISTA.

NO MUNICIPAL

O baile infantil de têrça-feira gorda não é apenas uma tradição elegante nas festividades oficiais do Teatro Municipal: é também uma oportunidade para um majestoso desfile de lindas crianças, luxuosamente vestidas, com ricas fantasias ideadas com muito gôsto pelos papais, durante o ano. Os flagrantes que a nossa reportagem obteve para fixar o Carnaval de 1951, estão reunidos nestas páginas e certamente hão de figurar no álbum de recordações dos nossos pequenos patrícios. Algum dia, êles voltarão a deliciar-se com a evocação de suas fantasias que aqui se encontram.

O GENERAL DA BANDA, interpretado por Blackout, conhecida figura do rádio carioca, esteve presente ao baile infantil de têrça-feira gorda, no Municipal. Aqui está êle, ladeado de algumas bonitas fantasias das que compareceram àquela reunião de elegantes crianças, e parece que estão satisfeitas em com êle. Blackout divertiu a garotada e esta o divertiu também.



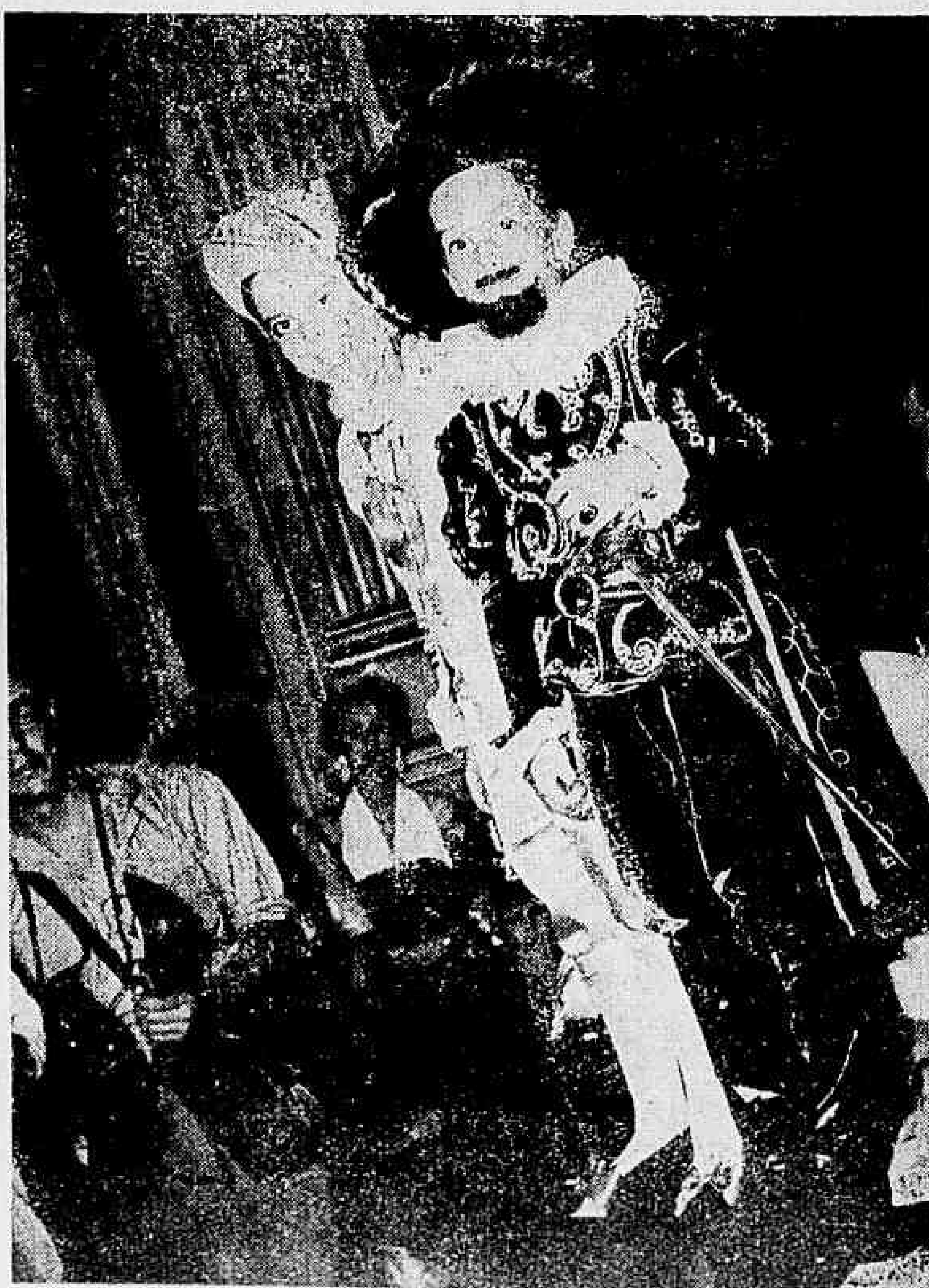




OS PRIMEIROS "TESTS" carnavalescos dos futuros foliões cariocas são feitos nos salões do Municipal. Na véspera, dançaram os papais e mamães, os irmãos mais velhos, os titios, os "grandes" da família, mas na tarde de terça-feira, sob a mesma e deslumbrante decoração que foi, êste ano, "No fundo do mar", todos cedem a vez aos calouros. E as dependências



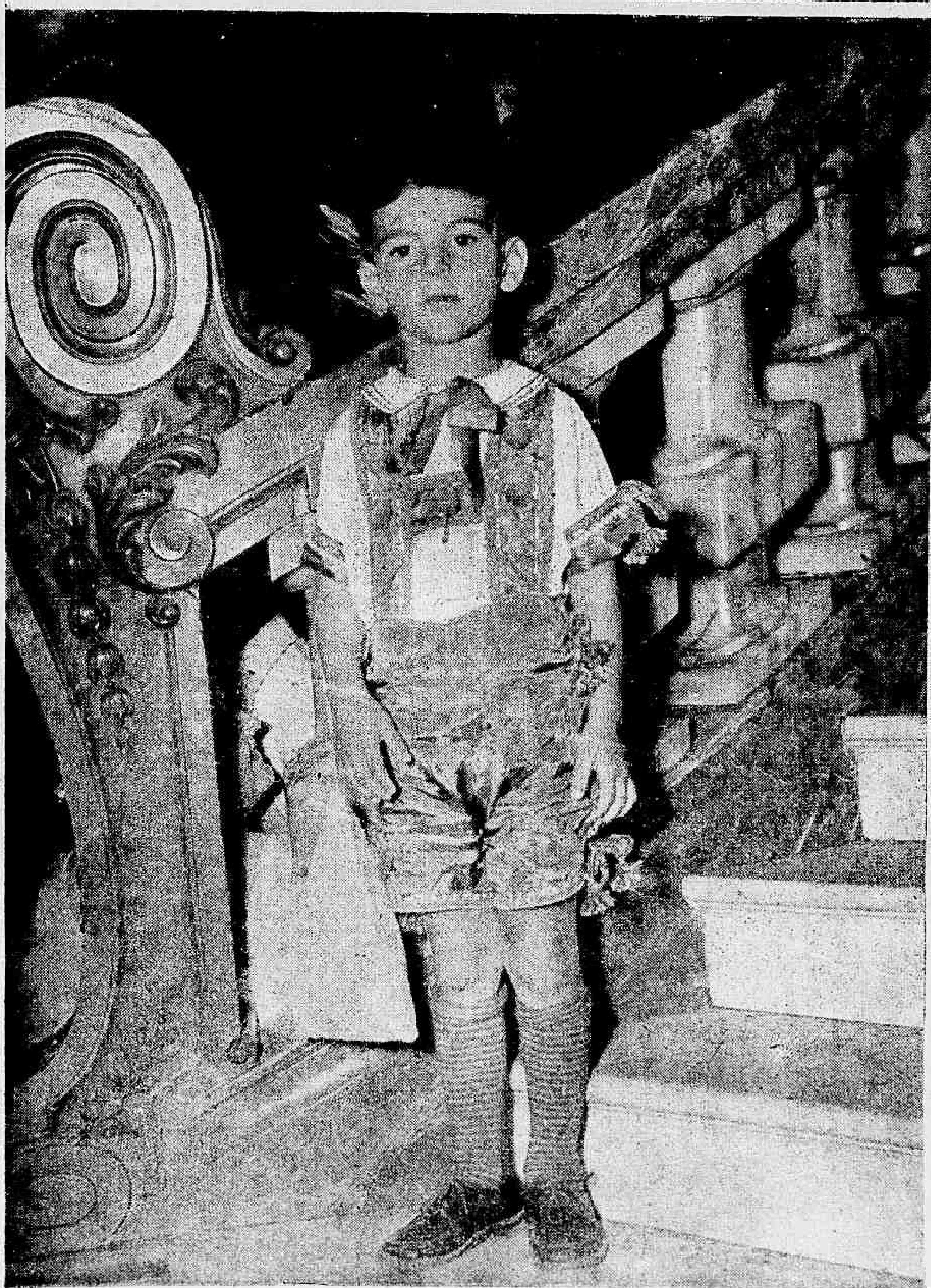

do grande teatro encheram-se com o desfile de luxuosas fantasias, cada qual mais inspirada, desfile que se prolongou até o caír da noite. Aqui estão príncipes e damas medievais, odaliscas e varinas portuguêsas, rajás e ciganas, piratas e baianinhas, índios e damas antigas, até uma República Brasileira. Mas houve muitas outras luxuosas e bonitas.













PAPAI E MAMÃE imaginaram o que podia haver de mais encantador para que "êles" e "elas" se destacassem entre as centenas de fantasias presentes ao Infantil do Municipal. Se houvesse prêmios bastantes, todos seriam premiados, porque todos mereciam...





NO GINÁSTICO

A PETIZADA do Clube Ginástico Português também teve o seu carnaval. Foi um dos bailes infantís mais animados, com a presença de várias centenas de graciosas crianças, trajando joviais e pitorescas fantasias. Alguns foliões mal ensaiavam os primeiros passos e já sabiam revelar-se autênticos carnavalescos, puxando o cordão e cantarolando os sambinhas e marchas em evidência.





AO SOM do «Vasco dois a um» (parodiando o Zum-Zum) e do «P'ra seu govêrno», a garotada vascaina expandiu-se no seu baile. Como estão mostrando as gravuras, estêve tão animado a folia que muitos marmanjos a ela aderiram, não podendo resistir ao entusiasmo do brinquedo. Em cima, grupo em que se misturam grandes e pequenos; em baixo, dois flagrantes selecionados de foliões.

NO VASCO DA GAMA












NO TIJUCA

O BAILE INFANTIL do Tijuca Tênis Clube estendia-se do salão do ginásio aos cortes de tênis e ainda se prolongava pelos bonitos jardins daquela agremiação social. A petizada tijucana deu a nota. E as pôses que reunimos nesta página apenas traduzem flagrantes avulsos, porque havia crianças às centenas. E as dansas serviram para mostrar que nunca hão de faltar foliões de fibra no Tijuca...





TAMBÉM OS SALÕES e jardins do Fluminense F. C. regorgitaram de pequenos adeptos de Mômo. Aqui os vemos, entregues à vibração das dansas ou posando para o nosso fotógrafo. Quando, mais tarde, êles frequentarem os bailes dos adultos, revendo esta página, certamente ficarão saudosos. Mas, então, outros garotos tricolores estarão figurando em reportagem idêntica...

NO FLUMINENSE













NO C. MILITAR

TÔDAS as instituições realizaram bailes infantis, cada qual mais animado. Ao alto, à esquerda, crianças no Clube Militar; à direita, no Automóvel Clube do Brasil. Em baixo, um grupo de pequenos foliões no Clube Naval, onde a gurizada viveu horas de intensa alegria.

NO AUT. CLUBE



NO CLUBE NAVAL



NO AMÉRICA

NA GRAVURA superior, aspecto do baile infantil no América Foot-Ball Clube, e na inferior, dois apanhados de crianças que se divertiram no Clube Municipal. Êsses dois bailes deram a nota de entusiasmo e comunicativa alegria entre os garotos carnavalescos.

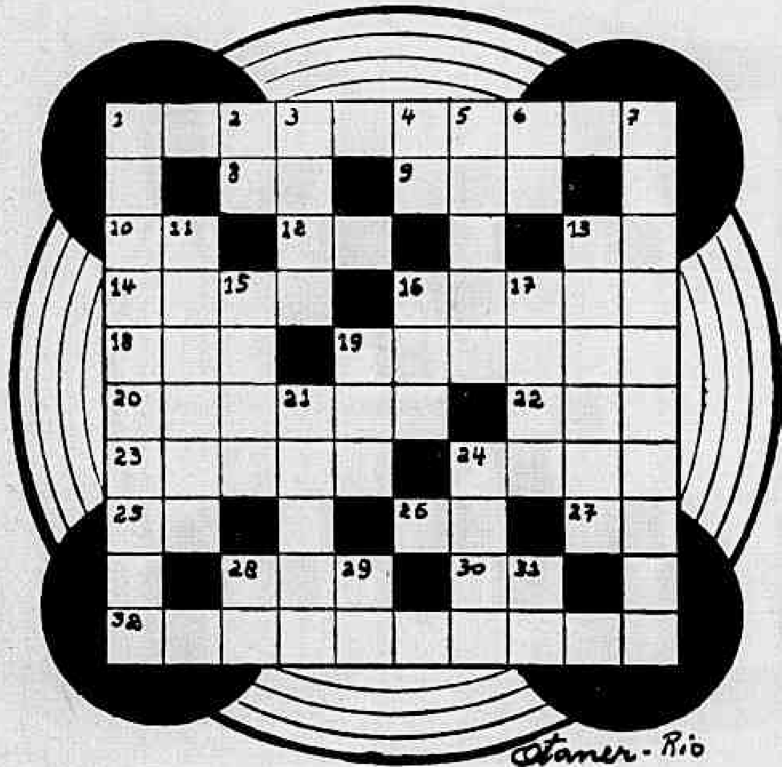
NO C. MUNICIPAL





PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 41 - PARA VETERANOS

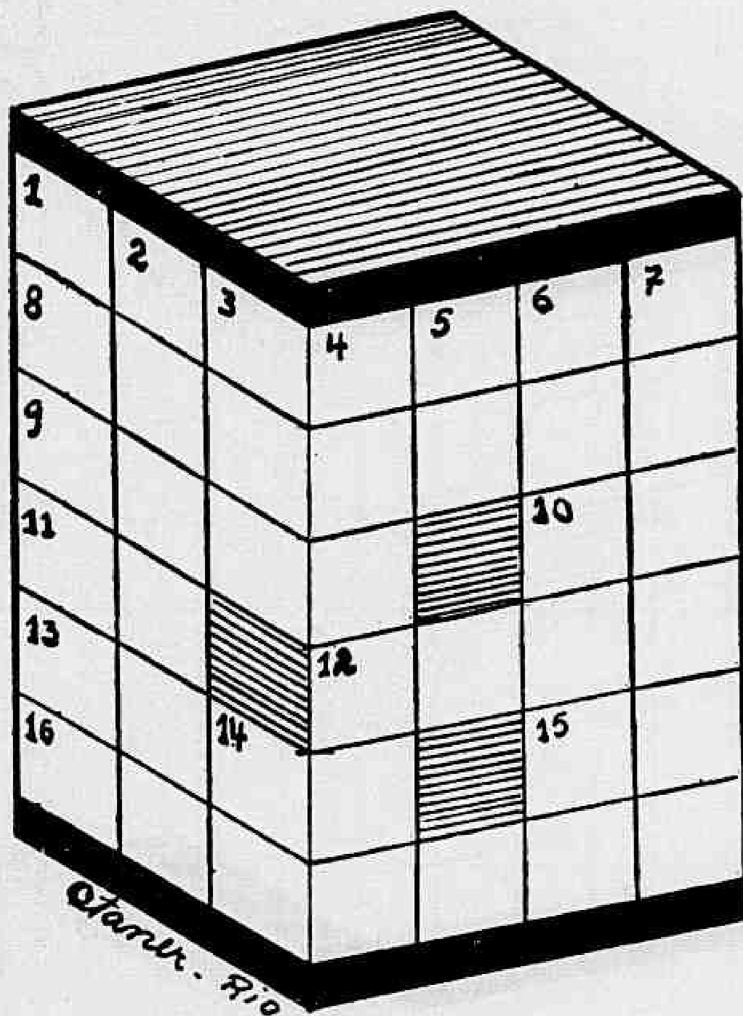


HORIZONTAIS: — 1. Enganador — 8. Graça — 9. Nome de mulher — 10. Prefixo que traz a idéia de apartamento, separação — 12. Preposição — 13. Mofa — 14. Baixel (pl.) — 16. Laringite diftérica — (grafia antiga) — 18. A côr escarlate — 19. Variedade de cânhamo europeu — 20. Fronteira — 22. Região montanhosa da colônia do Niger — 23. Segundo signo do Zodiaco — 24. Máquina — 25. a Vênus Celéste dos assírios e árabes — 26. Rio da Rússia — 27. Cidade da Bélgica — 28. Pessoa ruim — 30. Nota musical — 32 Muito. atraente.

VERTICAIS: — 1. Penacho — 2. Segunda letra do alfabeto árabe — 3. A terra natal — 4. Lingua negra do grupo nigerio-senegalês — 5. Canto — 6. Seguia — 7. Que produz tudo — 11. Impedir — 13. Afogueado — 15. Peixe da família dos Ciclídeos — 16. Rema para trás — 17. Nome de homem — 19. Grande quantidade de liquido — 21. Máquina empregada na indústria de chapéus — 24. Farto — 28. Símbolo do césio — 29. Desinência verbal — 31. Prefixo que traz a idéia de movimento para dentro.

★

PROBLEMA N.º 41 PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 1. Estado do Brasil — 8. Transferiram para outro dia — 9. Ligar — 10. Despido — 11. Graça, elegância — 12. Do feitio de ovo — 13. Nenhuma coisa — 15. Pedro de moinho — 16. Gostarias.

VERTICAIS: — 1. Marinha de sal — 2. Publicam — 3. Braço de rio próprio para navegação — 4. Chuviscar — 5. Seguir — 6. República da América Central — 7. Competidores — 14. Concede.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 40

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Renitente — Adelo — Te — Are — Rã — Imo — Bar — Cara — Sele — Ela — Mel — Na — Ria — Sé — Tiara — Emulsione.

VERTICAIS: — Reticente — Na — Ida — Terá — Êle — Nó — Emarelece — Emala — Ralés — Ora — Bem — Tias — Ril — Ari — Tu — Ao.

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — Tioca — Campa — Ubá — Fugir — Lâmia — Ero — Liana — Reata — Sopor — Colmo — Ola — Regas — Burra — Áia — Orlas — Leôas.

VERTICAIS: — Taful — Orgia — Áurea — Calor — Múmia — Atada — Ido — Neo — Evo — Tom — Sorvo —Púgil — Rosas — Cabal — Largo — Orais.

Colaborações e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



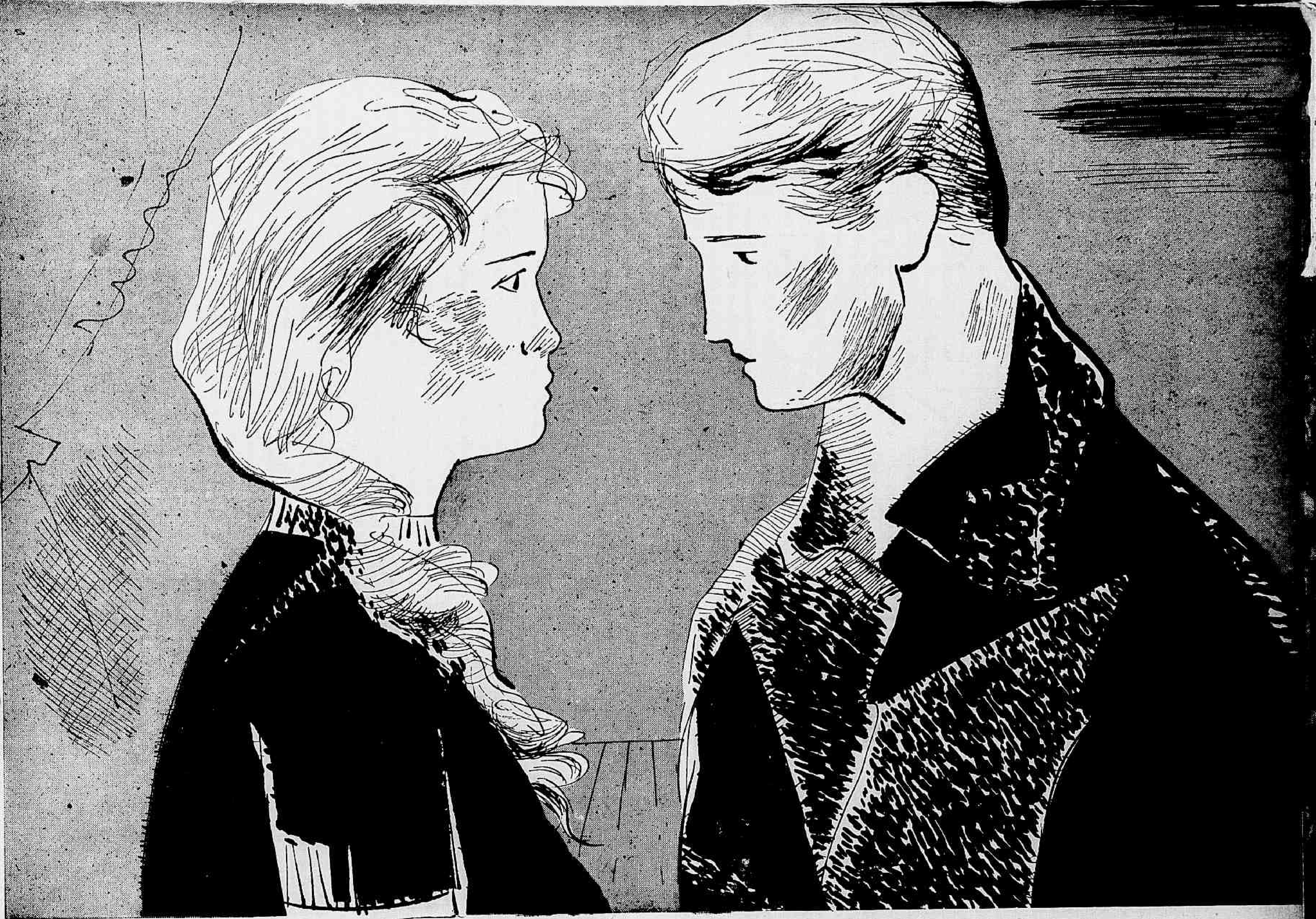
NO IATE CLUBE E NO MINERVA





CRIANÇAS que abrilhantaram o baile a elas destinado, que o Iate Clube promoveu, como vem fazendo todos os anos. São os do «clichê» superior. Em baixo, grupo obtido no S.C. Minerva, que também ofereceu aos filhos de seus associados, o tradicional baile infantil. Odaliscas, damas antigas, colombinas, marinheiros, baianas e rajás, enchiam as dependências de ambos êsses clubes.





BRANCA E HELENA

QUANDO aquêles dois homens fortes se encontraram ali, na plataforma do armazém 10 do cais do pôrto, pela emoção ao se abraçarem e diferença de idade entre êles, dir-se-ia pai e filho. O aspecto feliz do rapaz, descendo as escadas de um navio da "Ita", carregando às costas um saco de viagem, ocultava, a quem o observasse que Marcos regressava de uma prisão onde estivera encerrado nove anos.

— Meu grande Rodrigo! Que satisfação! Aperte aqui êsses ossos!

— Graças a Deus Marcos! Diga assim, meu jovem... Ouça: tudo que restava de seu lá, coube neste embrulho tão pequeno?!

— Ora essa! — batia as mãos nas costas do outro. — Não garanto nada sôbre o aproveitamento do que trago. Nove anos, Rodrigo!

— E êste terno, como ficou bem em você! O corpo ajuda...

— Vamos! Onde está o caminhão? Quero sair daqui. Desejava passear um pouco pelas ruas... Uf! Que saudade! Estou exausto, porém, nem calcula o que sinto. Rodrigo, não avalia o que são os últimos dias numa prisão! Impossivel dormir. Contando as horas, remoendo planos... Vamos! Depressa, meu amigo.

Atravessaram a passos largos a plataforma. Cheia de viajantes que se aglomeravam para os observar. Rodrigo notou que um repórter mais audacioso fotografara o amigo. Puxou-o pelo braço e quase a correr transpuseram a mal calçada avenida, penetrando na cabine de um grande caminhão de transporte, parado alguns metros adiante.

Ràpidamente, oscilando volumosa e poeirenta carga, sôbre rodas possantes, o gigantesco veiculo desapareceu na bruma da tarde cinzenta de julho.

— Ora, Rodrigo! Você não atendeu o meu pedido de visitar...

— Visitar o que Marcos?

— As ruas, os bares...

— Qual nada, meu amigo! Você tem muito tempo. Estou apressado.

— Reparou que fomos fotografados?

— Talvez seja bom, os jornais fizeram escândalo do seu caso.

— Ah! Sinceramente. Não me interessa mais que se comente tal assunto. O que passou, passou. Começar vida nova, meu velho! Sinto saudades de tudo: das casas, das árvores, desta estrada!... No entanto, nem tenho fôrças para gozar a liberdade! Depois, esta mágoa perene em saber que não vivem mais aquêles dois velhos, Rodrigo!... Que vida insulsa, meu caro! Que desastre! Como não teriam meus pais sofrido a tenebrosa surprêsa que o destino reservava para o filho dêles?! Minha mãe principalmente, coitada. Tenho ainda no coração as lágrimas que ela chorou à tarde em que nos separamos lá no corredor do Júri. Oh! Nem sei como agradecer a você tanta bondade.

— Marcos, desculpe-me, tenho de prestar atenção à estrada. A bruma é perigosa... Durma. Você está visivelmente abatido. Acomode-se aí e procure descansar.

— Acho que você está guiando com muita velocidade.

— A marcha tem que ser esta. Não se impressione. Quinze anos de prática nesta estrada Rio — São Paulo. Feche o vidro e durma.

— Uma coisa mais queria saber: afinal, você comprou o terreno?

— E construi uma casa, dois quilômetros depois do palacete de dona Branca. Queria guardar segrêdo, compreende?

— Ora essa! — e sentou-se. Fitava admirado o amigo. Acrescentou: — Você não tem nada com o que aconteceu entre nós (êle e dona Branca). Além disto são coisas passadas, Rodrigo.

— Depois da morte de minha mulher, dona Branca tem sido boa amiga. Simpatizou com minha filha Helena. Quando trabalho à noite deixo no palacete a filha... Queria guardar segrêdo disto.

— A casa é então no Alto da Serra? — Marcos simulava indiferença. Sofria. Rodrigo compreendeu a tristeza dêle.

— Antes de anoitecer pretendo chegar lá, se Deus quiser. Durma, menino! E' proibido conversar com o motorista — disse, sorrindo, contrafeito. Rodrigo considerava humilhante revelar aquêle segrêdo ao grande amigo. Ter aceitado favores de Branca. A dona da companhia onde trabalharam os dois...

Marcos obediente, recostou a cabeça no embrulho que trazia. Minutos depois dormia.

Pelo espelho da direção, Rodrigo fitava-o. Estudava a fisionomia serena e bela do rapaz. E o espirito mergulhou profundamente em recordações. Sentia remorso do que estava fazendo. Parecia-lhe imprudência atirar novamente o amigo no provável drama de amor resultante do encontro de Marcos com a ex-noiva. Certo de que a atual proprietária da Companhia de Transportes, embora casada, amava o antigo noivo. Por outro lado sabia, em segrêdo, que a filha depois de certo tempo, mantinha correspondência amorosa com o prêso. Recordou-se da primeira carta de Helena ao rapaz assinada: "Sua Bibliotecária". Rodrigo havia lido a carta muitas vêzes. Penalizado, porém, com o abatimento moral em que vivia o amigo, não teve coragem de retirá-la do livro onde fôra oculta. Depois, leu muitas outras de Marcos à filha. Sempre ocultas nos livros que levava à prisão. Assim, durante nove anos, lentamente, levara ao prêso uma biblioteca. Rodrigo temia o resultado de ter mantido aquêle amor por correspondência. Estava certo de que Helena amava Marcos, embora não se conhecessem senão por retratos.

Ao subir a serra, numa curva forte que Rodrigo cortara audaciosamente, Marcos despertou.

— Não foi nada! — gritou, apertando o pé no acelerador.

— Está frio! Acordei com fome.

— Temos o que comer. Procure aí atrás.

— Sem cigarros. Estava sem vintém no bôlso, quando desembarquei.

— E o dinheiro que lhe enviei?

— Deixei lá com os amigos. A despedida é triste! Rodrigo, você não calcula o que seja ficar anos ouvindo o ruido daquele mar imenso a se bater contra as paredes do Forte. Os horizontes são dedos que nos acusam tenebrosamente! Seca a alma Rodrigo!... Preciso trabalhar num serviço pesado. Que me obrigue a prestar atenção constante em algo diferente do negrume de uma existência pavorosa...

— Fume um cigarro. Não comece...

— Rodrigo, por que motivo fizeram êles residência no Alto da Serra? — perguntou, depois de pequeno silêncio, chupando nervoso o cigarro.

— Êles quem? — perguntou. Sabia, porém queria confirmação da desconfiança.

— Ela e o marido. Pois a Branca era tão romântica. Vaidosa. Cheia de fantasias?

— Quer realmente saber o motivo? Não me afirmava se ter esquecido totalmente dela? Afinal, foi um desastre o noivado de vocês...

— Odeio-a. Mulher miserável! Fútil! Veja você que destino ridiculo o meu: encontrar em pleno século XX uma mulher fatal! Ah! Ah! Ah!

(Cont. na pág. 42)

CONTO DE O. GOMES DE CASTRO ★ ILUSTRAÇÃO DE A. ZALUAR

PERNAMBUCO SOB O GOVÊRNO DE UM GRANDE BRASILEIRO

O QUE FOI A POSSE DO DR. AGAMENON MAGALHÃES

ENTRE as mais delirantes expansões de regozijo público, o povo de Pernambuco assistiu à volta do eminente brasileiro, dr. Agamenon Magalhães à frente dos destinos do seu Estado.

Sentindo êsse prestigio que a massa lhe outorgou desde que estêve como Interventor no Estado, o novo chefe do Executivo pernambucano teve esta frase que passará à história das lutas politicas do Leão do Norte: «Foi a «poeira» do Recife que proclamou ao Brasil a minha vitória e a sua vitória», por isso, o Prof. Agamenon Magalhães promete «servir ao povo» com um «govêrno dos humildes». E o fará. Todos conhecem a fibra de administrador que possui o atual eleito nas urnas de 3 de outubro de 1950. Os problemas do povo êle os conhece como ninguém, e, para iniciar o combate à exploração e à carestia, organizou excelente secretariado estadual e confiou ao Cel. Francisco Heráclio, chefe politico de Limoeiro, a direção do Matadouro Modêlo dos Peixinhos. Com essa nomeação, o novo governador de Pernambuco põe nas cabeceiras da especulação da carne verde um homem cuja energia e disposição de trabalhar em favor do povo são de todo conhecidas. As expansões do povo pernambucano, durante o dia 31 de janeiro foram um atestado de que as massas trabalhadoras, unindo seus destinos às demais classes sociais e industriais do Estado, estavam conscientes de sua escôlha nas urnas de outubro. O dr. Agamenon Magalhães tem o mais acentuado espirito público, embora não seja cortejador de popularidades nem tenha nutrido suas conquistas populares, pela demagogia. E' um valor pessoal, irradiante de seus atos, todos em prol das classes trabalhadoras, sem comprometer as empregadoras. O povo o sentiu bem e invadindo o Palácio do Campo das Princesas, subiu as escadas com o seu eleito.



As quinze horas do dia 31 de janeiro de 1951, seguia o dr. Agamenon Magalhães para o Palácio das Princesas, a fim de assumir a direção do Estado de Pernambuco.



Fotografia apanhada no momento em que o dr. Barbosa Lima Sobrinho discursava, transmitindo ao novo chefe do Executivo pernambucano, os encargos de Govêrno.



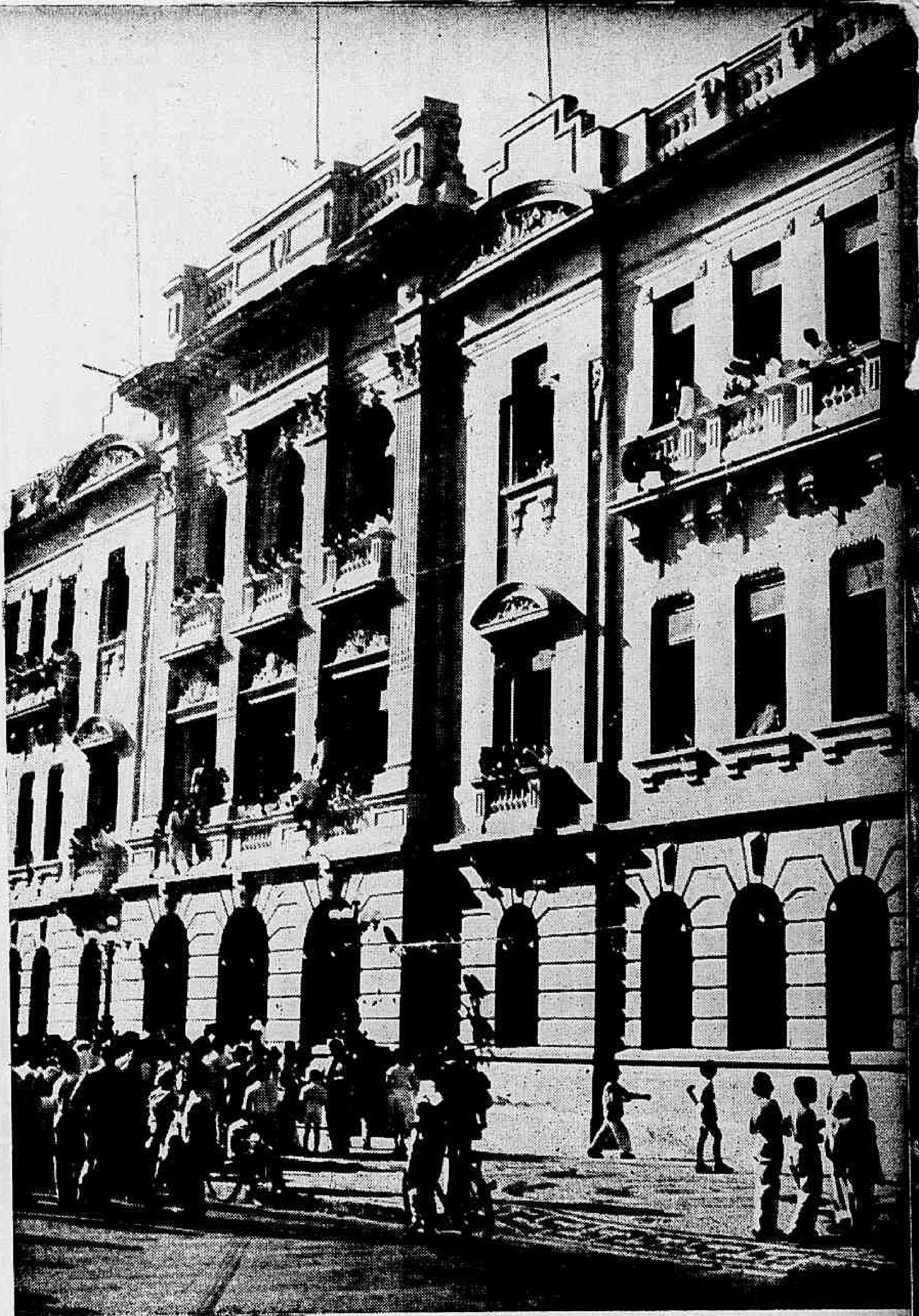
O dr. Agamenon Magalhães é recebido entre palmas e pétalas de rosas à entrada do Palácio do Govêrno, enquanto a Banda Municipal rompe em dobrados entusiásticos.



Momento dos mais emocionantes do dia 31 de janeiro: o presidente do Legislativo pernambucano, procedendo às cerimônias da posse do Dr. Agamenon Magalhães.



Como de praxe em tais ocasiões, o novo Governador lê o têrmo de posse. Em seguida é o dr. Agamenon Magalhães conduzido entre aclamações populares até ao Palácio.



Fachada do majestoso edifício da sede do Govêrno de Pernambuco num dos lados da Praça da República. E' um edifício de linhas arquitetônicas estilo Renascença.



Incalculável multidão veio até à sede do Govêrno festejar o inesquecível dia 31 de janeiro de 1951, invadindo o Palácio das Princesas e fraternizando em delirantes aclamações

BANQUETE

AS CLASSES PRODUTORAS DO RECIFE OFERECEM UM BANQUETE AO NOVO GOVERNADOR DE PERNAMBUCO, DR. AGAMENON MAGALHÃES



ASPECTO do banquete oferecido pelas classes produtoras ao dr. Agamenon Magalhães, saudando-o o deputado gaúcho Freitas de Castro.



O SR. ADEMAR da Costa Almeida, deputado pelo PTB e líder trabalhista, quando lia o seu substancioso discurso, cujos conceitos ecoaram no espírito dos presentes pela segurança dos pontos de vista e fé nos destinos do Estado.

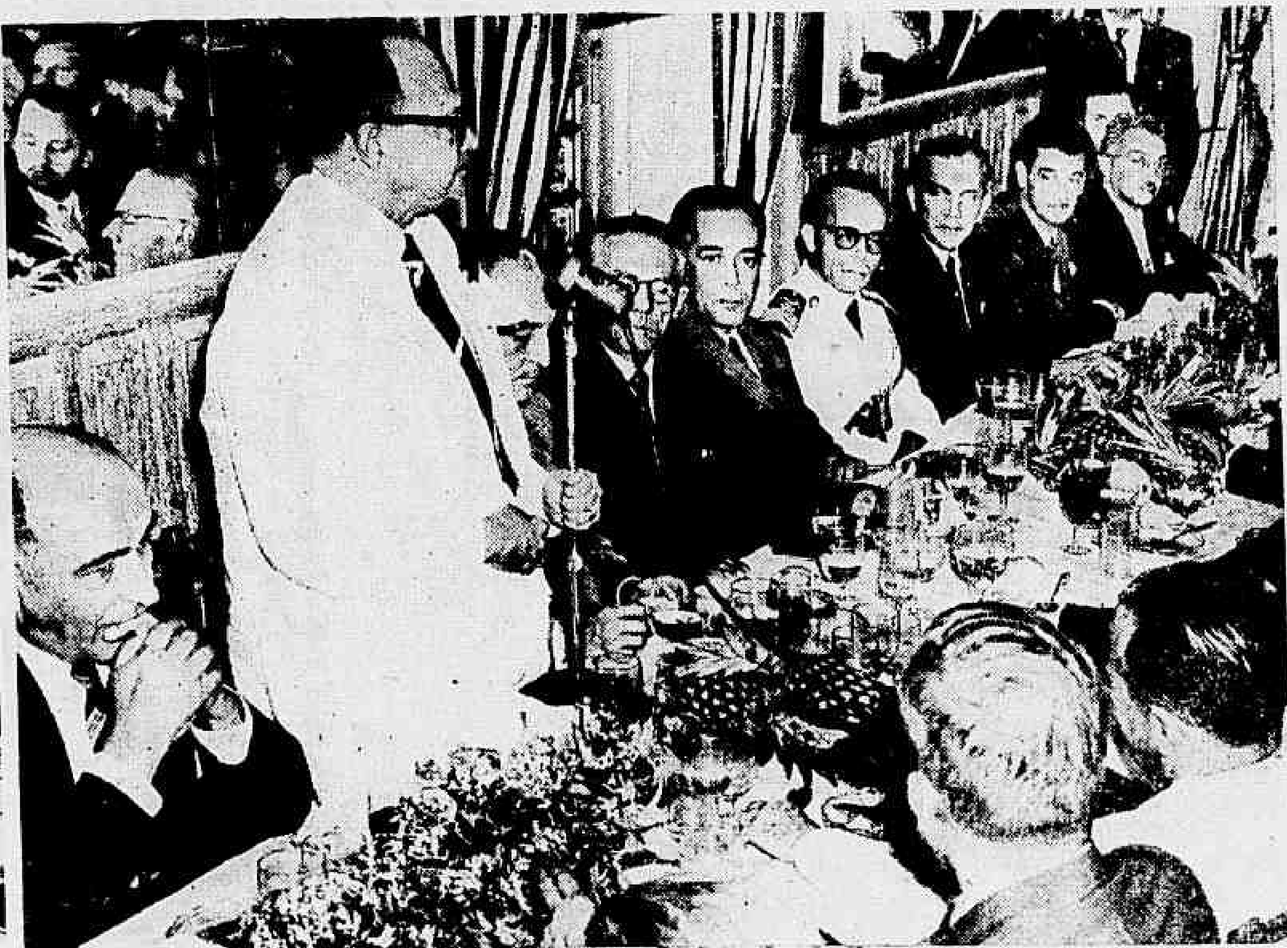
NO "Restaurante Leite", realizou-se o banquete de 150 talheres que as classes produtoras de Pernambuco ofereceram ao novo governador do Estado, Dr. Agamenon Magalhães.

Oferecemos nesta página uma visão do que foi essa homenagem de comerciantes e industriais, banqueiros e criadores pernambucanos ao homem que, pela segunda vez, torna ao seu Estado para assumir o poder e administrar. Os discursos pronunciados então refletiram o estado de alma de todos os comensais em face da nova gestão iniciada, não havendo nenhuma dúvida de que as classes produtoras do grande Estado do Norte estavam certas de que o Dr. Agamenon Magalhães saberia corresponder aos anseios da grande e laboriosa classe, ouvindo-lhe os reclamos a fim de que a economia e a vida social de Pernambuco continuem sempre a melhorar no sentido da abundância e do equilíbrio geral.

Ao terminar o banquete, encerrando a solenidade que ali congregou os expoentes da vida social e trabalhadora de Pernambuco, falou o Dr. Edgar Pessoa de Queiroz, a quem coube erguer um brinde ao Sr. Presidente da República, numa oração de grande beleza de forma e seguros conceitos humanos. O banquete do "Restaurante Leite" serviu, mais uma vez, para mostrar o quanto é o novo governador prestigiado pelas mais elevadas classes sociais do Estado, e uma afirmação de que essa harmonia de vistas ficará cada vez mais robustecida, para felicidade geral do povo pernambucano.

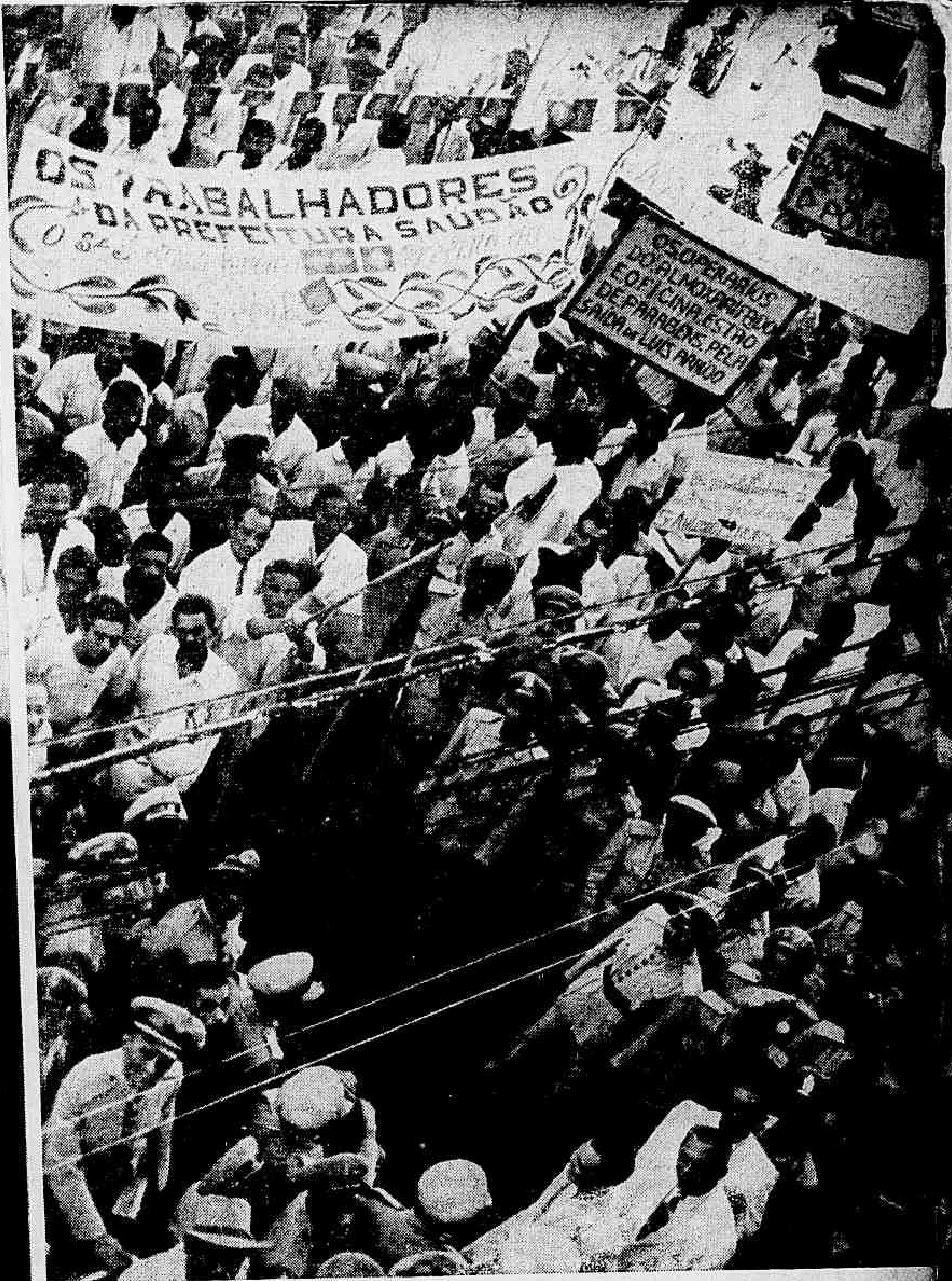


MOMENTO em que o sr. Edgar Bezerra Leite discursava, tendo à sua direita os srs. Apolônio Sales, Diniz Perilo, José Pessoa de Queiroz, todos figuras de grande projeção.



O banquete do «Restaurante Leite», no Recife marcou uma página de solidariedade ao novo Govêrno. O dr. Agamenon Magalhães, em belo improviso, agradece a prova de consideração.





SEGURANDO O MICROFONE, o novo Prefeito do Recife dirige aos seus munícipes palavras repassadas de simpatia, tendo ao lado o General Americano Freire, Com. da 7ª R.M. Lá fora o povo recifense demonstra ao Prefeito o quanto o estima e o quando espera de sua capacidade de trabalho já antes demonstrada e que não será por êle desmentida.

VOLTA A GOVERNAR A CIDADE O Sr. ANTONIO PEREIRA

O JÚBILO DO POVO RECIFENSE É DEMONSTRADO NAS ACLAMAÇÕES DE RUA

DENTRE o regozijo que imperou em todo o Estado a 31 de janeiro último, em virtude da posse do novo governador de Pernambuco, fato dos mais empolgantes foi registrado no Recife, com a posse do industrial sr. Antônio Pereira, na direção do Município do Recife.

A escolha do dr. Agamenon Magalhães foi recebida sob os maiores aplausos pelo povo e classes produtoras da capital pernambucana, pois que não se trata de nenhuma experiência, e sim, da recondução de um administrador sereno, probo e trabalhador. Todos os recifenses estão lembrados do que foi o esfôrço do novo Prefeito ao tempo do sr. Otávio Correia. O sr. Antônio Pereira, apesar de tôdas as dificuldades que se lhe deparavam, prestou ao Recife e ao seu povo, os mais assinalados serviços, tornando-se depositário da confiança dos pernambucanos e consolidando o seu grande prestígio pessoal, nutrido através de seus atos e de suas belas atitudes de homem público. À tarde do dia 31 de janeiro, foi o conhecido industrial investido no Executivo Municipal na Câmara dos Vereadores, cercado de amigos, admiradores e correligionários, entre o mais justificado entusiasmo do povo. Ao ato também compareceram altas autoridades estaduais e municipais, inclusive o Gen. Americano Freire, Comandante da Sétima R.M. sediada em Pernambuco. O discurso do novo prefeito, refletindo o seu equilibrado senso das cousas, muito agradou a todos.

★



DEPOIS DAS CERIMÔNIAS da posse, o sr. Antônio Perereira recebeu os abraços de seus amigos, os quais têm certeza de que o Município da terceira cidade do país, está de parabens.

Homenagem das Indústrias Alimenticias Carlos de Britto S. A. ao novo Govêrno do Estado, na pessoa de S. Excia. o Dr.

AGAMENON MAGALHÃES

GOVERNADOR ELEITO

E' MOTIVO de grande júbilo para todos os pernambucanos ver o seu Estado entrar em mais uma etapa de sua vida político-administrativa, sem abalos e crises do Poder, tudo se realizando pela manifestação pacífica e construtiva das urnas. A 3 de outubro último, em eleição democrática, livre e modelar, foi eleito pelo povo pernambucano o seu novo Governador, Dr. AGAMENON MAGALHÃES, figura das mais expressivas da nossa pátria, estadista experimentado na direção de nossa terra, legislador federal, e ex-Ministro da Justiça e do Trabalho, intelectual e homem de grande cultura; mais uma vez investido de tão altas funções públicas, merece S. Excia. que o povo pernambucano deposite inteira confiança na sua administração, e nós, industriais pernambucanos, solidários com o novo Govêrno, reafirmamos o prestígio que sempre lhe demos, a fim de que tôdas as fôrças construtivas do Estado de Pernambuco se articulem pelo progresso comum.

INDÚSTRIAS ALIMENTÍCIAS CARLOS DE BRITTO S/A

Fábricas: " P E I X E " — RECIFE — PERNAMBUCO

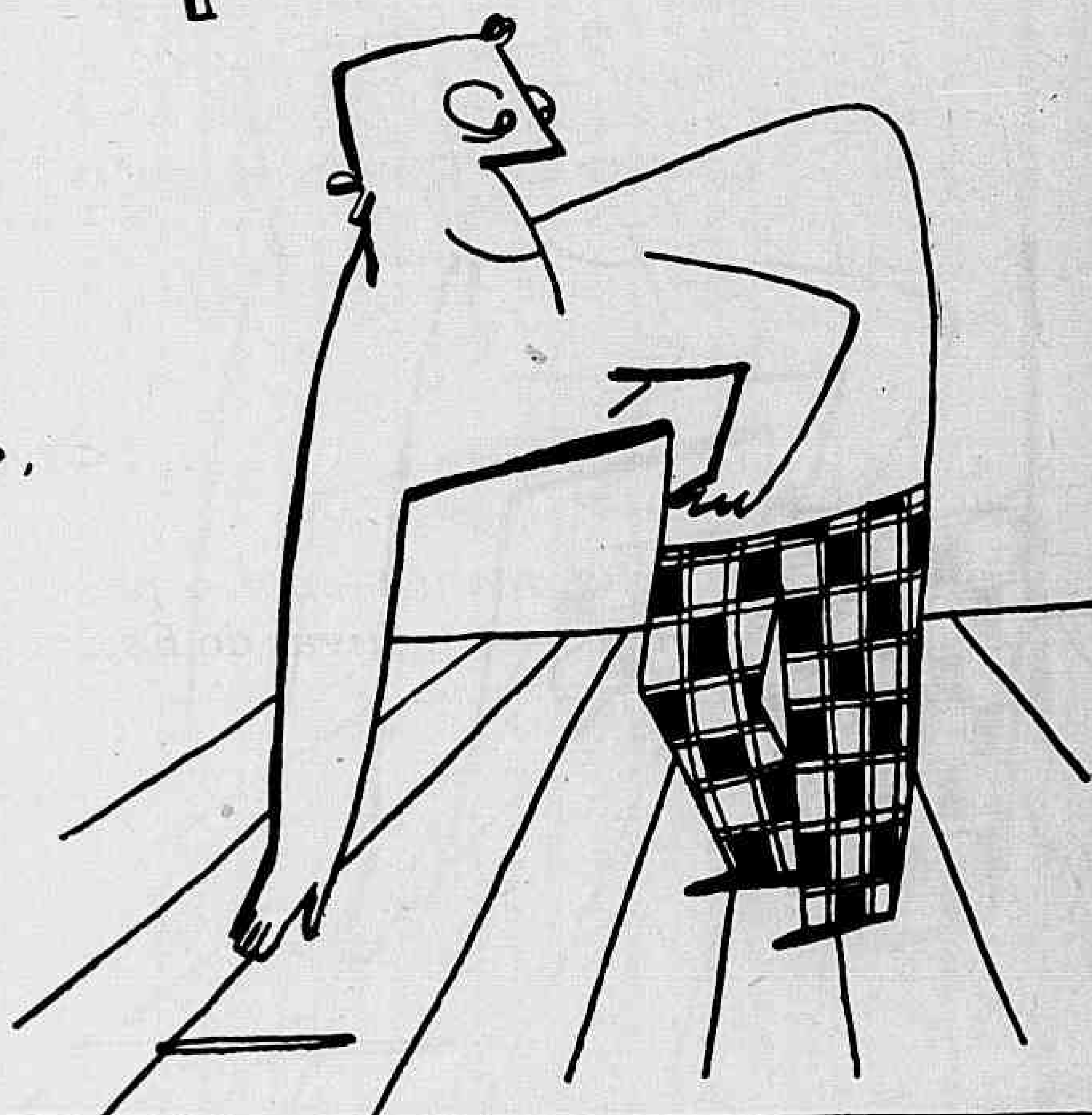
nicodemus REMEMORA OS TEMPOS DE



O QUE SE APRENDE NO BERÇO
SEMPRE DURA.
SE TORCE O
PEPINO
DE PEQUENINO.
DE PEQUENINO
VERÁS QUE BOI
TERÁS.
ASSIM ERA
A
ESCOLA:

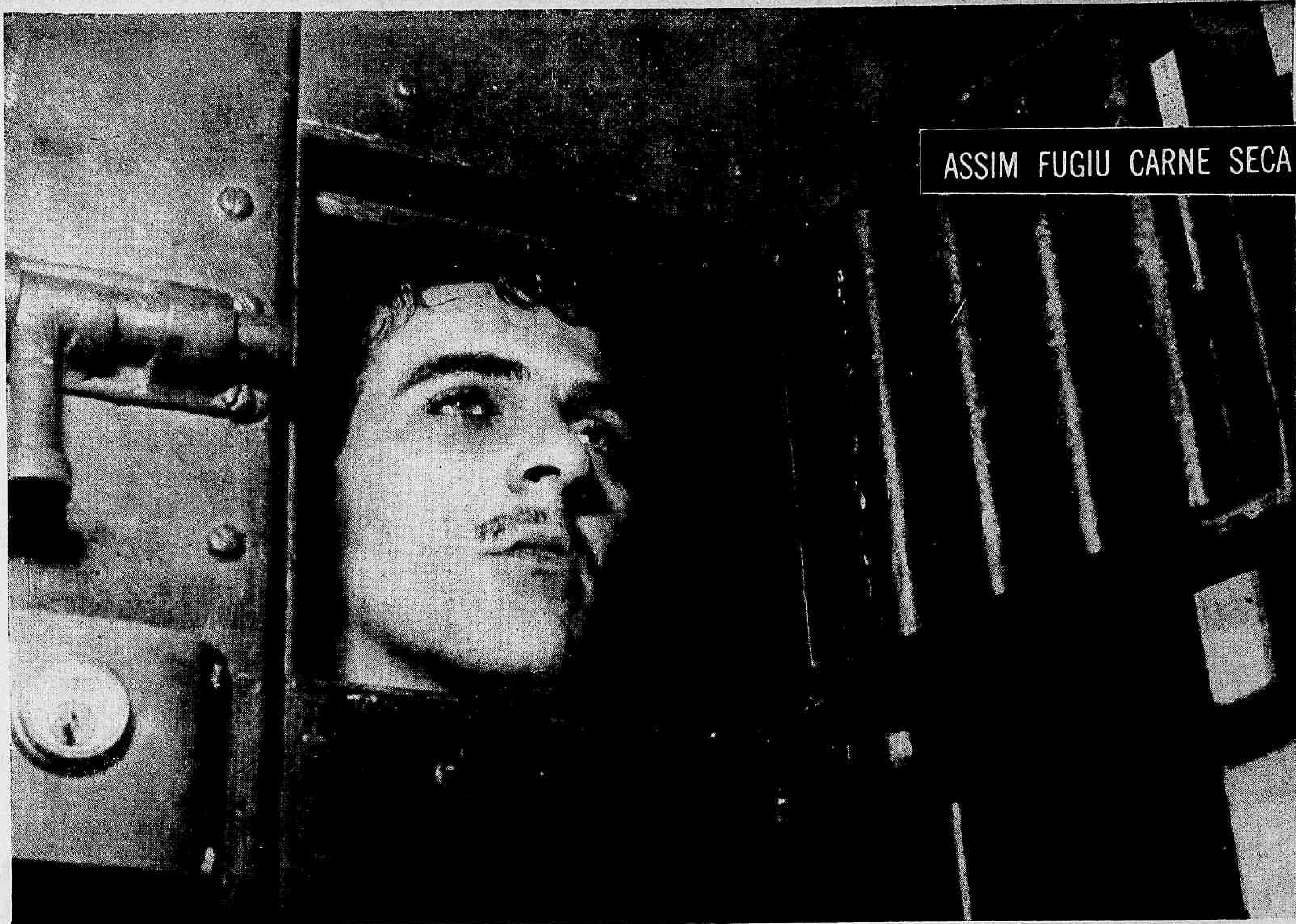
ALGUNS MERGULHAVAM NOS LIVROS
OUTROS NEM FERIAM DE LEVE
A SUPERFICIE DAS CAPAS...
AS MENINAS EM FRANCO DESENVOLVIMENTO,
A MAIS ADIANTADAS COMEÇANDO
A SE MOSTRAR,
REVELANDO APTIDÕES FUTURAS...

... E APRENDI QUE POUCO IMPORTA
QUE O GRAFITE NO INTERIOR DO LAPIS,
AO CAIR
NO CHÃO,
SE PARTA EM
MIL PEDAÇOS PEQUENINOS...





DEZENOVE TATUAGENS E DEZENOVE HISTÓRIAS DIFERENTES. "CARNE SÊCA" TRAZ NA EPIDERME A HISTÓRIA DE SUA VIDA.



— QUE E' QUE HÁ?

Do cubículo de sua céla, na Penitenciária da rua Frei Caneca, João da Costa Rezende olha o morro de S. Carlos e vai contar ao repórter como fugirá da próxima vez. Não hesita em advertir que usará arame e carretilha. Preparem-se, porque tudo será questão de oportunidade, e o rapaz, usando de franqueza, aqui deixou seu aviso prévio. Cautela, pois, senhores!

"E FUGIREI OUTRA VEZ!"

DECLARA O CONHECIDO HERÓI DAS FAVELAS ★ A FUGA É UMA CIRCUNSTÂNCIA NA VIDA DO SENTENCIADO, PREVISTA PELO CÓDIGO PENAL ★ CRISTO FUGIU ÀS PERSEGUIÇÕES DOS JUDEUS ★ BELMIRO VALVERDE E OTÁVIO MANGABEIRA JÁ FUGIRAM UM DIA ★ LUÍS CARLOS PRESTES CONTINUA FUGINDO ★ NUM PRESÍDIO SÓ HÁ PRESOS E CARCEREIROS, INCLUSIVE O DIRETOR QUE É O CARCEREIRO-MÓR ★ O RETRATO DE ELVIRA PAGÃ, A HISTÓRIA DAS TATUAGENS E A VISITA DE LUZ DEL FUEGO.

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES ★ Foto de WALTER MORGADO

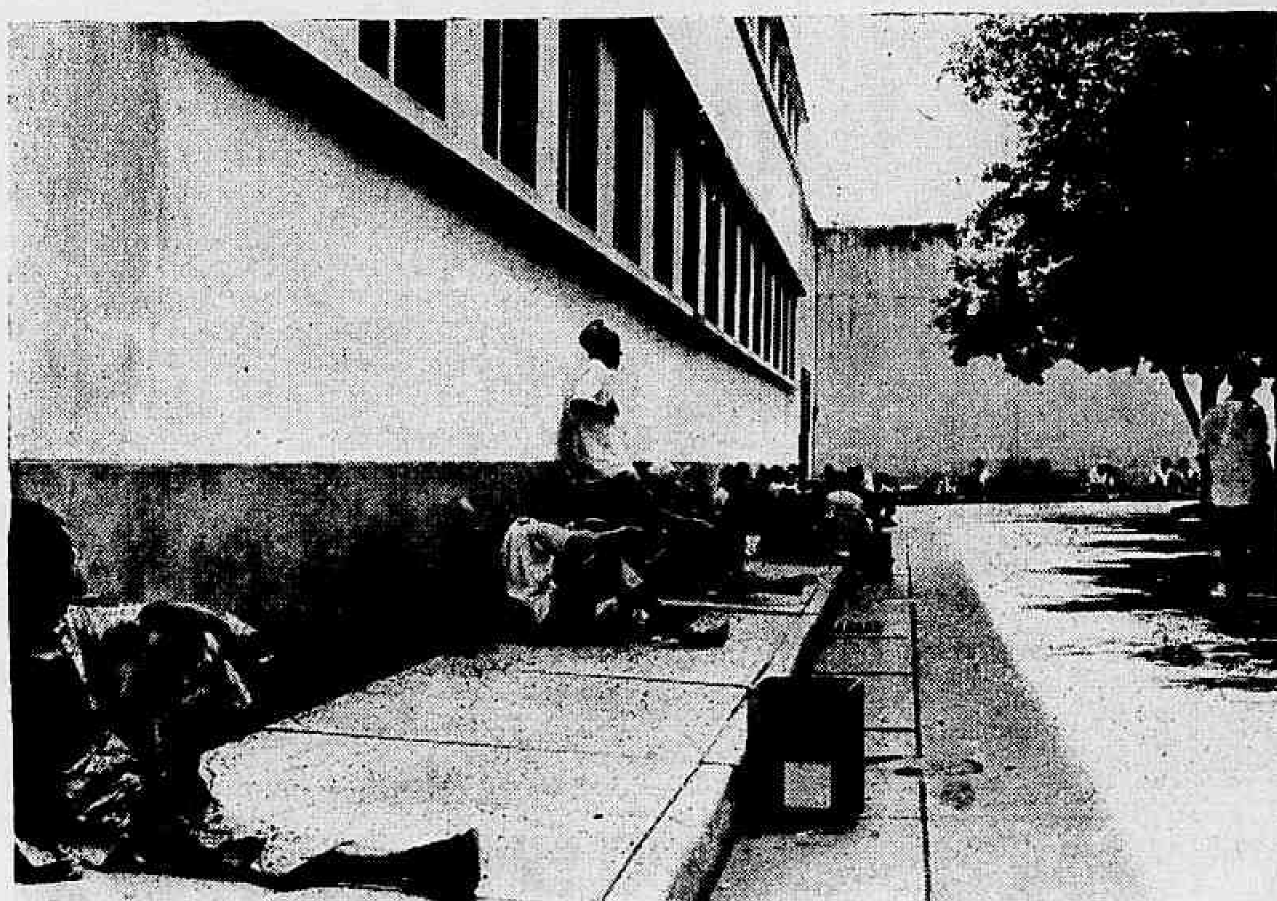
A notícia chegou à redação dos jornais: «CARNE SÊCA» FUGIU DA PENITENCIARIA. Trinta minutos depois tôda a cidade tomava conhecimento do fato. As agências telegráficas noticiaram o acontecimento para o estrangeiro. E à noite, a B.B.C., de Londres, comentava a espetacular fuga de João da Costa Rezende.

Eram 10 horas da manhã quando chegamos à redação. Antes, mesmo que comprimentássemos os colegas, o secretário foi logo perguntando:

— Onde está o «Carne Sêca»?

— Isso é o que a polícia quer saber — respondemos.

— Bem. O sr. está incumbido de fazer a reconstituição da fuga de «Carne Sêca».



DESCANSAR...

Um dos pátios da Penitenciária onde os detentos comportados ficam à vontade, em repouso.



LIBERDADE...

Mais de mil homens vivem no edifício purgando seus crimes. Entre êles está «Carne Sêca».



FUMANDO ESPERA...

O cigarro é o companheiro inseparável dos detentos e mesmo aquêles que nunca tiveram êsse vício, presos, o adquirem.



HIGIÊNE

Banho de sol e chuveiro, rosto lavado, dentes escovados...



LEITOR DE ZAMACOIS

A prisão é um «cemitérios dos vivos», já o disse Zamacois em «Os vivos mortos». Carne Sêca leu e vive a riscar paredes...

— Mas se êle está foragido...

— Não importa. Faça com outro...

Nesse mesmo dia telefonamos para o Tenente Castro Pinto — ex-diretor da Penitenciária. Mas não foi possível falar com o tenente. No dia seguinte, os matutinos noticiaram a prisão do foragido.

— Hum!!! E o secretário que queria a reconstituição mesmo com outro... A essa hora deve estar esfregando às mãos de contente. O azar é do «Carne Sêca». Bem. O homem está de novo nas grades. Agora não vale a pena perder tempo com telefonemas. Vamos até lá...

— E o Tenente...

— Ah! não se preocupe... O Tte. Castro Pinto é camarada. Antes de ser diretor da Penitenciária foi jornalista militante. Daí a afinidade que há entre êle e os profissionais da pena.

★

«João da Costa Rezende nasceu a 29 de abril de 1928, num barracão do morro da Favela. E', portanto, carioca e conta atualmente 23 anos incompletos. E' filho de João da Cruz Rezende e dona Josefina Alves da Costa, que praticou o suicídio recentemente. Seu pai foi funcionário pa Prefeitura do Distrito Federal, onde trabalhou alguns anos, estabelecendo-se depois com uma pequena casa de secos e molhados naquele morro. Contam que o estabelecimento era freqüentado diàriamente por vários malandros ali residentes, que contavam as histórias de suas valentias. Essas narrativas exerceram sôbre a criança verdadeira sedução. Gostava de ouví-las e repetí-las depois com os garotos de sua idade. Os filmes de mocinhos e as histórias de vilão foram outras tantas influências que o levaram ao crime mais tarde. Às vêzes fazia-se de «bandido», assaltava os garotos, tomava-lhes o dinheiro das compras, punha-os a correr morro a baixo. Orgulhava-se dêsses seus feitos e se mostrava envaidecido das vitórias



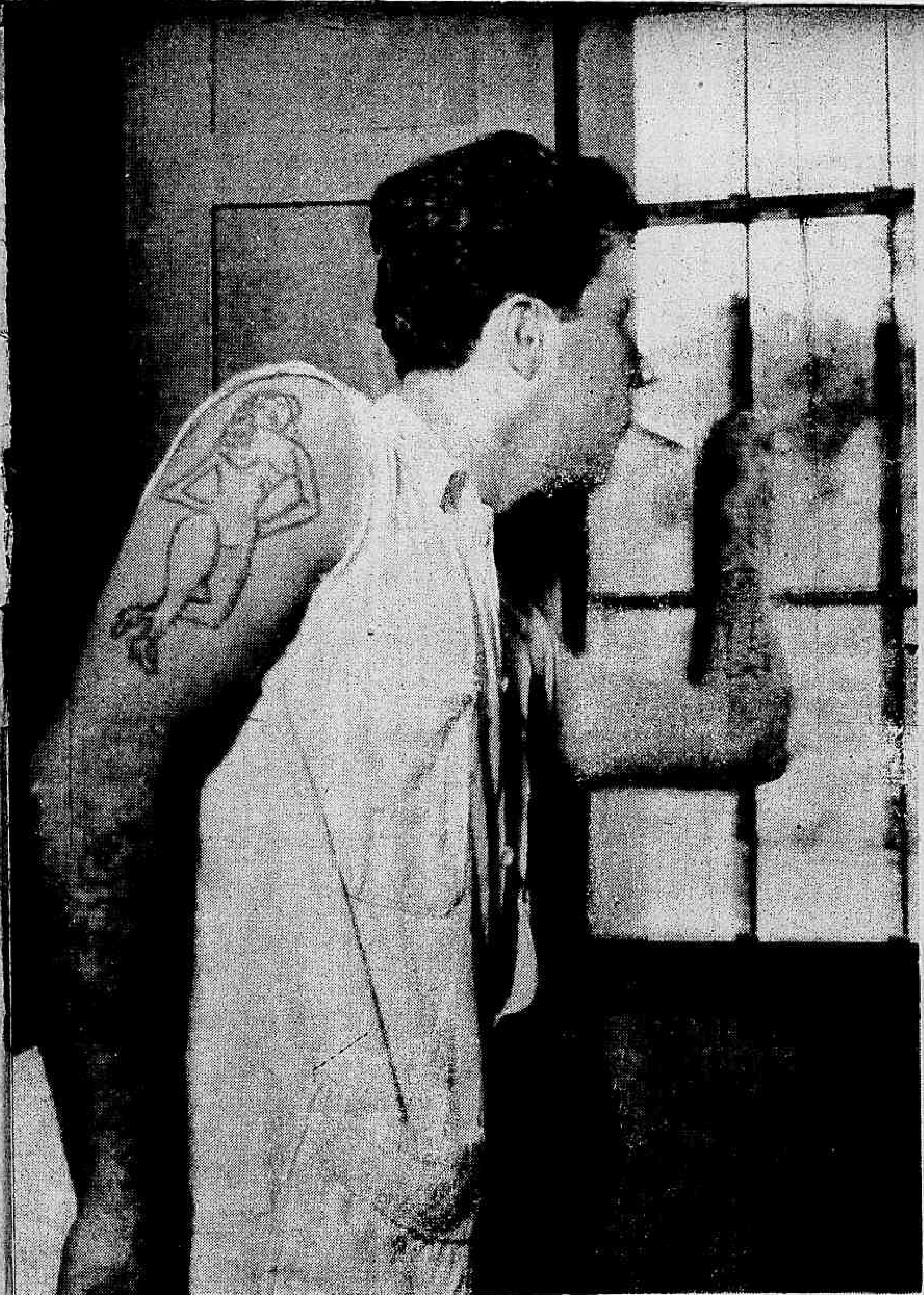
FUJÃO!

Enquanto os outros podem ficar nos pátios, êle vive prêso numa cela. E' o castigo a que estão sujeitos todos os fujões...



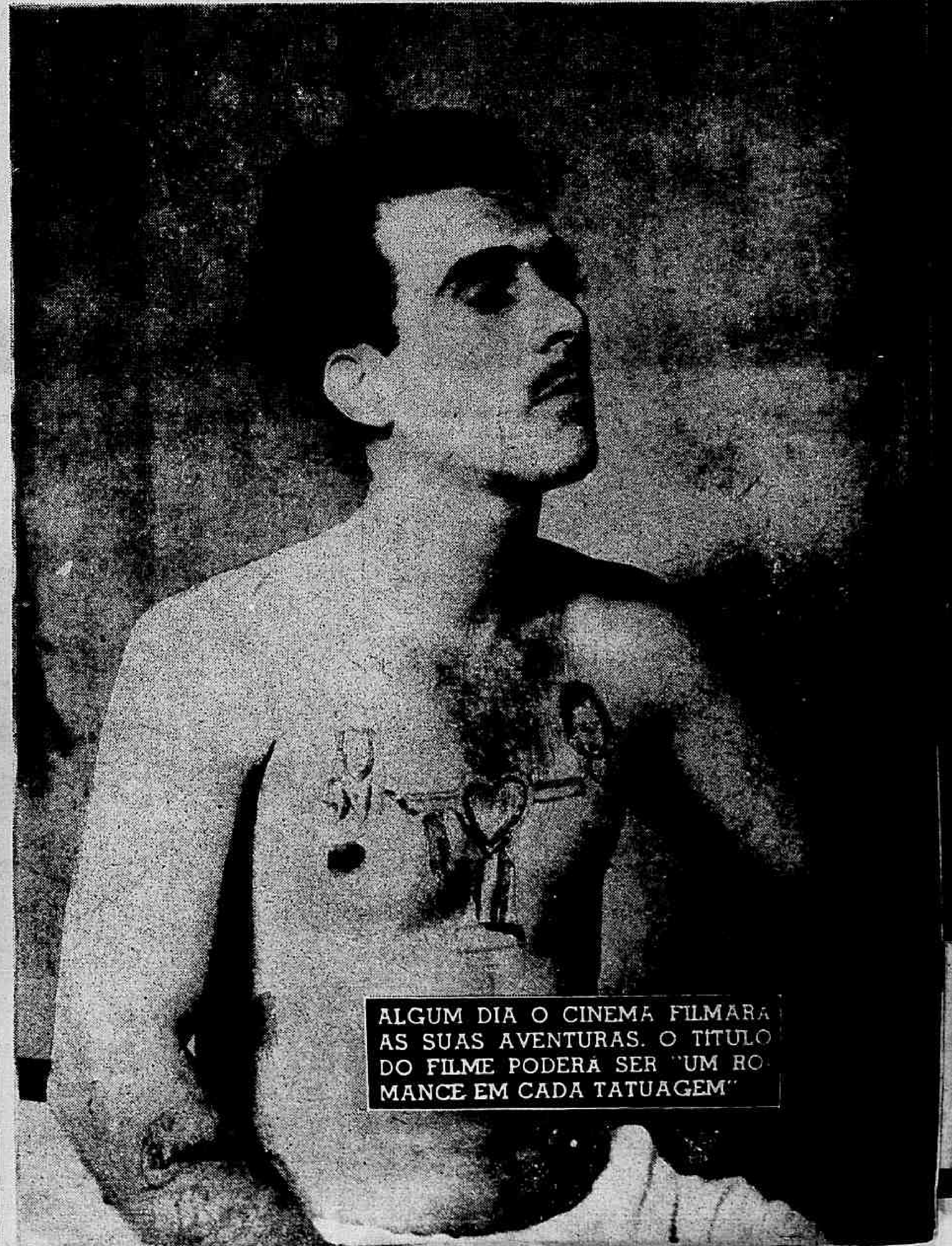
HEROI!

Que dirão os jornais hoje a meu respeito?



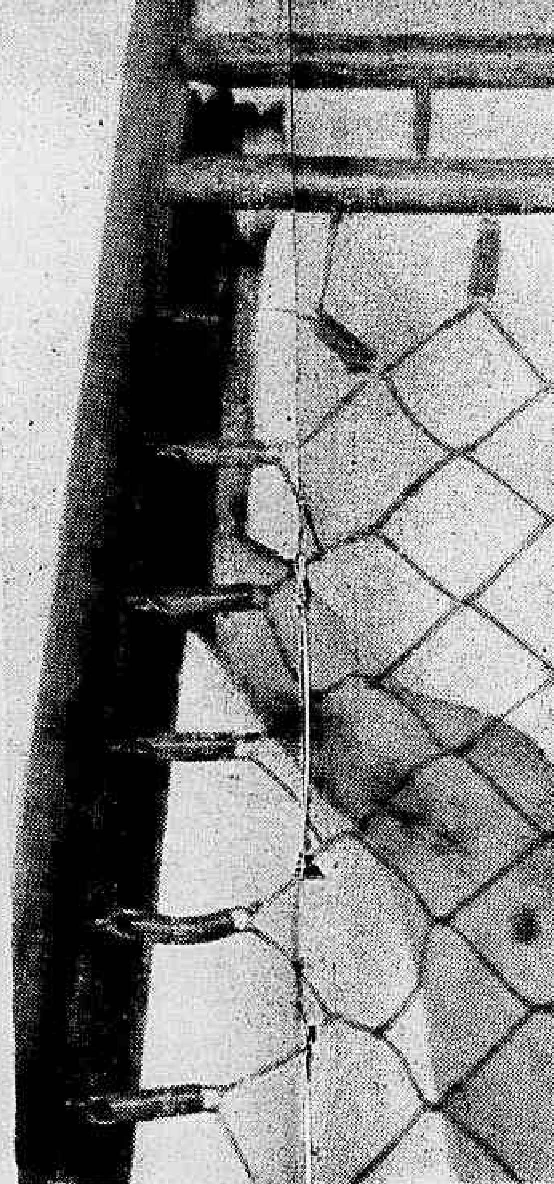






ALGUM DIA O CINEMA FILMARÁ AS SUAS AVENTURAS. O TÍTULO DO FILME PODERÁ SER "UM ROMANCE EM CADA TATUAGEM"





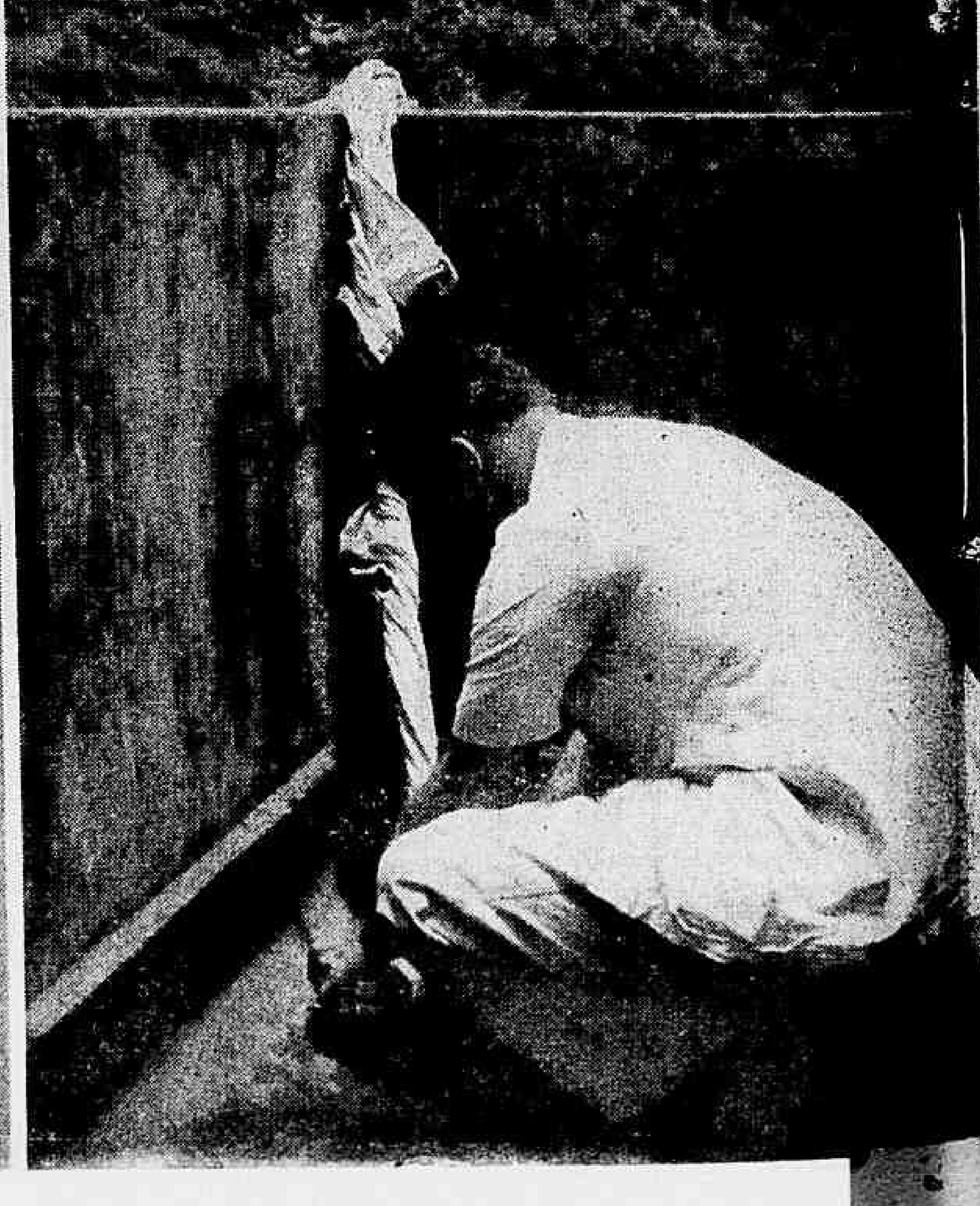
NESSA SEQÜÊNCIA de fotografias o leitor poderá ter uma idéia de como "Carne Sêca" conseguiu fugir pela terceira vez da Penitenciária Central do Distrito Federal. Foi, sem dúvida, um feito sensacional devido às circunstâncias em que se realizou. O edifício do presídio tem quatro andares. No último achava-se João da Costa Rezende, o conhecido "Carne Sêca". Devido à sua fuga anterior, vivia sempre na cela. Sòmente à tarde descia aos pátios para tomar banho de sol, assim mesmo escoltado por dois guardas. Contudo, tôdas as precauções d
vosa (escolhe
o que pacien






esquerda para a direita, em cima, êle aparece torcendo os lençóis que usou como corda. Em seguida, quebrou a cama patente. O estrado de molas usou-o como escada. A cabeceira serviu para quebrar o vidro da clara-bóia e as grades que a protegia. Subiu, e com jeito, quebrou tudo, abrindo passagem. Uma vez no sótão do edifício chegou ao terraço. Os guardas, devido ao lamaçal do pátio, estavam ausentes. Não havia o que temer. Amarrou a corda de lençóis num dos paus da cama e o introduziu no bueiro que há no terraço. Depois saltou o pe
tro muro q
um gancho

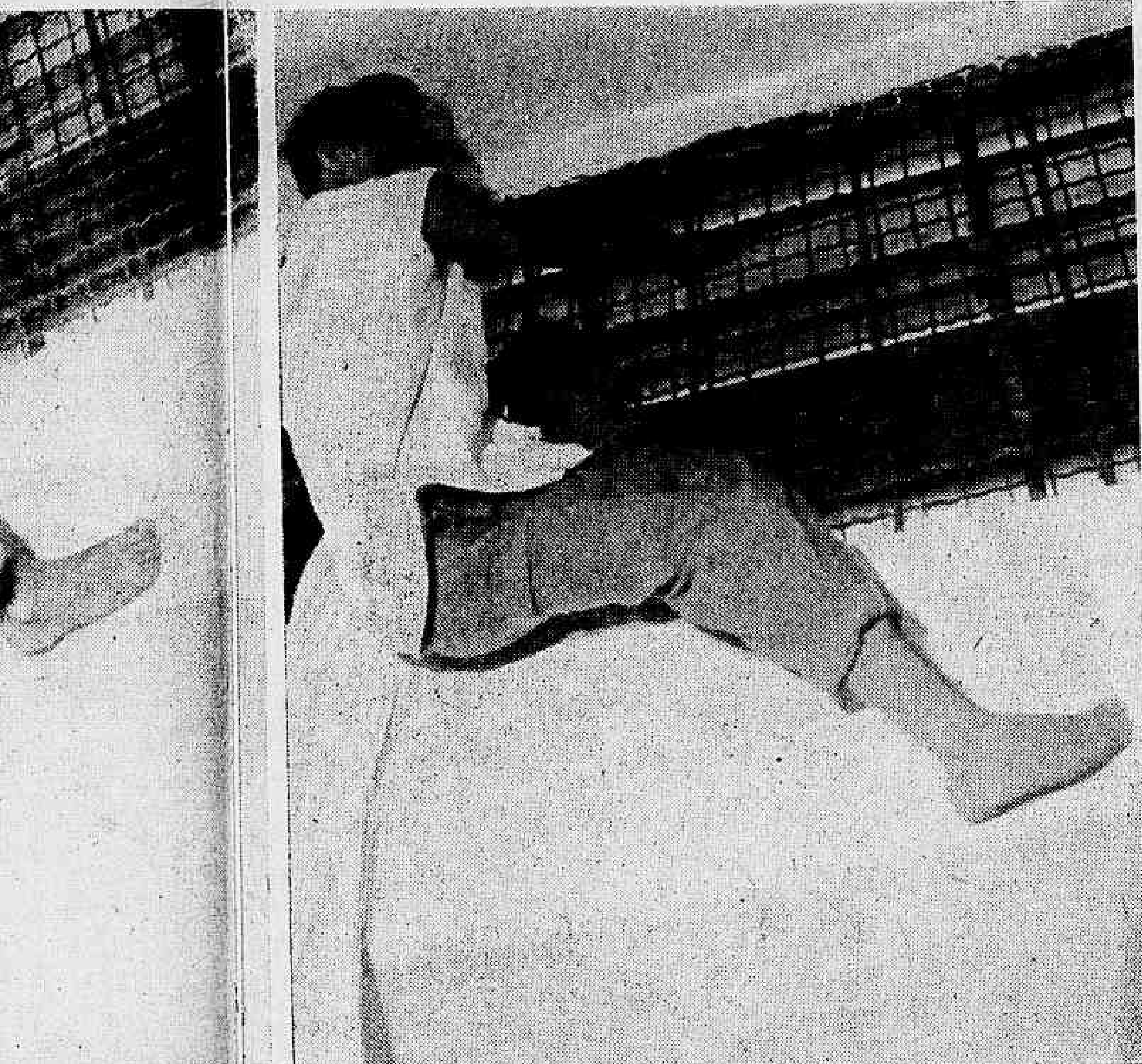







rior, vivia sempre
a tomar banho de
Contudo, tôdas as

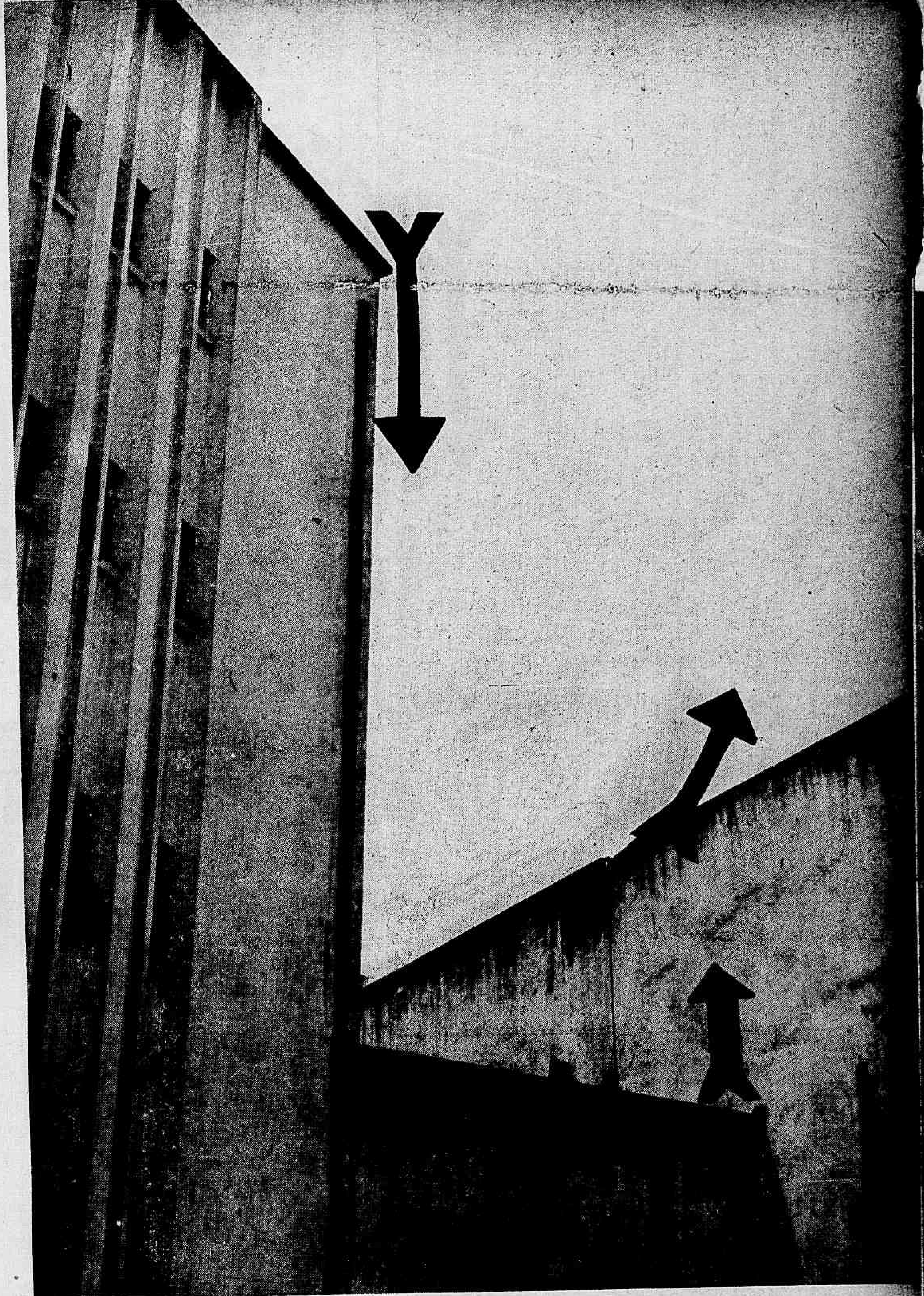
precauções da direção do presídio foram inúteis. Numa noite chuvosa (escolheu de propósito uma noite chuvosa) êle pôs em prática o que pacientemente vinha ruminando. Como o leitor pode ver, da



tio, estavam ausen-
de lençóis num dos
á no terraço. Depois

saltou o pequeno muro e pendurando-se nas cordas chegou ao outro muro que dá para o pátio número cinco. Aí, êle adaptou um gancho no ponta da corda de lençóis e atirou no grande muro.





OU A LIBERDADE OU A MORTE — teria dito "Carne Sêca" antes de tentar o sensacional salto que o libertaria finalmente, da prisão. Dentro da noite enorme, enquanto os sentinelas dormiam êle procurava a liberdade. Chegou até aqui sem maiores esforços e sem ser pressentido. Agora era o salto definitivo. Não hesitou. Agachado no muro que divide o pátio n. 5 de outro, chegou ao paredão que dá para o morro de S. Carlos. A corda havia sido lançada. O resto era fácil.

sôbre os outros garotos. Como era raquítico puseram-lhe o apelido de «Carne Sêca».

Chegou asim aos 11 anos. Nessa época ignorando os motivos, viu seu pai separar-se de sua mãe. Abandonada pelo marido, esta arcou com grandes dificuldades, enfrentando a miséria que lhe batia à porta».

Sentindo-se à vontade, liberto da autoridade paterna, «Carne Sêca» ficou livre também para as ações que copiava dos «valientes» da zona. Sua mãe não dispunha de energia bastante para domá-lo. Tornou-se então uma criança temida por todos e repudiada pelos outros meninos. Tal situação obrigou d. Josefina a recorrer às pessoas de suas relações para interná-lo numa instituição de menores. Foi matriculado e internado na Fundação Darcy Vargas, onde estêve 3 anos, trabalhando como pequeno jornaleiro. E foi campeão numa competição organizada pela Fundação.

Em sua infância «Carne Sêca» teve aspirações. Ora queria ser médico, ora queria ser engenheiro; mas nunca pôde nem mesmo completar o curso primário. Deixando a Fundação, arranjou um emprêgo de vidraceiro, trabalhando no ofício algum tempo. Data dessa época o seu casamento com Lêda. E' também de então o seu primeiro contacto com a polícia. Morava numa «cabeça de porco», onde travou conhecimento com um tal de Joel, que foi morto tempos depois. No quarto de Joel, um dia, a polícia apreendeu vários objetos roubados. Sua ligação com o meliante deu margem a suspeitas. Viu-se, portanto, envolvido e prêso. Embora protestasse, dizendo-se inocente, arranjaram-lhe três processos. Desde então, afirmou, «tornei-me um revoltado».

Posteriormente «Carne Sêca» foi condenado por 5 arrombamentos no 20º Distrito; 2 assaltos no 21º Distrito, além de outros crimes de tavolagem e sedução de menores. Perguntamos-lhe pelo bando que chefiava e êle, respondeu que nunca teve bando; que o bando só existe na cabeça da polícia. — «Sempre agi sòzinho», acentuou.

— «Apenas uma vez fui obrigado a admitir alguns trabalhadores». Foi quando assaltei um ônibus. E foi uma das boas batidas que fizemos. Depois de virar a caixinha do coletivo tomamos as carteiras dos homens e as jóias das «donas boas».

— Você não sente remorso do que fêz?

— Que remorso, que nada. Firemos uma boa farra. Vendemos algumas jóias e outras as oferecemos às nossas cabrochas.

— Se um dia voca encontrar-se conosco, na rua, terá coragem de nos assaltar?

— Por que não?! Salvo se, quando eu meter o revólver no seu peito, você disser: — «Que é isso «Carne Sêca», «livra minha cara», está me estranhando?»

★

João da Costa Rezende está condenado a 7 anos de prisão. Já cumpriu 2 anos e 6 meses. Durante êsse espaço de tempo fugiu 3 vêzes. Primeiro pelo esgôto, juntamente com outros presidiários. Depois quando era escoltado para o Tribunal do Juri, conseguiu burlar a vigilância dos soldados e escapou. Nessa ocasião foram mobilizados mais de 300 policiais para a sua captura. Houve batidas e cercos em todos os morros. Receioso de ser morto a qualquer momento, resolveu entregar-se ao Juiz Teles Neto, que o mandou a exame no Instituto Médico Legal a fim



...OUTROS MEMBROS DA FAMÍLIA

As 3 irmãs de «Carne Sêca». Duas ainda estão solteiras e são simpáticas. Ao contrário do ir mão, são de boa natureza. Em baixo, «Carne Sêca» entre a mãe adotiva e a irmã caçula.





COMENDO E PENSANDO...
Tomando a ração e meditando, naturalmente, na liberdade.

de ser provado que o seu corpo estava isento de equimoses. Prevenia-se assim o esperto «Carne Sêca» contra o ódio que a polícia tem pelos fujões.

Essas repetidas fugas, como é natural, têm deixado o Tenente Castro Pinto um tanto contrariado. Assim, como medida de prudência, João Rezende foi encerrado numa cela. Contudo, não lhe tem faltado nada, inclusive o necessário banho de sol. Mas, ao que tudo indica, «Carne Sêca» zomba das providências tomadas pela direção da Penitenciária. Pois, decorridos apenas 8 meses da sua segunda fuga, a cidade recebe com surprêsa a notícia de uma terceira e em circunstâncias espetaculares. Interrogado se tenciona abalar novamente, disso:

— Assim que me der na cabeça fugirei outra vez. Podem me botar até num subterrâneo!

Perguntamos por que fugia:

— Tenho saudades da liberdade, respondeu.

Depois de pequeno silêncio, panhou uma fôlha de papel almaço e começou a ler em voz alta o que o seu vizinho de cela — Macrino Barreto — escreveu inspirado nas suas fugas:

«Fugir é um direito que assiste a todos os perseguidos. Cristo fugiu às perseguições dos judeus. Napoleão tentou fugir de Santa Helena. Alexandre e Nero também fugiram. Belmiro Valverde e Octávio Mangabeira já fugiram um dia. E o grande Luís Carlos Prestes continua fugindo da sanha dos seus inimigos políticos. O Código Penal prevê a fuga no seu Art. 684, acentuando que a fuga é uma circunstância na vida do sentenciado. Num presídio só há dois tipos de gente: presos e carcereiros. Essa história de funcionários é lá fora. Aqui todos são carcereiros, inclusive o diretor que é o carcereiro-mor».

(Cont. na pág. 46)



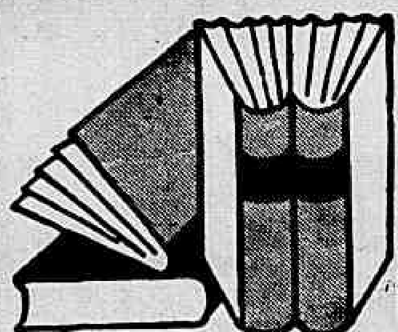
A MÃE DE "CARNE SÊCA"
D. Josefina Alves da Costa, mãe do nosso herói, cujo suicídio ocorreu há pouco. Ela no barracão da favela onde morava.



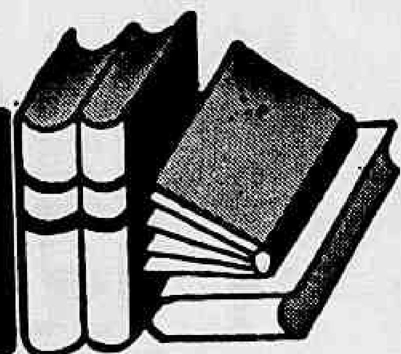
IMPORTANTE!
Mostrando ao repórter uma notícia destacada sôbre a fuga.



OUTRA IRMÃ
Outra irmã de «Carne Sêca» — já casada — com seu casal de filhos. Mora com o marido, na favela, e todos ali a estimam.



SEMANA LITERARIA



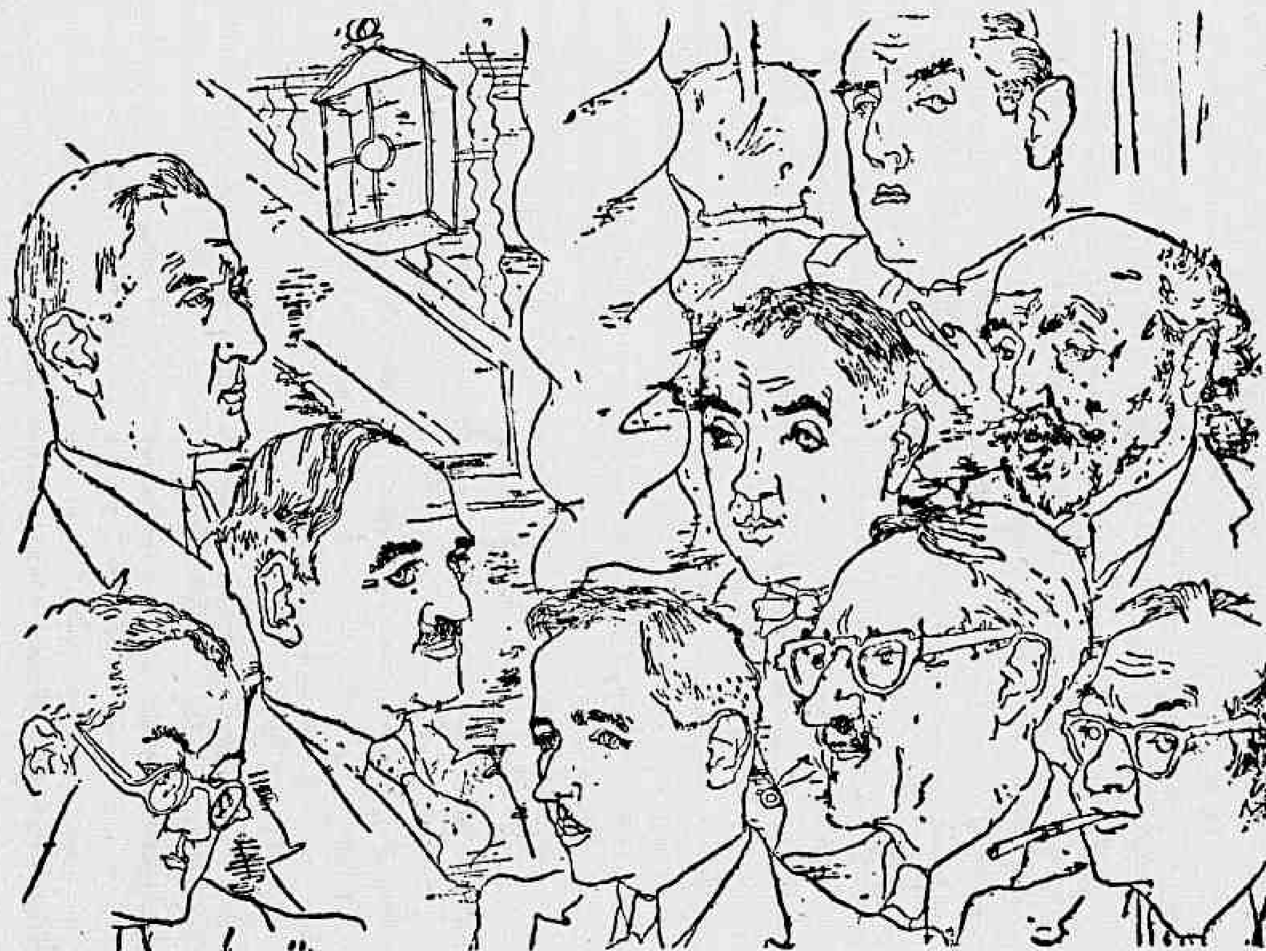
EDMUNDO LYS

ALBUM DE FAMILIA



EDITH SITWELL é, como seus irmãos Sir Osbert Sitwell e Sacheverel Sitwell, poeta e prosador, mas seu gênio criador se expande, sobretudo, na poesia. Publicou seu primeiro livro de poemas em 1915. Em seguida, apareceu "Gold Coast Customs", sôbre o qual disse W. B. Yeats palavras de grande louvor, declarando que sua leitura lhe deu a impressão de que algo ausente da literatura, durante uma geração, voltava nessa obra. Além de outros livros, há um volume de poemas escolhidos da grande poetisa inglêsa, aquêles que ela pretende conservar. E, recentemente, dela apareceu uma antologia assinada por ela — "A Book of the Winter".

PRÊMIO DE CRITICA



O prêmio de crítica, da literatura francesa, coube em 1950 ao crítico Pierre de Boisdeffre, pelo seu livro «Métamorphose de la Littérature, de Berrès à Malraux». No clichê, vemos o grupo de críticos que concederam o prêmio, durante a recepção de seu confrade: da esquerda para a direita, no primeiro plano, Yves Gondon, Gabriel Brunet, Boisdeffre, Robert Kemp, Lebracherie; no segundo plano, Marcel Thiébaut, Roger Giron, F. de Roux e Fernand Gregh.

★

MAR DE HISTÓRIAS

Com o segundo volume de *Mar de Histórias*, de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Ronai, a Livraria José Olimpio Editôra continuará a publicação da sua grande antologia do conto mundial, vasto panorama dêsse gênero literário em tôdas as linguas através dos séculos. Em cinco volumes, os autores de *Mar de Histórias* apresentarão ao público brasileiro os mais belos contos da literatura universal, traduzidos diretamente de 17 linguas diversas, abrangendo o gênero desde os seus mais remotos principios até os dias de hoje. Dos primitivos escritores das milenárias civilizações asiáticas — Índia, China, etc. — aos mais modernos ficcionistas da Europa e da América, *Mar de Histórias* é um grande roteiro das mais belas e estranhas narrativas. Aventuras, amôres, crimes, ódios, lendas, o natural e o sobrenatural, as mais diversas paisagens, tudo abrangerá essa notável antologia, nas suas páginas admiráveis. Os maiores nomes da literatura uni-

★

NOTICIÁRIO

CONTOS DE GASTÃO CRULS

Gastão Cruls, escritor de sólida reputação, é um dos nomes atualmente mais em evidência no difícil terreno da história curta — o conto — em que se destaca não só pelas suas qualidades de prosador ricamente dotado, como também pela sua vigorosa imaginação e acentuado poder de análise psicológica. Romancista experimentado, historiador de grande erudição e bomgôsto, Gastão Cruls revela-se no conto um mestre dificilmente superado, com o acréscimo de um toque especial capaz de seduzir o mais indiferente dos leitores. Dando às suas narrativas um enrêdo perfeitamente caracterizado, onde as ações se sucedem bem encadeadas desde o início até o desfecho, Gastão Cruls não procura fazer impressionismo, preferindo, ao contrário, descer em profundidade na alma de suas personagens, delineando-lhes o retrato físico e psicológico com extraordinário vigor. Nos seus *Contos Reunidos*, que a Livraria José Olimpio Editôra anuncia para breve, onde estão juntos quatro livros no gênero (*Coivara, Ao Embalo da Rêde, História puxa história e Quatuor*), Gastão Cruls demonstra-nos tôda a fôrça de sua imaginação, oferecendo-nos um punhado de esplêndidas narrativas. Drama e tragédia, histórias do campo e da cidade, amor, ódio, ciúme, tudo se encontra nesses contos do escritor carioca, que tão admiràvelmente sabe explorar os mais recônditos desvãos do coração humano, e ao mesmo tempo trazer até diante de nossos olhos os bucólicos encantos de uma paisagem rural, com os seus tipos mais expressivos através de crendices, usos e costumes típicos.

Fatalismo

Alarico da Silva Costa

SE NÃO SE PODE CONTROLAR A VIDA;
SE NÃO SE SABE QUANDO A MORTE VEM;
SE NÃO SE PODE A UMA ALMA EMPEDERNIDA,
POR MAIS SE TENTE, CONVERTER AO BEM;

SE NÃO SE PODE, NA TERRENA LIDA,
VER O FUTURO RESERVADO A ALGUÉM;
SE É, TÃO SÒMENTE, O AMOR QUE CONSOLIDA
TÔDA A BELEZA QUE A EXISTÊNCIA TEM;

SE É NO ÓDIO QUE A SANHA FRATRICIDA
BUSCA AS FÔRÇAS DO MAL, A QUE SE ATÉM;
SE NUNCA FOI VERDADE ESCLARECIDA
QUE HAJA OUTRA VIDA ALÉM DA MORTE... ALÉM;

. . . .

DESFRUTE O MAU O BEM QUE HOUVER NA VIDA!...
PERDOE O BOM O MAL QUE A VIDA TEM!...

Fora do Prelo

A RAINHA DO DO MEIO DIA — Barros Ferreira — Clube do Livro. — S. Paulo

Êste romance focaliza figuras e acontecimentos do momento atual. E' a fixação do mundo imediatamente anterior à segunda Guerra e, para facilitar os aspectos espirituais que desejou, o autor dá como cenário, um navio que deixa a Europa, tomando seus personagens entre os viajantes de diversas nacionalidades, de mentalidades diversas, de dramas diferentes, para reduzi-los a êsse denominador do mesmo problema, a fuga da Europa, assim variando, dentro da unidade o seu enrêdo. Acontece, porém que assim o romance resulta em um livro estático e evocativo O que se passa de romanesco é através de recordações, restringida a ação aos rotineiros acontecimentos da vida de bordo. Além disso, o romance nos apresenta personagens que, em vez da condição humana, nos aparecem como simples reativos da história que o autor nos quer contar e que não é pròpriamente uma história, mas uma crônica de viagem, animada de idéias, teorias, conceitos. Há a salientar, no livro, sua boa linguagem, seu estilo agradável.

★

NO CICLO ETERNO — Hernani Negrão — Editora Capiólio — Rio.

Em um abundante prefácio, o autor explica sua poesia que se comunica de panteismo e de espírito filosófico. A natureza, o amor e os problemas transcendentes do ser constituem o **substractum** dêste lirismo, vasado em formas tradicionais, aqui e ali animados de uma eloqüência a que o poeta não quis torcer o pescoço, esquecendo o sábio conselho. Assim, o que há de mais interessante, no livro, é a parte em que Hernani Negrão reduz, à métrica, alguns temas da filosofia, como, por exemplo, o sonêto que dedica à «Evolução da Matéria», e os que nos falam da «Fecundação», da «Cosmogonia», de acôrdo com as teorias de Epicuro e Lucrécio, etc., tudo contribuindo para a revisão dêsses assuntos, de maneira sintética, em versos trabalhados em que se admira, sobretudo, um espírito culto, a que a poética serve de instrumento, no trato de motivos que a poesia ignorava e com os quais é evidente que não se dá muito bem.

★

INGLÊS COMERCIAL — Fritz Hirschfeld — Edições Melhoramentos — São Paulo

Já não constitui tema de discussões a série de diferenças que há entre o inglês da Inglaterra e o dos Estados Unidos; o português do Brasil e o de Portugal; o espanhol da Espanha e o dos países hispano-americanos. Simplesmente porque são diferenças que, de fato, existem, e ninguém poderá fazê-las desaparecer com citações de leis glotológicas. Apenas cabe registá-las criteriosamente, e estudá-las, lado a lado, para que, afinal, não se formem dialetos e mais dialetos — que estão para a verdadeira linguagem como a caricatura está para o retrato.

De enorme utilidade é o «Inglês Comercial», que as Edições Melhoramentos nos oferecem em cuidado volume. O autor, Fritz Hirschfeld, mostra as diferenças a que aludimos e estabelece confronto de palavras, frases e expressões britânicas e americanas, o que facilita bastante o seu estudo e conseqüente compreensão.

Manual de correspondência, com fraseologia e dicionário comercial, esta obra — especial para as Escolas Técnicas de Comércio — prestará grande colaboração aos estudantes, aos próprios mestres e, no sentido de ampliação cultural, a todos que se interessem pelos assuntos lingüísticos.

MODERN ENGLISH — Fritz Pietzschke — Edições Melhoramentos — São Paulo

Raro, raríssimo é o aluno que, ao sair diplomado segundo as regras da arte, duma escola, saiba entender inglês, espanhol, francês E' verdade que se bacharelou. Mas, em teoria. Salvo uma ou outra frase corriqueira, uma gíria cinematográfica, modismo popular, os bacharéis não compreendem, realmente, nada, quase, de linguagem tão necessárias ao mundo moderno. Isto, claramente, de modo geral, porquanto há estudantes que as falam com facilidade. Ocorreram-nos estas considerações diante dos 3 volumes para a 2ª, a 3ª e a 4ª séries ginasiais do «Modern English», de Fritz Pietzschke, em edição de Melhoramentos, dentro daquêles moldes de bom-gôsto a que já nos habituou.

Trata-se de obra objetiva, inteligente, atraente, de forma que o leitor se interessa, de fato, pelas suas páginas, e vai aprendendo sem esfôrço.

Escrita em método atraente, sem rotina, esta série do «Modern English», amplamente ilustrada, focaliza ambientes, acontecimentos, aspectos físicos, mapas e gráficos das terras de idioma inglês, o que constitui mais um motivo de agrado para o aluno.

Parece-nos que «Modern English» concorrerá, de modo efetivo, para tornar o estudo do inglês matéria de atração, a fim de que a mocidade se vá compenetrando do extraordinário valor e utilidade de língua tão divulgada no mundo civilizado.

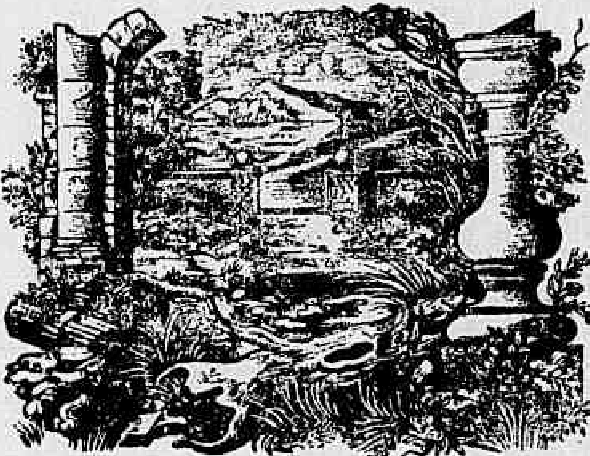


ILUSTRAÇÃO para a antologia de poemas vitorianos, «The Forsaken Garden», recentemente editada na Inglaterra. Desenho da sôbre-capa, de Biro. Os autores são John Heath-Stubbs e David Wright.

★

OUTROS LIVROS

Foi exibido, nos cinemas do Rio, o filme «A Glória de Amar», em tecnicolor, com os seguintes artistas: Errol Flynn, Greer Garson, Walter Piedgeon, Robert Young e Janet Leigh, baseado no famoso romance de John Galsworthy — «A Crônica dos Forsyte» — cuja tradução brasileira foi publicada pela Livraria José Olympio Editora. Em três volumes, intitulados «O Proprietário», «Irene» e «Despertar», traduzidos por Rachel de Queiroz, conta-nos Galsworthy a história de Irene Forsyte, a mulher que soube realmente incarnar a glória de amar, dando-nos ao mesmo tempo um inesquecível retrato da burguesia inglêsa da éra vitoriana, onde o direito de propriedade, para a sociedade britânica, devia ser exercido até sôbre o coração humano. «A Crônica dos Forsyte», segundo um crítico, é a luta entre a Beleza (Irene), e o senso de Propriedade (Soames Forsyte, o marido). Belo e inesquecível, êsse romance, agora transposto para o cinema, merece ser lido por todos aqueles que procuram encontrar a verdade humana nas páginas das grandes obras da literatura universal.

★

A Livraria José Olympio Editora acaba de publicar «Regime de Liberdade Social», ensaio de Paulo Nogueira Filho, deputado federal por S. Paulo e membro do Partido Social Progressista do mesmo Estado. Nascido na grande província bandeirante, Paulo Nogueira Filho é antigo militante na política nacional, tendo iniciado suas atividades nesse setor ainda mal saído dos bancos acadêmicos. Foi um dos primeiros, no Brasil, a pugnar pelo voto secreto, e em 1926, ao lado de outras figuras de prestígio de seu Estado natal, fundou o Partido Democrático de São Paulo, marco primeiro de uma carreira admirável que ainda hoje prossegue. Revolucionário de 24, 30 e 32, quando dedicou o melhor de suas fôrças à vitória dos ideais que o animavam, sofreu mais de uma vez as agruras do exílio, a última ao lado de Armando Sales de Oliveira. Percorrendo a Europa e a América como exilado político, foi-lhe a saudade da pátria incentivo para o aperfeiçoamento de uma cultura já de si bastante sólida, tendo acompanhado, inclusive, cursos na Sobornne, e colaborado intensamente na imprensa de vários países sul-americanos. Por outro lado, todos êsses anos de viagens e observações aguçaram-lhe o espírito para a meditação sôbre os grandes problemas sociais de nosso tempo, vistos à luz das novas condições enfrentadas pelos povos do mundo inteiro após a primeira guerra mundial. Regressando ao Brasil em 1945, ingressou Paulo Nogueira Filho nas fileiras da U.D.N., elegendo-se então deputado federal por São Paulo. Na Assembléia Nacional Constituinte de 1946, e, posteriormente, na legislatura normal, Paulo Nogueira Filho teve oportunidade de desenvolver profícua atividade, tornando vitoriosos muitos pontos de vistas seus. Deixando mais tarde a U.D.N., por divergências ideológicas, Paulo Nogueira Filho passou então a integrar os quadros do P.S.P., ocasião em que se mostrou infatigável defensor da autonomia de sua terra natal, por mais de uma vez ameaçada.

Publicando agora «Regime de Liberdade Social», Paulo Nogueira Filho volta a debater, desta vez através da mensagem mais ampla do livro, talvez o problema mais importante para os homens de todos os tempos, ou seja o problema da Liberdade e da Opressão, encarado como fenômeno psico-social. Êsse problema, de fundamental importância em nossos dias, quando o mundo se divide em dois campos opostos, deve e precisa ser meditado por todos os homens de responsabilidades públicas, e, está desenvolvido no belo ensaio de Paulo Nogueira Filho, com o brilho, e inteligência e a cultura de seu autor. Homem público atuando nas altas esféras administrativas do país, administrador êle mesmo imbuído dos mais avançados princípios em relação ao trabalho e ao homem, Paulo Nogueira Filho, nas páginas de «Regime de Liberdade Social», apresenta-se como sociólogo de méritos evidentes, apto portanto a contribuir para o desenvolvimento dêsses estudos tão essenciais à formação de uma élite intelectual consciente e sempre vigilante.

CINEMA E LITERATURA



A VOLTA DE «TOPAZE» — Neste clichê, temos Marcel Pagnol, o autor da peça e também diretor do filme que está sendo refilmado, com o cômico Fernandel, intérprete, desta vez, do papel que Jouvet tornou célebre no mundo inteiro. A escolha de Fernandel para esta segunda versão de «Topaze», obedeceu ao critério de tornar um pouco humorístico êsse amargo personagem do repertório de Pagnol. Outros intérpretes do papel-título, no teatro, foram também atores cômicos, como Larquey, Lefaur, Marcel Vallée. Fernandel, que toca no momento ao ápice de sua triunfal carreira cinematográfica, inclusive representando dramas e melodramas, dá ao herói um desempenho muito pessoal, fazendo verdadeira criação em «Topaze».

★

versal nela figuram, clássicos e modernos, escolhidos com bom-gôsto através de suas melhores produções no gênero. O segundo volume abrange o período de 1800 a 1860, alinhando, entre outros, os seguintes escritores: Prosper Merimée, Hawthorne, Edgar Pöe, Andersen, Dostoiewski, Hoffman, Gerard de Nerval, Turguenief, Alfred de Musset, Keller, Collins, Charles Dickens, Gogol, Balzac, Puchkin, Stendhal, Hebel, Morier, Maistre, etc., todos apresentados em escrupulosas traduções, sendo cada conto precedido de uma nota bibliográfica do autor. Dessa grande obra afirmou Raquel de Queiroz: "Representa não um simples acontecimento de livraria, mas um acontecimento de cultura. E' obra que não teve que passar pelas sete provas da estréia: surge pela primeira vez aos olhos do público como aquelas estátuas gregas que já são desenterradas perfeitas e clássicas".

A MORTE DE JEAN VALTIN

Acaba de falecer nos Estados Unidos, onde se refugiara há alguns anos, o cidadão Konrad Krebs, mundialmente conhecido sob o pseudônimo literário de Jan Valtin, com que assinou o livro intitulado *Out of the night*, publicado no Brasil pela Livraria José Olimpio Editôra sob o título de *Do Fundo da Noite*, em tradução de R. Magalhães Jr. e A. C. Callado. Obra de grande repercussão e sucesso no mundo inteiro, traduzida para várias línguas, *Do Fundo da Noite* é a história das aventuras do autor como espião nazista e comunista. Emocionante como um autêntico romance policial ou de aventuras, *Do Fundo da Noite* já se encontra no Brasil em terceira edição, o que bem demonstra o grande êxito de livraria que obteve. De Jan Valtin, aliás, a Livraria José Olimpio Editôra anuncia ainda para êste ano um novo livro, que na edição original americana se intitula *Wintertime*.



NO INFERNO

NOVELA DE H. FURQUIN DE OLIVEIRA

CABELOS amarfanhados, olhos vermelhos, fisionomia deprimida, com os lábios trêmulos e quase brancos, grita a mulher que segura uma garrafa vazia na mão direita: — Maria! — por tôda a casa ecôa o grito. E como não vê a empregada atender ao seu berro, a mulher arrufando-se brada mais alto: — Maria!

Na porta que dá para o corredor surge tímida, indecisa, a criada.

— Pronto patroa.

— Vá buscar uma garrafa de água que passarinho não bebe, depressa!

A jovem criada franze a testa, recebe a garrafa, quer falar, mas tem mêdo. Num impulso consegue dizer: — *D. Ruth, eu num tenho nada cum isso, mas o patrão pidiu prà senhora num bebê mais...*

A mulher enrubesce de raiva: — Faça o que lhe mando e não se intrometa nestas coisas! Ande!

Maria faz uma cara desconsolada, abre a porta da rua, sai e bate a porta atrás de si.

Ruth liga o rádio, senta-se na poltrona descascada, respira fundo e descansa.

O rádio aquecido logo faz-se ouvir. E o locutor está dizendo:

— Bêbada! Viciada e enfraquecida pelo álcool... bebe demais. Bebe até se embriagar.

A mulher olha o rádio de soslaio, intrigada e curiosa com aquela coincidente indiscrição. E o locutor continua:

— Pinga... e a mulher fica esperta e engraçada. Mais pinga e a mulher torna-se sensível e perigosa... Mais pinga ainda e a mulher embriaga-se, foge-lhe o raciocínio, ela perde o equilíbrio e a visão, baralha-lhe o cérebro, tudo é nada, e ela cai, inútil e doente no chão. O vício domina a carne; nervos, sangue e ossos vão perdendo a vida, os dons e a inteligência são destronados e ocupam os seus lugares, a loucura e a estupidez do néscio.

A ouvinte resolve melhorar seu humor e considera: — Fala bem êsse locutor — e continua ouvindo.

— A emissora que ouvem passa a apresentar — Aspectos. Cinco minutos de bate-papo: Sugestões e conselhos para um melhor aproveitamento das oportunidades e aspectos da vida.

Ruth então dá de ombros e conclui: — ...Cinco minutos de bate-papo... Enquanto a gente espera aquela moleza com a cachaça, ouve-se rádio.

— As situações, aparentemente aflitivas — prossegue o locutor — e de aspectos prejudiciais, podem, no entretanto, ser transformadas conforme a nossa consciência íntima, ciente da relatividade da vida e de novos aspectos que ela pode nos oferecer, segundo a nossa vontade orientada por Deus.

A mulher percebe que as palavras lhe servem e ouve atenta.

— As aparências superficiais de faces tristes dependem do nosso conceito exclusivamente. Deus não condenou o homem para sofrer só; outro mundo, neste mesmo, sempre está à nossa espera. A vida real é crua e nem sempre suave como desejaríamos que fôsse. O sentimentalismo susceptível às coisas corriqueiras como a insatisfação freqüente, a irritabilidade e a carência de bom-senso dos que nos cercam, não se deve ter dêle conhecimento. Neste instante entra o marido de Ruth, que após fechar a porta cumprimenta-a: — Boa-tarde, como vai?

— Mal. Estou ouvindo rádio. Não converse comigo agora, por favor!

O marido tolerante concorda: — Depois conversaremos.

Enquanto isso, do rádio continuam a penetrar nos tímpanos os conselhos:

— ... o sentimentalismo deve ser cultivado e faz bem quando reconhece o sacrifício, o amor puro, o devotamento sincero, a intenção indubitável, o verdadeiro trabalho de uma vida útil para a nossa felicidade; de amizades dignas dos nossos sentimentos de gratidão e retribuição. Quanto ao mais, no rodamoinho das circunstâncias diárias, só se faz o que é preciso e útil para continuarmos a viver em paz.

O locutor concluindo a sua leitura descansa, enquanto se ouve a separação musical.

— Gostou? — perguntou ela.

— Gostei. Preciso falar com você. Quer desligar o rádio?

A espôsa atende. Desliga o aparelho, levanta-se e estica-se para alcançar com a vista, através da gradezinha da porta, o lado da calçada por onde deve voltar a Maria e diz, sentando-se de novo: — Pronto. Que há? Novidades?

O homem coloca o chapéu na mesinha do centro, coça a cabeça, desabotoa o palitó, andando até a poltrona descascada, e senta-se ao lado da espôsa.

— Novidade... deve ter você, a respeito da sua saúde.

— Tudo velho, meu bem, e eu cada vez mais, também. Mais rugas e... mais desanimada.

Êle percebe o abatimento dela e muda de assunto logo, com qualquer assunto: — Como vai o Lulu?

— Aquêle vira-lata? Cada vez mais assanhado com a cachorrada do vizinho...

Como se tivesse compreendido, o Lulu, que cochilava no cantinho atrás do piano, empina as orelhas levantando a cabeça e late duas vêzes.

O homem ri e a mulher volta-se para o cão: — Vira-lata sim! E fica quieto aí!

O cachorro, indiferente, espreguiça-se, ajeita-se de novo, quase inteiramente escondido nos seus pêlos abundantes e... lentamente... cerra os olhos.

— Meu bem, — chama o marido — você não anda boa. Está piorando...

— Eu não me sinto bem — atalha Ruth.

— Desde que morreu mamãe não tenho prazer na vida, José.

— E' preciso reagir, você sabe!

— Eu sei! E reajo!

Bebendo cachaça?

— Eu bebo, mas misturo a pinga com água e limão... não faz mal, até reanima a gente...

— Reanima?! Onde você ouviu isso?

— Eu gosto de beber, pronto.

— Mas, você gosta de pinga? Aprecia aquêle sabor?

— Eu não acho bom o gôsto da pinga; eu gosto do *efeito* da pinga. Ela dá uma sensação de bem-estar, uma alegria... a gente acha tudo bom, tudo gostoso...

— E depois?

— Depois vem a ressaca... mas já se aproveitou.

José respira fundo, toma fôlego e tenta convencê-la:

— Meu bem, deixe disso...

— Lá vem sermão.

— ... não adianta, o álcool acaba arruinando a sua saúde, a sua inteligência e a nossa felicidade. Qualquer momento você pode ser vítima de uma intoxicação, perde os sentidos, vai precisar de médico... e o pior — você vai passar muito mal!

— Eu já estou mal. Tem horas que não sei onde estou, fico tonta, me arrependo... Acho que quando eu morrer vou direitinho para o inferno.

José sorri. Fitando-a de repente, levanta-se rápido e pergunta apreensivo ao vê-la desfigurada: O que você tem? Está sentindo alguma coisa?!

Ela, desalentada e quase sem fôrças, desfalece devagar. Consegue dizer gemendo: — Eu... eu... vou morrer... eu vou prò inferno! Me acode... eu... eu... ai...

— Viu? — diz êle. — Espere aí que vou buscar um pouco d'água — e sai quase correndo. Ainda de olhos abertos, ela tenta dizer alto ao marido: — Água... água-ardente, queri... do — e perde tôdas as fôrças, não vê mais nada e cai.

Ruth sente então um turbilhão de emoções estranhas que a jogam num rodamoinho asfixiante, tenebroso, afogadiço, e ela rodopia, rodopia, rodopia, sempre para baixo, no meio das trevas. Tudo é escuro, negro, não há no que segurar, não há nada, tudo é vácuo, denso e interminável. E ela rodopia, rodopia e rodopia, sentindo-se afogar-se com angústia, aflição, descendo, caindo nas profundezas do báratro eterno. De repente percebe que parou. Está de pé, imóvel, atônita, nas trevas. Consegue alcançar com os olhos alguma luz, roxa, que clareia um pouco lá longe. Começa a andar em direção à luz. Anda, anda, apalpando com os pés o solo duro e áspero como a rocha e, à medida que anda, a luz se afasta, conserva-se distante e a mulher não se aproxima do claro por mais que se adiante.

Um cheiro forte de enxofre lhe sufoca o peito. E uma fumaça espêssa, que sufoca também, lhe faz arderem os olhos até brotarem lágrimas. Os lábios e a bôca secam. O claro distante apaga-se e tudo é escuro, basto e abrasante. Já ofegante, exausta, a mulher caminha, buscando um pouco de luz. Alguns morcegos batem asas, voando rente a sua cabeça. Esquivando-se duas, três, quatro vêzes ela se cansa ainda mais, já está fatigada. Então, penetram-lhe nos tímpanos gemidos mórbidos e alucinantes. Vão aumentando de intensidade os gemidos, os gritos e os berros, gargalhadas roucas e choros convulsivos se misturam numa confusão atroante.

Sùbitamente, tudo se torna claro como se um relâmpago iluminasse por dois segundos. E ela vê num instante uma turbamulta amontoada por todos os lados; gente de rosto desfigurado, com os membros em carne viva e as unhas extraídas, mulheres carecas e homens divididos em seis partes — cabeça, tronco e membros, com apenas finas membranas unindo-as, transparentes; sêres com a metade inferior do corpo petrificada, enquanto a outra metade, exausta, desesperada, quase sem fôrças, tenta em vão libertar-se; corpos sem cabeças movendo-se como vermes partidos ao meio, sem direção; cabeças sem corpos, abandonadas no chão, de olhos arregalados, enrugadas de tanto caretearem inùtilmente.

— Que horror! — balbucia a recém-chegada ofegante, ao ver de relance, apavorada, tudo isso. Sente calafrios. Ensopa-lhe a roupa um suor gelado. E gagueja desarticuladamente: — Isto parece... será?... que estou no...

— Inferno! — berra uma voz rouca bem perto e ela sente um bafo úmido e quente, cheirando a coisa podre. Em seguida, uma gargalhada frenética e aguda passa-lhe pelos ouvidos e se afasta logo para longe até não se ouvi-la mais.

Todos os sons vão-se confundindo com o reboar de trovões que fazem tremer tudo e, aos poucos, vão acalmando-se até cessarem. Agora, o silêncio impressionante apavora a mulher.

Com uma vela acesa na mão, aproxima-se cambaleando um homem quase velho. O ancião enxerga com dificuldade. Franzindo a testa e aproximando-se mais, pergunta:

— A senhora chegou aqui há pouco tempo, não é?

Percebendo nêle a ingenuidade de um velho inofensivo, Ruth se acalma um pouco e responde:

— Sim, agora mesmo.

— E sabe que está no inferno?

— Já sei. E o senhor chegou há muito tempo?

— Sei lá... Depois de alguns momentos que se cai aqui, a gente perde a noção do

(*Cont. na pág. 46*)





BILHETE A TEREZINHA

MINHA boa amiga, terminaram as férias e precisamos cuidar a sério dos nossos estudos. Fechado o parêntesis do veraneio, dos banhos de mar, da montanha e do Carnaval, cada uma de nós volta à sua banca escolar e mergulha nos livros, nas explicações dos méstres, enfim, em tôdas as obrigações que vão estender-se até dezembro. Foram umas férias bem aproveitadas, sei que você as teve assim — e que ganhou muitos presentes bonitos no seu aniversário, que dansou muito nas festas de formatura — até mesmo que arranjou o seu primeiro «flirt».

Terá sido realmente o primeiro?

Mas seja ou não o primeiro, precisa agora entrar em férias. Chegou a vez dêle, porque sua cabecinha amiga não poderá dividir-se, simultâneamente, entre as obrigações do estudo e os devaneios sentimentais. E tendo de separar êsses pensamentos, é claro que os deveres serão prejudicados. Se o forem, no fim do ano você sofrerá as consequências... E não seria nada agradável perder o ano por causa de um «flirt», principalmente se não é, como parece, coisa de responsabilidade. Claro que sempre há tempo para tudo... Mas, essencial é que você, minha amiga, não se apaixone a ponto de abandonar os livros. Seus méstres ainda estão em primeiro lugar. Ainda que não se trate de um «flirt» inconsequente, mas de um namoro com base e com futuro (no matrimônio...), melhor será que você estude. Se êle manifesta uma afeição mais séria, então há de ser o primeiro a querer que você aproveite o ano e solidifique a sua cultura. Não se estuda apenas para ganhar a vida mais tarde, mas para saber. O tempo da mulher inculta «porque vai casar», passou. Maridos de hoje querem uma espôsa que não esteja em nível intelectual inferior — e eu sei que você seria incapaz de escolher um noivo de outra categoria que não essa. Março chegou, minha amiga. E as aulas recomecaram. Vamos tirar, delas, o melhor partido? Um beijo e a minha amizade. — MARY.





HOLLYWOOD SUGERE

PARA trajes de praia apresentamos algumas sugestões práticas e interessantes exibidas por algumas das estrêlas. Dusty Nelson, da Universal-International com um «maillot» em lastex branco. Patrice Wymore, da Warner, veste um elegante «maillot» em tecido estampado. Esther Williams, da Metro, exibe um exótico «sarong» em sêda estampada, sem dúvida uma ótima sugestão para praia. Diana Lynn, da Universal, exibe um encantador «maillot» de sêda, inteiramente franzido com o «soutien» enfeitado com lese.





NOITES DE GALA



OS costureiros parisienses estão sempre procurando novas sugestões para vestidos de noite. Cada novo modêlo apresenta uma particularidade de graça e elegância, como pode ser notado nestes vestidos. Lindo vestido em organza, o corpo é comprido e enfeitado no busto e nas cadeiras com plumas da mesma côr. Vestido em faile com saia justa e uma parte lateral franzida. Corpo com uma só alça. Modêlo sem alças em tafetá. Saia com ampla roda, bolero do mesmo tecido, com gola alta formando decote assimétrico.

A elegância de uma «toilette» não está no exagero do feitio ou nas fazendas que chamem atenção, mas sim na simplicidade das linhas traduzida pela discreção. Vestido em sêda pesada. Saia com pregas soltas e corpo enviezado com grande laço na frente. Vestido inteiro em sêda pesada. O corpo tem as mangas japonêsas enviezadas. O vestido abotoa na frente com grandes botões de ôsso prêto. Vestido inteiro em organza, usado com um bolero da mesma fazenda, com grande gola branca. Modêlo em sêda prêta, saia godé e corpo formando recortes.



SIMPLICIDADE





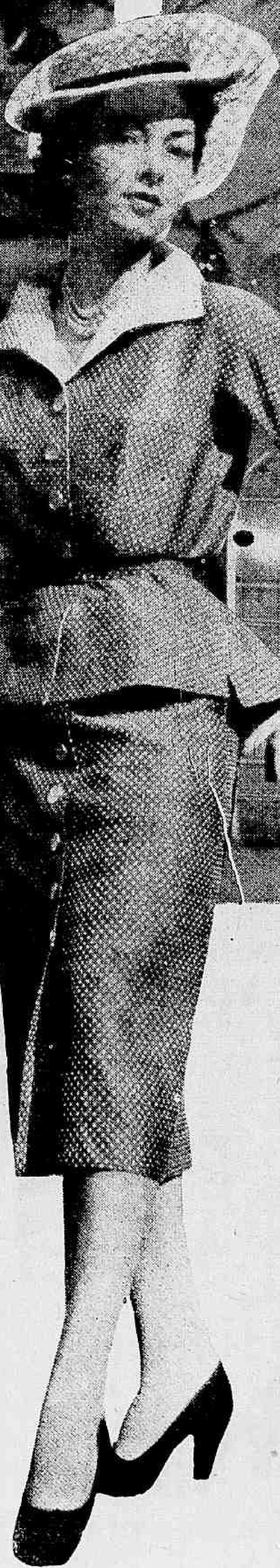
SOIRÉE

Élaine

NA temporada de inverno no Municipal, durante as récitas de bailado, ópera e concertos, são exibidos os mais lindos modelos de vestidos de noite. Estas sugestões por certo agradarão para a presente temporada. Modêlo em organza negra, inteiramente plissado. Mangas bem armadas. Lindo vestido em branco, enfeitado com fitas de cetim prêto, desde o busto à barra da saia. Dois suntuosos modelos, o primeiro em brocado, enfeitado com grande laço de tafetá. O segundo vestido é de cetim, com o corpo em renda. Vestido de organza, formando babados enfeitados com renda negra. Saia com um pouco de cauda.









PARA PASSEIO

ESTA coleção de modelos aqui estampada, apresenta algumas sugestões próprias para passeio. Todos de corte ligeiro e portanto de fácil execução, poderão em muito contribuir para a elegância do seu guarda-roupa. Em cima, à esquerda, modêlo em sêda composto de saia e blusa; à direita, modêlo para à tarde em linho beige; em baixo, modêlo em azul celéste com «pois» branco e finalmente um sugestivo modêlo em pied-de-poule.

DOMINÓ

(Cont. da pág. 46)

Meu irmãozinho rodava aturdido. Atirei-me sôbre êle, agarrei-lhe o pescoço com as unhas, magoei-o o quanto me permitiram as fôrças encolerizadas.

— Imbecil, idiota, desajeitado... — grunia cerrando os dentes.

O pequeno começou a chorar, humildezinho, implorando clemência. Dei-lhe uns dois ou três-socos e êle andou de gatinhas pelo chão. A máscara lhe saltou do rosto e o nariz começou a sangrar. Ao notar o sangue, fiquei atordoado, uma funda piedade me invadiu. Aproximei-me na intenção de ampará-lo, tentando desfazer a rudeza do incidente, porém, êle não me compreendia e, coxeando, se pôs a correr. Persegui-o e novamente êle caiu. Vendo-se apanhado, ajoelhou-se e começou a implorar:

— Maninho não me bata pelo amor de Deus!... Tenha pena de mim. Eu não fiz nada... eu sou bem bonzinho para você, viu?... viu?... ai, ai,ai... pelo amor de Deus... eu não faço mais... ai, ai, ai.

Tomei-o nos braços, beijei-lhe o rostinho macerado, premi-o fraternalmente contra o peito e caminhei desarvorado para casa. Ao entrar minha mãe veio ao nosso encontro:

— Meu Deus! Que foi isto?! — interrogou aflita.

— Os moleques, mamãe...

— Virgem Santissima, que selvageria! — exclamou, retirando de meus braços o pequeno aturdido. Sentou-o ao colo, enquanto examinava os ferimentos. A máscara lhe pendia do cordel prêso à nuca; e ria para mim, perversa e irônica, amarrotada num esgar estúpido, na muda acusação de meu delito, de minha violência sem causa.

Quando ergui o olhar, pressenti pelo semblante de minha mãe que ela havia compreendido tudo. Não me repreendia, mas adivinhei o quanto me considerava mesquinho e desleal.

Não resisti à mágoa que me afogava o coração. Caí de joelhos e abandonei-me ao seu regaço, num doloroso sentimento de culpa, de miséria e de vaidade.

O INFERNO

(Cont. da pág. 36)

tempo e de quase tudo. Só se pode lembrar, como um tormento inevitável, das desgraças e dos pecados da nossa vida na terra... A senhora sabe por que veio?

— Eu... estou aqui por causa do álcool... Eu bebia, e como bebia! Morri de tanto beber! E o senhor?

(Cont. no próximo número)

BRANCA E HELENA

(Cont. da pág. 19)

— Estive agora mesmo pensando nisto. As vêzes, me preocupo. Dona Branca, manda e desmanda. Tenho mesmo impressão de que me protege por gostar ainda de você.

— Impossivel! Nem sei como tem coragem de me dizer isto. Fôsse verdadeira sua hipótese, Rodrigo! Como me vingaria!

(Cont. no próximo número)

ARRCZ DOCE...

(Cont. da pág. 4)

SILVANA MANGANO — "EM CARNE E OSSO"

A boa publicidade de uma artista dedende, muitas vêzes, de sua personalidade, de sua boa ou má vontade. Tyrone Power, quando estêve no Brasil, perdeu muito de seu cartaz em virtude de ser o inverso da medalha... César Romero ganhou um fã na pessoa dêste repórter que o detestava na tela; Sabu — "buçal" como diria o português provinciano, e, assim sucessivamente. No entanto, o caso de Silvana Mangano requer muita habilidade para ser honesto. Isto porque ela é um caso à parte, um caso único. Os leitores certamente perguntarão por que, e a nossa resposta é justamente a nossa sinceridade neste texto e, sobretudo, porque, ao contrário do que sucedeu aos demais colegas, fomos muito bem tratados pela artista.

Portanto...

Infelizmente, Silvana Mangano nos decepcionou. Deu-nos o prazer de conversar por mais de meia hora, concedendo uma entrevista exclusiva no Rio de Janeiro ao redator dêste texto, em seu apartamento do 14.º andar do hotel Miramar, onde se achava hospedada.

Nossa primeira impressão foi cruel! Esperávamos ver um belo corpo de mulher, o que não é verdade! As pernas de Silvana são pintalgadas como o rosto de Van Johnson. Sua personalidade é o marido, seu talento é o marido, seu cartaz é o marido. Tudo, enfim, é o espôso produtor que a ama, tal o ciúme que demonstra, cercando-a de cuidados exagerados, próprios de um homem de certa idade que se enamora de uma jovem de 20 anos de idade.

Mas, como seria desonesto falar sem antes ver o seu filme, demo-nos a êsse trabalho. Silvana é tôda a preocupação do diretor de pelicula, que explora o seu sensualismo, melhor qualidade cinematográfica que a jovem possui, e muito bem explorada num argumento naturalmente premeditado para a sua personalidade. Nas cenas dramáticas deixa muito a desejar. E' um arroz doce de garôta em "Arroz Amargo"; amarga decepção para aquêle cartaz em que aparece um busto anatômicamente perfeito.

Mas, não podemos ficar por aqui com Silvana, que já fêz inúmeros filmes, a saber: "Viver em Paz", "Juventude Perdida", "El Briganto Mussulino", "Sem Piedade", "Lôbo da Montanha" e "Arroz Amargo", que está sendo exibido nesta capital e para o lançamento do qual Silvana veio dar tamanho golpe errado...

Não conhecemos êsses filmes, na maioria dos quais é posta em segundo plano a artista Doris Dowling, a quem, de fato, cabe a principal interpretação feminina de "Arroz Amargo". Essa artista, a quem já vimos através de seus trabalhos em Hollywood nos filmes "Farrapo Humano", "A Adália Azul", e outros, logrou, com o primeiro. juntamente com Ray Milland e Jane Wyman, o ambicionado "Oscar" da Academia de Arnema. Entretanto, êsse talento que é Doris não é amado pelo sr. De Laurentis, daí o desapontamento de todos nós e, possivelmente, do próprio produtor...

Diante de tudo isso, sentimos que falhou lamentàvelmente o descobridor de Silvana, o produtor De Laurentis, que nos declarou tê-la conhecido durante a filmagem de "Lôbo da Montanha". Daí sentirmos a preocupação da direção do filme "Arroz Amargo" em destacar a artista, quando em "Lôbo da Montanha" ela é quase indiferente...

MAIS VERDADES

Silvana tem 20 anos de idade e não 19, conforme se propalou por aí. Tem um rosto belo, e é só. Não é uma jovem rude, mas sem personalidade, sendo dirigida até nas fotos que executamos pelo espôso, mais baixo do que ela, seu bastão-mágico, portanto... E' simpática e muito gentil, não obstante haver batido a porta do apartamento no rosto de muito jornalista. Silvana nos recebeu e tratou muito bem. Seus pés são muito grandes: 39, possivelmente. E' alta, muito alta. E' baixa, muito baixa, artisticamente falando.

UM FILME NO BRASIL

E' duro dizer a verdade! Ingrata esta nossa profissão! Silvana, ao ler esta reportagem, ficará desapontadissima, principalmente ao recordar os privilégios com que nos cercou. Disse-nos que fará um filme no Brasil, ao lado de Amedeu Nazari, no fim dêste ano. Seu marido quer fazer tal experiência, do que possìvelmente desistirá em virtude do ambiente desfavorável que êle próprio criou, demonstrando ser um homem que ama a espôsa mais que à arte. E arte, dificilmente, se mistura com amor. Éste é apenas um complemento daquela... Silvana é uma artista dirigida, e como tal não podemos atribuir-lhe grandes méritos.

O filme, do qual nos falou, abordará, possivelmente, um tema amazônico. Mas, para nós, já é quase imaginário em razão dos motivos acima expostos.

PRÓS E CONTRA...

Quando Silvana fêz "Riso Amaro" ainda não era mamãe de uma linda garôta chamada Virginia, e que está com um ano de idade presentemente. Há um grande contraste entre o filme e a jovem artista. Primeiramente, porque ela nos aparece luxuriante na pelicula, e, pessoalmente, nada tem de excepcional. Além do mais, Silvana foi "Miss Roma" no ano de 1948. Entre tantas beldades tirou um honroso titulo, para o qual se requeria plástica e beleza. Teria o casamento liquidado com a jovem?...

Eis porque dissemos, no inicio destas notas, que seria dificil uma análise exata da artista, razão por que fazemos uma descrição daquilo que observamos e que quase a totalidade dos colegas, depois da entrevista coletiva que tiveram com a artista, são unânimes em afirmar.

FILOSOFIA DE REPÓRTER

Ainda estávamos em meio de nossa entrevista quando De Laurentis pegou no braço da espôsa e a arrastou para o quarto, levando-a para cantar o *Morocututu de cima do telhado*, para que Morfeu tomasse conta da espôsa fatigada. Dizia, num italiano meio pornográfico, que o repórter era apenas um fotógrafo que estava conversando fiado... E' a nossa grande vantagem fazermos as duas coisas! Mais tarde, informado da verdade, cumulou-nos de gentilezas, o que não podemos dizer de seu colega Carlos Ponte, individuo equilibrado e muito sincero em suas atitudes. Diante disso, ao deixarmos o apartamento de Silvana, lembramo-nos de suas primeiras palavras, aliás, bastante significativas: "O sr. é o primeiro brasileiro educado e gentil que conheço". Pena que Silvana dissesse isso sem poder, contudo, vencer uma opinião que vem da consciência.

A culpa não nos cabe. E, desde que muita coisa foi dita sôbre a artista, o público que compra os periódicos quer informações. E para nós os leitores estão acima de um sorriso, embora êsse sorriso seja de uma mulher de rosto e busto tentadores.



WEEK-END NA

MÔLHO SIMPLES PARA SALADA

3 a 4 colheres de azeite, 3 de vinagre, sal, pimenta e um pouco de mostarda.

Mistura-se muito bem. Querendo melhorar-se o gôsto, acrescentam-se tomates, cebolas e salsa picados.

SALADA DE VAGENS

Tomam-se vagens, de preferência tenras, desfiam-se e cozinham-se em água levemente salgada. Quando estiverem cozidas, deixa-se escorrer a água e, depois de frias, cobrem-se com môlho de salada, ao qual se acrescentam cebolas picadas.

TORRADINHAS INGLÊSAS

Tomam-se 3 a 4 gemas de ôvo cozido, que se misturam com alcaparras, 1 pitada de pimenta "curry" e nata azêda, de modo a formar um mingau que se passe sôbre torradinhas. Guarnecem-se as torradinhas com tomates e pepinos em conserva.



CREME DE AMÊNDOAS OU AVELÃS (5 *a* 6 *pessoas*)

Faz-se um creme de baunilha, ao qual se acrescentam 150 gr de avelãs descascadas, torradas e moídas ou 200 gr de amêndoas descascadas, torradas e moídas.

PÊSSEGOS COM SORVETE DE BAUNILHA

Em uma vasilha de vidro, deita-se uma camada de sorvete de baunilha e, sôbre esta camada vai outra de compota de pêssego e outra de creme de chocolate. Serve-se imediatamente.

CREME COM MERENGUES

1/4 de litro de nata, 4 gemas, 3 colheres de açúcar, 1 pacotinho de açúcar com baunilha, 3 fôlhas de gelatina, um pouco de vinho branco ou de maçã, alguns merengues com amêndoas. Batem-se as gemas com o açúcar, juntando-se-lhes a gelatina dissolvida em vinho, o açúcar de baunilha e nata batida sem açúcar. Numa vasilha de vidro, arrumam-se os merengues com amêndoas, esparramando-se sôbre êles uma camada de qualquer compota. Junta-se, então o creme acima, enfeitando-se por fim com creme Chantilly e merengues.

SORVETE DE MORANGOS

Passam-se 200 gr de morangos por uma peneira fina, juntando-se-lhes em seguida 1 cálice de Kirsch, 1/10 de litro de vinho branco, 4/10 de água e açúcar à vontade. Misturam-se muito bem todos êsses ingredientes, levando-se em seguida à sorveteira.

LICOR DE LEITE COM CHOCOLATE

1 litro de álcool de 40°, 1 litro de leite cru, 1 kg de açúcar refinado, metade de uma barra de chocolate ralado, 1 fava de baunilha.

Deixa-se em fusão uma semana, mexendo-se todos os dias. Coa-se e filtra-se.

MAIONESE

6 gemas, azeite, sal, 1 dente de alho, 1 colherinha de mostarda. Batem-se as gemas muito bem e vai-se pingando aos poucos o azeite em quantidade suficiente que dê para engrossar bem a maionese. Depois de muito bem batida, acrescenta-se meio dente de alho, uma colherinha de mostarda e sal à vontade.

CESTINHA DE TOMATES

Forre os pratinhos com uma camada igual de alface picada bem miudinha. No centro, coloque um tomate no feitio de uma cestinha. Dentro dela uma colherada de maionese de legumes. Com um cortador especial corte bolas de beterraba, batata, cenoura, chuchu cozido e rabanete cru. Com essas bolinhas estilize flores ao redor da cestinha, colocando no centro a de beterraba, ao redor, pela ordem, a de chuchu, uma azeitona, cenoura e rabanete. Borrife môlho de tomate, azeite e sal.

ARROZ COM FRIOS

Prepare o arroz da maneira comum e quando estiver quase cozido misture na própria panela, mexendo bem 2 colheres de sopa de manteiga, 1 de queijo parmezão. Arrume numa travessa 1 camada retangular de arroz, seguindo o mesmo formato, 1 camada farta de frios variados passados na máquina, outra camada de arroz, também retangular. Ornamente a última camada com fatias de ovos cozidos e tomates, umas reclinadas sôbre as outras formando listras. Para xícara e meia de arroz cru, 250 gr de frios.

ROCAMBOLE DE CARNE, PRESUNTO OU FRANGO

Prepare a seguinte massa: 2 xícaras de farinha, 1 ôvo, 2 colheres-de-sopa de manteiga, ½ xícara de leite, sal, 1 colher-de-chá de fermento. Peneire a farinha com o fermento. Amasse bem, cubra a massa, dando-lhe pouca grossura, e recheie com refogado de camarão, de carne, de galinha, de presunto ou de queijo.

GALANTINE DE FRANGO

Essa galantine não pode ser desenformada, devido ao pêso do frango. Deve ser feita em uma fôrma redonda, pouco maior que o frango, e nas chamadas fôrmas de colarinho. Essas fôrmas são desmontáveis, deslocando-se tôda a parte lateral.

Asse um frango sem recheio. Deixe-o ficar bem douradinho. O resultado será muito maior se o frango, untado em gordura, fôr assado no forno, mas fechado dentro de um saco de papel, tendo-se

ND NA COZINHA

o cuidado de escolher um saco sem letreiro e untá-lo em gordura por dentro e por fora. Coloque na fôrma uma camada de gelatina vermelha. Deixe gelar sôbre ela o frango com as pernas para cima. Sôbre ela, sem encher a fôrma, apenas cobrindo, uma camada ligeira de gelatina. Corte fatias de beterraba cozida, recorte em forma de estrêla. Tome fatias de cenoura, recorte em feitios curiosos. Faça o mesmo com rodelas de limão, tomates, etc. Vá colocando a gelatina na fôrma e deixando cair sôbre ela esparsos os pedaços de legumes. Coloque a gelatina em pequena quantidade, deixando gelar uma antes de colocar a outra. Faça de maneira com que o frango fique coberto por uma superfície reta. Finalize a fôrma com uma camada de gelatina vermelha igual à primeira. Deixe gelar em ponto forte na geladeira. Sirva a gelatina primeiro a tôdas as pessoas e depois o frango em fatias.

SALADA DE PEPINOS E TOMATES

Descasque três pepinos, parta em rodelas bem fininhas, e deite num prato fundo com um pouco de sal. Deixe assim por uma hora. Depois escorra muito bem e tempere com 1 colher de azeite, 1 colher de vinagre, e pimenta do reino. Arrume no centro da saladeira e nos quatro cantos, coloque 4 "bouquets" de rodelas de tomates pêras e polvilhe com sal.

CHICKEN PIE À AMERICANA

Limpe 2 frangos, corte em pedaços e deite numa caçarola com 1 cebola pequena, cubra com água a ferver e deixe em fogo brando, até a carne ficar macia. Junte ½ colher-de-chá de sal e 1 pitada de pimenta do reino. Retire os frangos, côe o caldo, desengordure e leve ao fogo até reduzir a 3 xícaras. Engrosse com farinha de trigo dissolvida em água fria. Deve ficar como um creme. Junte 2 colheres de manteiga e prove o sal. Deite no fundo de uma terrina redonda de ir ao forno, 1 xícara-de-café vazia, voltada para baixo e arrume ao redor os pedaços de frango. Derrame por cima o môlho e deixe esfriar. Cubra com massa própria e apare ao redor, enfeite com alguns pedaços recortados e faça um furo no meio para escapar o vapor. Molhe as bordas com água, para colar no prato e leve a assar no forno.

MASSA PARA COBRIR, AMERICANA

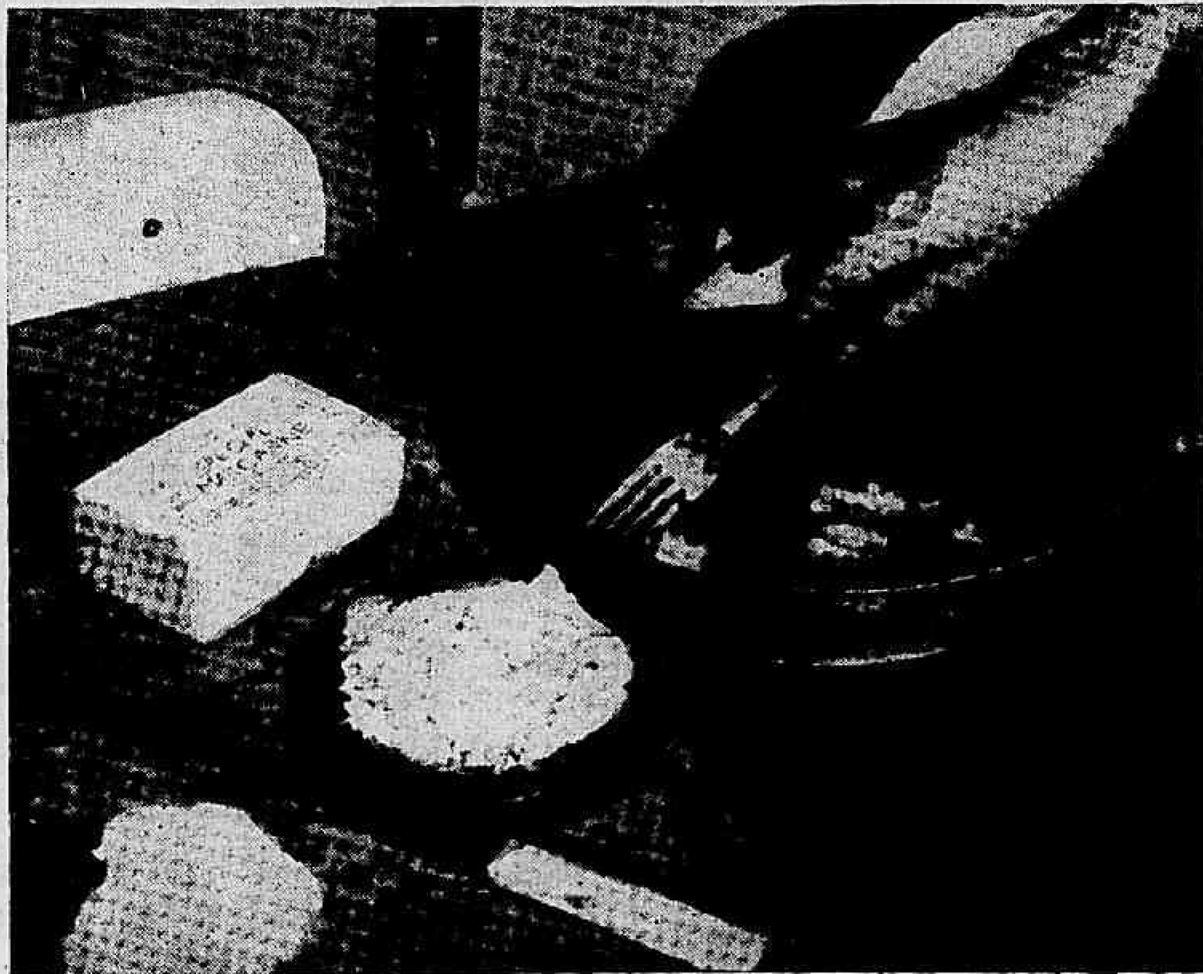
Peneire 3 xícaras de farinha com 2 colheres de fermento em pó. Junte 3 colheres de manteiga, 3 de banha, misture com as pontas dos dedos e vá incorporando leite até poder abrir com facilidade. Deite sôbre um guardanapo polvilhado de farinha e abra com o rôlo. Segure nas pontas do guardanapo e emborque depressa sôbre o pastelão, doure com gema e leve a assar no forno. Serve para tortas, esta massa.

ROLLY PUDING

Prepare uma massa da seguinte maneira: Tome 500 gr de farinha peneirada, 310 gr de sebo de vaca, sal, ½ xícara de água morna e 1 colher de açúcar. Compre o sebo de véspera, limpe de peles, lave e deixe secar no ar, e no dia seguinte passe na máquina. Deite o sebo no meio da farinha, junte o açúcar, o sal, e vá amassando com água até formar uma massa lisa. Deixe repousar durante 1 hora. Abra em forma de um triângulo e da espessura de ½ cm. Passe por cima uma camada grossa de geléia de qualquer fruta e enrole. Deite êste rôlo dentro de um pano úmido e polvilhado de farinha de trigo. Leve a cozinhar dentro de uma panela com água a ferver durante 1 hora. Dissolva 1 colher da mesma geléia que recheou, com 1 cálice de vinho e 1 xícara de calda rala. Corte o rolly em rodelas, arrume num bonito prato e cubra com o môlho. Sirva quente.

VINAGRE DE SABOR FORTE PARA SALADAS

Uma xícara-de-chá de pimentas vermelhas maceradas e furadas com o auxílio de um garfo de pau. Sôbre elas, duas colheres-de-sopa de sal. Ainda com o garfo de pau misturar bem. Tapar, evitando a entrada de ar. Deve-se usar para êsse preparo um vasilhame de louça ou vidro. Deixar assim três dias, sacudindo todos os dias. Colocar, após êsse tempo, uma fôlha de louro, três quartos de litro de vinagre. Com essas medidas fica o sabor bem forte. Pode-se graduar à vontade.





MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



Polvilho Antisséptico GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



A SAÚDE DO BEBÊ

Como apreciar o pêso da criança

DR. SABOIA RIBEIRO

As mães se preocupam demasiado em acompanhar a curva do pêso de seu bebê, porém não basta isso sòmente para indicar se o bebê está ou não com um bom estado nutritivo. O pêso é um dado que, por si só, não significa tudo e mesmo estando correspondendo à idade da criança, sendo por isso considerado *bom*, há ainda a necessidade de ver se êle se acompanha de outras condições também indicativas de boa nutrição do menino.

Dessas condições, três devem apresentar-se com os caracteres da normalidade: a criança terá boa elasticidade da pele; boa turgescência dos tecidos; e bom desenvolvimento do coxim célulo-adiposo. De fato, muitas vêzes se vê uma criança na aparência bem nutrida, mas, procurando reconhecer o estado daquelas condições, logo se descobre que a sua gordura é falsa, mole ou empastada, denunciando uma nutrição imperfeita e muitas vêzes precária.

E' o que acontece em muitas crianças pálidas, de abdome distenso, com papada e olhos meio empapuçados. Nessas crianças há uma retenção maior d'água, mal fixada nos tecidos, e por conta da qual corre em boa parte o pêso que apresentam. Tôdas as causas, porém, capazes de trazer a perda dessa água, e sobretudo as diarréias e doenças febris, dentro muitas vêzes apenas de horas, reduzem o pêso da criança a olhos vistos, o que não acontece nas crianças nas quais o pêso não está ligado a essa gordura fôfa, porque nestas, justamente, o pêso se acompanha de boa elasticidade, boa turgescência e bom desenvolvimento do coxim célulo-adiposo.

As primeiras são crianças em cuja alimentação existe o excesso de farinhas ou de açúcar, elementos ávidos de água, e que determinam a retenção desta, fazendo a chamada *gordura balofa*.

O pêso, portanto, sòmente representa uma boa nutrição quando se acompanha de tecidos firmes, nos quais as substâncias nêles incorporadas, se encontram de modo estável e duradouro.

E' essa a gordura das crianças alimentadas de maneira racional, isto é, em cujo regime alimentar entram as várias substâncias de que necessitam, sob forma equilibrada, e nas quais a alimentação, longe de se manter indeterminadamente num único tipo de alimento, varia de tempos em tempos, assegurando assim à criança carnes firmes e resistentes.

Vejamos como verificar a boa elasticidade da pele.

A pele do ventre é o lugar de escolha. Com o auxilio do polegar e do indicador pinça-se, dela, uma dobra e faz-se uma tração para cima, soltando-se em seguida. Se a elasticidade está normal, imediatamente se produz a retração, voltando a pele a modelar-se sôbre a porção por ela recoberta; não estando integra a elasticidade, a prega demora em desfazer-se, ou mesmo não se desfaz, prmanecendo tal e qual.

A procura da boa turgescência se faz nas nádegas e face interna das coxas.

Faz-se uma compressão com a polpa do dedo indicador ou nas nádegas ou na face interna das coxas. Se, terminada a compressão, a musculatura não se retrai de pronto, persistindo durante maior ou menor tempo o molde do dedo, então a turgescência está diminuida.

A turgescência constitui a "dureza da carne", resultando da boa tensão da pele, perfeita embebição dos tecidos e riqueza do paniculo adipose.

Não faltará, no bebê que possui uma boa nutrição, o coxim gorduroso, que se desenvolve por debaixo da pele, nêle mais abundante que no adulto.

E' tal coxim que lhe dá o aspecto rechonchudo que tanto o caracteriza, com as dobras costumeiras na face interna das coxas e punhos, para o que também contribui a natural retratilidade da pele, não ainda distensa pelos movimentos da ambulação.

E', pois, o conjunto dêsses elementos todos, considerados normais, que, ao lado do pêso, se também normal, diz do bom estado nutritivo do bebê.

De fato, uma criança pode apresentar um pêso normal ou até elevado em relação à sua idade e, entretanto, possuir carnes anormais, lardáceas, esparramando-se pelos flancos, dorso, punhos e artelhos, como se vê, por vêzes, e especialmente, entre as portadoras de algum distúrbio da glândula tireóide, crianças estas do tipo obeso, ou nas que estão sendo superalimentadas. Ou ainda o pêso, embora parecendo normal ou ainda elevado, ser devido às carnes balofas, encharcadas, o que acontece, sobretudo, como já apontamos, entre as crianças sujeitas a uma alimentação a muita farinha ou um leite hiper açucarado.

O pêso não é tudo. Um rápido aumento do pêso do bebê deve pôr de sobreaviso os pais, principalmente na fase dos seis primeiros meses. O aumento do pêso pode ser acompanhado assim:

Nos 3 primeiros meses, o aumento semanal jamais deverá passar de 200 gramas; 4 a 6 meses, de 150; dos 6 meses em diante, 100 gramas.

Daremos um exemplo.

Digamos, então, que a criança nasceu com 3.500 gramas.

No fim do segundo mês deverá pesar 3.500 mais 2 vêzes 800, seja: 5.600 gramas. E assim por diante.

No caso, 5.600 só será um bom pêso se os outros elementos se apresentarem com os caracteres da normalidade: a elasticidade, a turgescência, o coxim adiposo.

Acompanhando a curva do pêso da criança, há mister conhecer certas particularidades.

Muitas vêzes dá-se uma parada momentânea do pêso do bebê.

O fato carece de importância, pois essas paradas podem coincidir com uma simples mudança do regime, com certa relutância do bebê em aceitá-lo, mas que logo cede, subindo o pêso.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

L. R. (Nesta) — Na idade dos primeiros anos, os exercicios não devem ir além dos das marchas e certos jogos ao ar-livre. O melhor é reunir várias crianças, pois os exercicios lucram em ser feitos em conjunto, tornando-se ao mesmo tempo divertimento. Trepar em varas, subir em cordas ou escadas, eis o que há sugerir como dos melhores para desenvolver a musculatura da metade superior do corpo; quanto aos capazes de desenvolver a musculatura da metade inferior, apenas bastarão a marcha ritmada ou as carreiras, em certos jogos.

E. N. (Jacarèzinho) — Se a criança está sendo alimentada no horário certo e o leite é abundante (o que pode saber-se mediante o fato de a criança esperar sem sinais de fome entre uma mamada ao peito e outra), não se preocupe com a prisão de ventre se, por outro lado, o pêso é satisfatório. Se, porém, as fezes são um tanto duras, pode dar algum suco de frutas bem açucarado, de 50 a 100 gramas, às colheres, 1 a 2 vêzes ao dia. Nada de purgantes nem lavagens.

M. G. (Nesta) — Essas febriculas em criança de baixa idade exigem exame direto. Como o alimento é o leite em pó, pode ser que, dando alguma água nos intervalos da mamadeira, a febricula vá embora; dê ainda vitamina C, de 50 a 100 gramas de suco de laranja, uva ou tomate. Uma radiografia dos campos pulmonares, um exame de garganta são imprescindiveis. Enfim, faltam certos detalhes para uma resposta precisa no caso.

NOTA: — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir para REVISTA DA SEMANA, seção "A Saúde do Bebê", R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Em sua casa

Dê vida a seus cabelos

Conserve-os fortes, brilhantes, sedosos e sem caspa, com

SHAMPOO MYSTIK

Evite cabelos brancos, sem pintar, com

TÔNICO YILDIZIENNE

Assembléia, 115 - 1.º Rio

ACADEMIA SCIENTÍFICA DE BELEZA

Em nossos salões

CIRURGIA PLÁSTICA

Dr. Fausto Campos

Prática nas clinicas de Paris, Berlim, Londres, Milão e Viena.

CORREÇÃO CIRÚRGICA SEM DÔR DAS RUGAS DO ROSTO

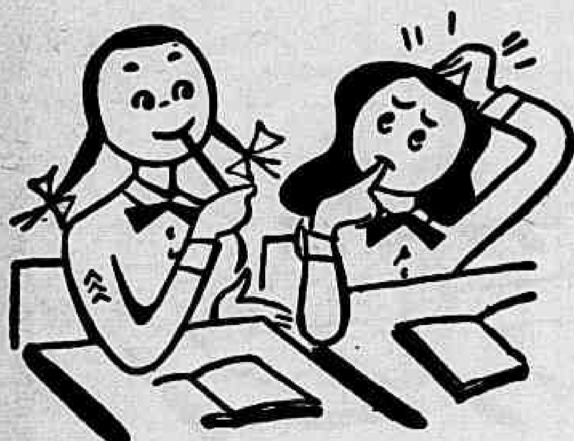
Tratamento da pele e do cabelo

Assembléia, 115 - 1.º - Fone: 22-1701



"As crianças são as vítimas"...

...porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensiva.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE:...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Póde ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6 — São Paulo

Remessas pelo Reembolso

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ...

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

FARMACIA GUANABARA LTDA.

Farm. responsável:

AGAR DE SCHUELLER BARBOSA LOPES

Variado sortimento de Perfumarias dos melhores fabricantes.

Completo stock de drogas nacionais e estrangeiras — Manipulação escrupulosa.

RUA LICINIO CARDOSO, 261 — Tel. 28-0909

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos

SENSACIONAL REVELAÇÃO DE LEONIDAS

"NOS CAMPOS EUROPEUS SEREI O MESMO HOMEM DA COPA DO MUNDO DE 1938" - "VOLTEI AO PESO LEVE DAQUELA ÉPOCA, GRAÇAS A EMAGRINA"



Leonidas, o famoso homem de borracha, falando ao jornalista que emagreceu muitos quilos, tomando a também famosa Emagrina.

No football, como em todos os outros setores da vida, há os ases, aquêles que alcançam os píncaros da glória. Possuidores de qualidades inatas para êste ou aquêle mister, êsses privilegiados tornam-se ídolos populares. Está no caso, além de outras raridades, o famoso Leônidas da Silva, orgulho do football brasileiro. Leônidas, nos seus áureos tempos, conseguiu o que jamais foi conseguido por qualquer outro jogador de foot-ball. Como todos sabem, êle foi chamado o Diamante Negro, cognome que, por si só, exprime a admiração que causou, pelas suas excepcionais virtudes de exímio manejador da pelota. Hoje, Leônidas não é mais nenhum mocinho, entretanto, vem ainda prestando o seu inestimável concurso ao nosso esporte. Ainda agora soubemos, por fontes merecedoras de todo o crédito, que alguns clubes da Europa, a um convite que fizeram ao São Paulo F. C. para exibir-se naquele Continente, impuseram a condição da presença de Leônidas. A importância dêsse fato nos levou a procurar o Diamante Negro para ouví-lo a respeito.

Cavalheiro e amável como sempre, o Diamante, a uma nossa pergunta, não se fêz de rogado e nos foi logo dizendo: "E' verdade, meu caro, os europeus querem ver-me novamente dentro da cancha. Entretanto, como você sabe, a gordura estêve querendo tomar conta de mim e gordo não se pode jogar football com o mesmo desembaraço. Venho treinando com regularidade, no intuito de evitar a gordura para conservar a forma física. Agora, com êsse convite dos europeus, tive que procurar um meio de apressar o meu emagrecimento. Intensifiquei por isso o meu treinamento. Os resultados vinham sendo obtidos com alguma morosidade. Então, resolvi procurar o médico da minha confiança, o Dr. Newton Xavier Arruda. Expus-lhe a minha intenção e êsse ilustre facultativo aconselhou-me o uso do preparado científico denominado Emagrina. E os resultados têm sido surpreendentes. Tenho emagrecido satisfatòriamente, com a rapidez desejada e me sinto muito bem de saúde. A ciência progride, prezado jornalista, e já há — eu o digo por experiência própria — um remédio que faz emagrecer e ao mesmo tempo melhorar a saúde. Pode, pois, dizer pelo seu jornal esta verdade incontestável: o produto que estou usando com absoluto êxito chama-se Emagrina. Assim, espero que serei o mesmo homem da Copa Mundial de 1938. Antes de terminar as minhas palavras, quero deixar aqui consignado um voto de agradecimento ao Dr. Newton Xavier Arruda, médico e meu particular amigo, que me aconselhou o uso da Emagrina". Dêste modo terminou sua sensacional revelação o famoso Diamante Negro. (xxx)

(*Transcrito de A GAZETA ESPORTIVA de 15-1-1951*)

FERRO ARSYLOSE

Mãe zelosa! Seu filho é magro, pálido, sofre de fastio? Dê-lhe FERRO ARSYLOSE, o remédio indicado pelo Dr. Wittrock. Contra fastio e anemia, só FERRO ARSYLOSE.

Pedidos do interior a **ARAÚJO FREITAS & CIA.** — Rua Conselheiro Saraiva, 41-41-A — RIO DE JANEIRO

GUIA DAS MÃES, DO DR. WITTROCK

Livro indispensável na criação dos bebês. O grande Coelho Neto escreveu: "Êste livro à cabeceira das mães será um escudo de proteção para os filhos".
Acaba de sair a 11.ª edição — Preço: Cr$ 60,00.
Pedidos para o interior à LIVRARIA FRANCISCO ALVES.
RUA DO OUVIDOR, 166 — RIO DE JANEIRO

"...E FUGIREI OUTRA VEZ"

(Cont. da pág. 33)

— Da próxima vez não me agarram mais. Fui «pêgo» agora por que estava «duro», sem um tostão.

— Estava mesmo esperando armas?

— Estava, sim. Esperava 2 «paus de fogo».

— Só dois?

— Para que mais! Só tenho 2 mãos!

— E quem ia lhe arranjar essas armas?

— Bem, isso eu não posso dizer senão vou comprometer «alguém» que é muito minha amiga.

— Então...

— Sim, é mulher e chama-se Maria. E' tudo o que lhe posso dizer.

— Naturalmente um dos seus amôres, não é verdade?

— E' uma criatura a quem eu quero muito bem e que faz tudo por mim.

— E essas tatuagens que tem no corpo, têm alguma história?

— Sim, cada uma lembra-me uma história de amor que vivi.

E apontando no peito: «Aqui estava o nome de Lêda, que foi o meu maior amor. Mandei riscá-lo por que ela me traiu. A loura do braço direito foi minha amante. A cruz e o coração, são um segrêdo inconfessável. O São Sebastião, tatuado nas costas, é porque eu sou devoto dêsse santo. Enfim, ao todo, são 19 tatuagens e 19 histórias.

— Você fugiu para ir se encontrar com alguma dessas mulheres?

— Eu fugir para ir ter com mulheres — disse admirado — nunca! Para isso não é preciso fugir. Nunca vou ao encontro das mulheres. São elas que vêm ao meu encontro.

E apanhando um retrato de Elvira Pagã:

— O sr. deve conhecer essa «dona boa»...

— E' Elvira Pagã — respondemos.

— Pois é minha fã. Mandou-me um retrato autografado, que aliás não chegou às minhas mãos. Sei disso por que «gente liga» que tenho aqui dentro me falou. A qualquer momento dêsses a Luz del Fuego virá me visitar, estou informado. Isso é só para falar de gente de cartaz, afora «brotinhos» e mais «brotinhos» que vivem a suspirar por «Carne Sêca». Dizendo isso deu uma gargalhada e acendeu um cigarro.

— Você sente-se bem com a publicidade que tem?

— Nem sempre. Às vêzes fico receioso e lembro-me do «Zé da Ilha». Coitado! Era u'a moça! Foi a polícia quem o matou. Deu-lhe cartaz e depois dizia que tudo de ruim que aparecia era feito por êle. A polícia nunca me deu ordem de prisão. Quando me vê, começa logo a atirar. Felizmente eu tenho o «corpo fechado». Bala em mim não pega.

— Dizem que você tem santo enterrado no corpo, é verdade?

— Enterrado no corpo, não; mas trago no pescoço e sei rezas que minha mãe me ensinou.

— Como conseguiu fugir?

— Muito simples e muito fácil. Rasguei 4 lençóis e um cobertor. Fiz cordas. Quebrei a cama patente. Com as molas fiz um gancho. Com os pés da cama quebrei a têla de ferro que protege a clarabóia. Em seguida quebrei o vidro. A cama me serviu de escada. Subi. Saí no sotão, cheguei ao terraço. No bueiro coloquei um pé da cama e amarrei a corda de lençois. Desci até ao muro que separa o pátio número 5 de outro pátio. Andando, escanchado, cheguei ao paredão do muro. Joguei a corda com o gancho. Subi o muro e pulei do outro lado. Estava, assim, livre. O resto todo mundo já sabe. No morro do Jacarézinho, estava no barracão esperando 2 «paus de fogo» e uma «gaita» para fazer a pista para bem longe, quando fui prêso por 2 soldados da polícia militar.

— E os guardas não viram nada?

— Não viram nada e não têm culpa nenhuma. Planejei tudo muito bem. Quando chove, os pátios, principalmente o número 5 cujo fundo dá para o morro de São Carlos, ficam com um metro de lama, devido às enxurradas do môrro. Sabendo disso esperei a chuva. Sabia que com a lama e o temporal os guardas não ficariam no pátio número 5. A minha fuga não foi improvisada. Foi aliás pacientemente estudada. Daí a razão do êxito. Da próxima vez, talvez eu saia daqui voando — disse sorrindo. Eu estou no quarto andar; lá está o morro de São Carlos, apontou. O muro não chega a ter a altura de 2 andares. Há, portanto, grande declive. Com um rôlo de arame e uma carretilha eu posso sair daqui voando e atiro o rôlo como se fôsse respentina. Adapto a carretilha e pronto...

Assim falou «Carne Sêca». Essas são suas perspectivas da próxima fuga. Que diz a isso o diretor da penitenciária?

O DOMINÓ . . .

(Cont. do número anterior)

Eu era ainda muito pequeno quando me levaram a ver, do sereno, um assalto carnavalesco que se fazia numa casa amiga. Às tantas, quando as dansas iam animadas e ruidosas, o salão regorgitante entrelaçado de serpentinas, surgiu por uma das portas abertas, uma *cigana* tocando pandeiro e arrastando por uma corda um *urso*. Gritos de surprêsa e admiração, ao mesmo tempo que alegres e acolhedores, partiam de todos os lados. Fêz-se um circulo e bem ao centro, sob uma chuva de confete e *cloretil*, a moça-cigana e o homem-urso se puseram a dançar. Foi uma cena inesquecivel de graça e alegria. Os gestos, o desembaraço, a maneira gentil por que a moça dançava, me tocaram a sensibilidade e os instintos. E por tôda a vida o quadro jamais se me apagaria da memória, nitido, preciso, envolvente.

Porém, minha mãe não me faria a pele do urso. Arranjaria, com sacrificio de nosso misero orçamento doméstico, dificilmente sustentado à custa de seu trabalho em costuras e da venda de doces para tabuleiros, alguns metros de cetineta azul e vermelha, compraria duas máscaras prosaicas de papelão e nos faria, para mim e meu irmão menor, folgados dominós bicoloridos. Não dormi mais que me não sonhasse fantasiado, não havia pensamento meu que não fôsse interrompido pela idéia da fantasia. Os dias, as horas, os momentos, eram contados, longos e lentos que me pareciam.

Minha mãe tudo fazia para nos proporcionar o prazer da novidade, a mim e a meu irmão. Trabalhava nos trajes sòmente quando estávamos ausentes ou à noite, enquanto dormiamos. Comprou as máscaras e deixou-as na casa vizinha. Contudo, eu a observava nos minimos movimentos; sofria com ela as dificuldades de dinheiro, a labuta para adquirir o necessário a fim de nos oferecer uma satisfação que fôsse, uma vez no ano. Muitas vêzes, noite a dentro, acocorado ao pé da *New-Home* em que ela costurava groseiros brins ou finas cambraias das roupas de encomenda, eu movimentava o braço do pedal para lhe repousar os pés fatigados no áspero serviço do dia.

Quando chegou o carnaval, do que ela fizera, nada me surpreendeu, até mesmo a falta dos guizos que não lhe foi possivel adquirir. Em lugar dêstes uma bolota de grega dourada pendia do bico do capuz. Senti-me contrariado por aquilo que me parecia uma demonstração pública da penúria em que viviamos.

Chegara afinal o domingo de carnaval! De tarde, cedo eu e meu irmãozinho nos preparamos e saimos à rua. Os foliões não se haviam ainda movimentado, mas aqui e acolá viam-se grupos de curiosos aguardando a passagem dos blocos. Atravessamos a estreita praça, em frente de nossa casa e seguimos pela calçada ensombrada da igreja. Foi quando me adverti de que meu irmão claudicava. Êle tinha uma perna atrofiada e claudicava. Aquêle defeito nos iria descobrir o incógnito! Como evitar semelhante fracasso? Seriamos reconhecidos... E naquilo tudo o mais importante para mim era poder perguntar: "Você me conhece?" e gozar o embaraço dos circunstantes ansiosos por descobrirem de quem se tratava.

— Endireita o diabo dessa perna — falei rude para o meu irmãozinho, através da máscara.

Êle, coitadinho, fazia um esfôrço enorme para se aprumar, para disfarçar o aleijão, para dar firmeza à perninha mole, trombecante.

— Te ajeita, traste ruim... diabo coxo — rugi cada vez mais exasperado, aplicando-lhe um beliscão nas costelas.

Êle se pôs a chorar, humilde, e mais redobrava o esfôrço para andar firme, sem contudo o conseguir.

Pensei em voltar, mas foi débil êsse desejo ante a vontade que alimentava de me exibir, de me fazer notado no meio da folia comportada de meu subúrbio. Comecei também a coxear e avancei timido em direção ao passeio, onde se reuniriam os blocos. Porém, quando atravessava o adro da igreja, fulminaram-me gritos.

— Olha os papangus!... São êles... tira as máscaras... fiau, fiau, fiau, fiaaau!... Papangu, cadê a chave do bau?... Olha o coxo! São êles mesmos... fiau, fiau, fiaaau...

Quis correr, esconder-me em qualquer lugar, fugir ao fiasco, à humilhação que me feria de maneira inesperada e cruel.

(Cont. na pág. 42)

A CASA CRISTALINO

APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE

CRISTAIS DA BOHEMIA

Louças, Porcelanas finissimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte

CASA CRISTALINO

A RAINHA DOS PRESENTES

.. URUGUAIANA, 35 E 37 ..





A JUSTIÇA, uma perfeita caracterização dos Decididos de Quintino, que, pela segunda vez, conquistaram o título de campeões dos ranchos.



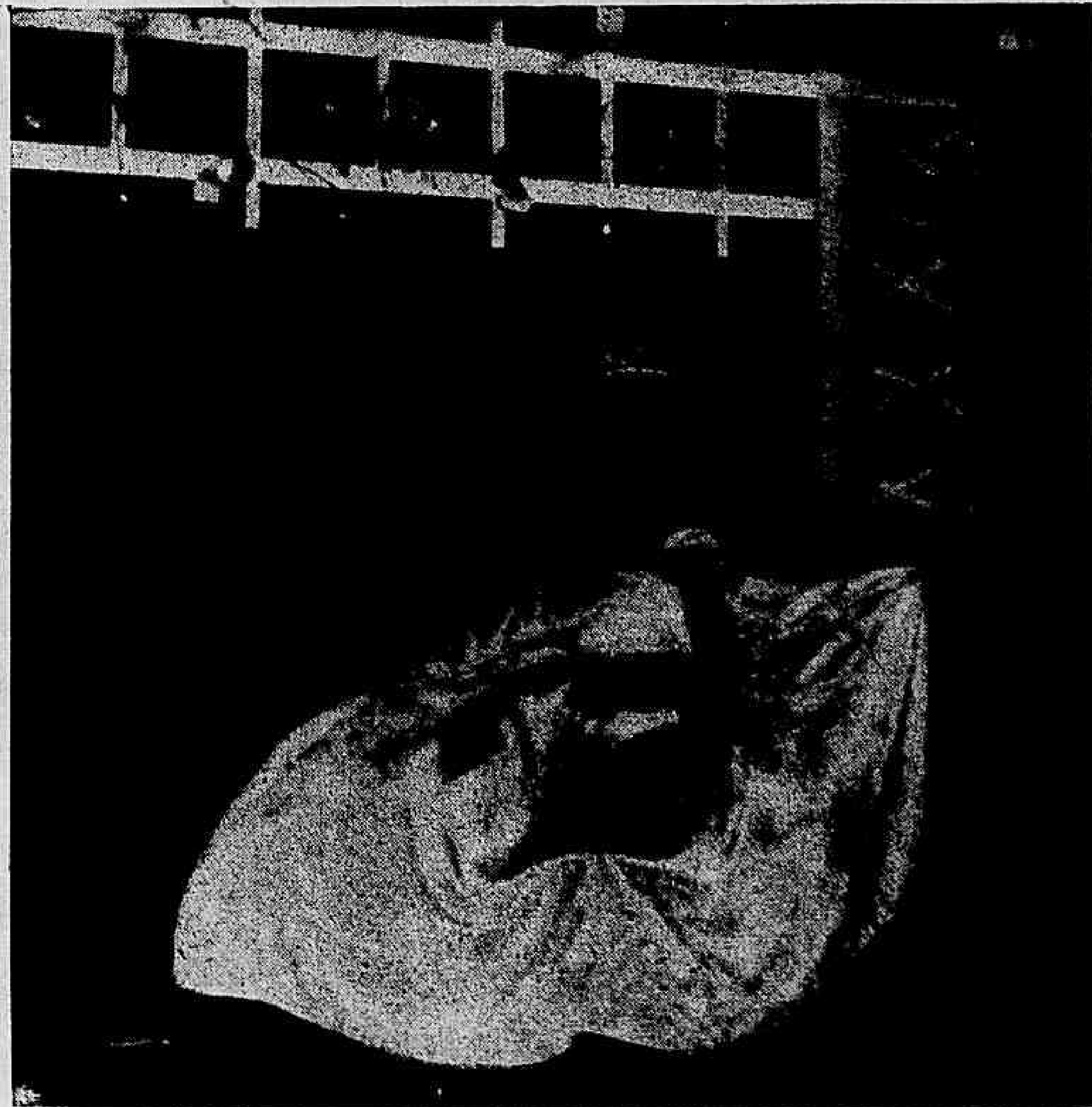
O CARRO UNIDOS DO MORRO DO PINTO que abriu o desfile dos ranchos, apresentando a rainha da festa. O tema dêsse desfile era o «Baile da Ilha Fiscal», reproduzindo com felicidade aspectos dos costumes coloniais e com um séquito de honra a D. Pedro II.

O DESFILE DOS RANCHOS

UMA noite deslumbrante viveu a Avenida Rio Branco na segunda-feira de Carnaval, com o desfile dos ranchos. Tendo como motivo coisas do Brasil, lutando contra tôdas as dificuldades e sabendo levá-las de vencida, concorreram ao prélio de 51, os Inocentes de Catumbí, Azulões da Torre, Sangui de Tamoio, Unidos do Morro do Pinto, Índio do Leme, União dos Caçadores, Aliança de Quintino e Decididos de Quintino. Pela segunda vez, os Decididos de Quintino alcançaram o cobiçado título, tornando-se assim, bi-campeões. Seu préstito era realmente impecável, motivado no tema «Meu Brasil» e oferecendo ao público uma simbolização da nossa história e da estrutura política do país. Cinco meninos representavam os Territórios, enquanto os Estados o foram por moças ricamente vestidas. A caracterização da Justiça, das Artes e das Letras, também se fêz de modo inteligente, tudo justificando a decisão do juri.



OS INOCENTES de Catumbí, vice-campeões do torneio, em plena evolução. «Tudo é Brasil», foi o tema de seu préstito que obteve expressiva ovação popular quando atravessava a Avenida Rio Branco.



DETALHE DO CARRO que encerrou o desfile dos vice-campeões, com o qual os Inocentes de Catumbí concorreram ao prélio tradicional da cidade. Mas vencedores foram os Inocentes de Quintino.

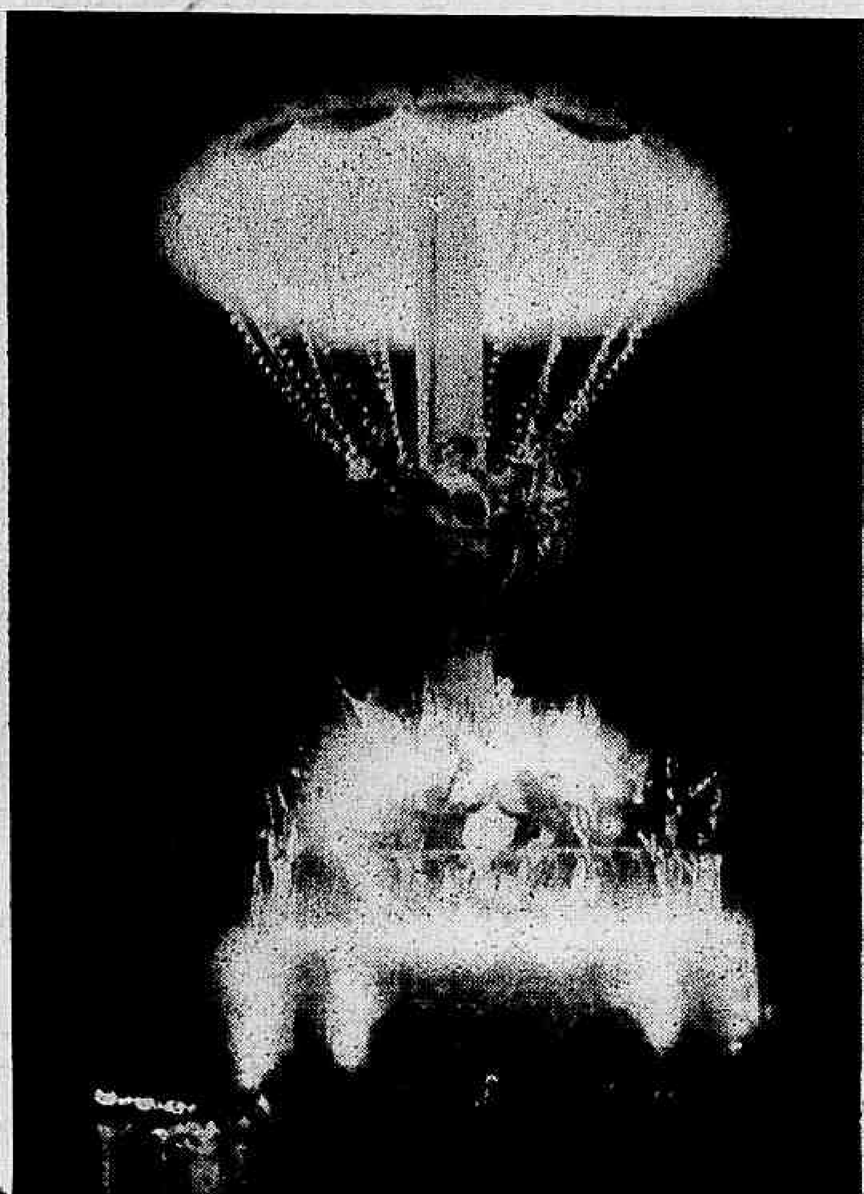


Papagaios, araras e outras aves empoleiraram-se nos postes de iluminação pública...

O monumental «bonde» construido na Praça Onze, palanque onde os foliões pedéstres puderam espalhar-se à vontade nas quatro noites do barulho. Ali se batucava e sambava à vontade. Blócos desciam dos morros, dos bairros vizinhos — e o «bonde» estremecia...



Rei Mômo desceu de paraquedas no obelisco da Avenida e ali ficou, rodeado de diabinhos e diavolinas, chefiando as tropas...

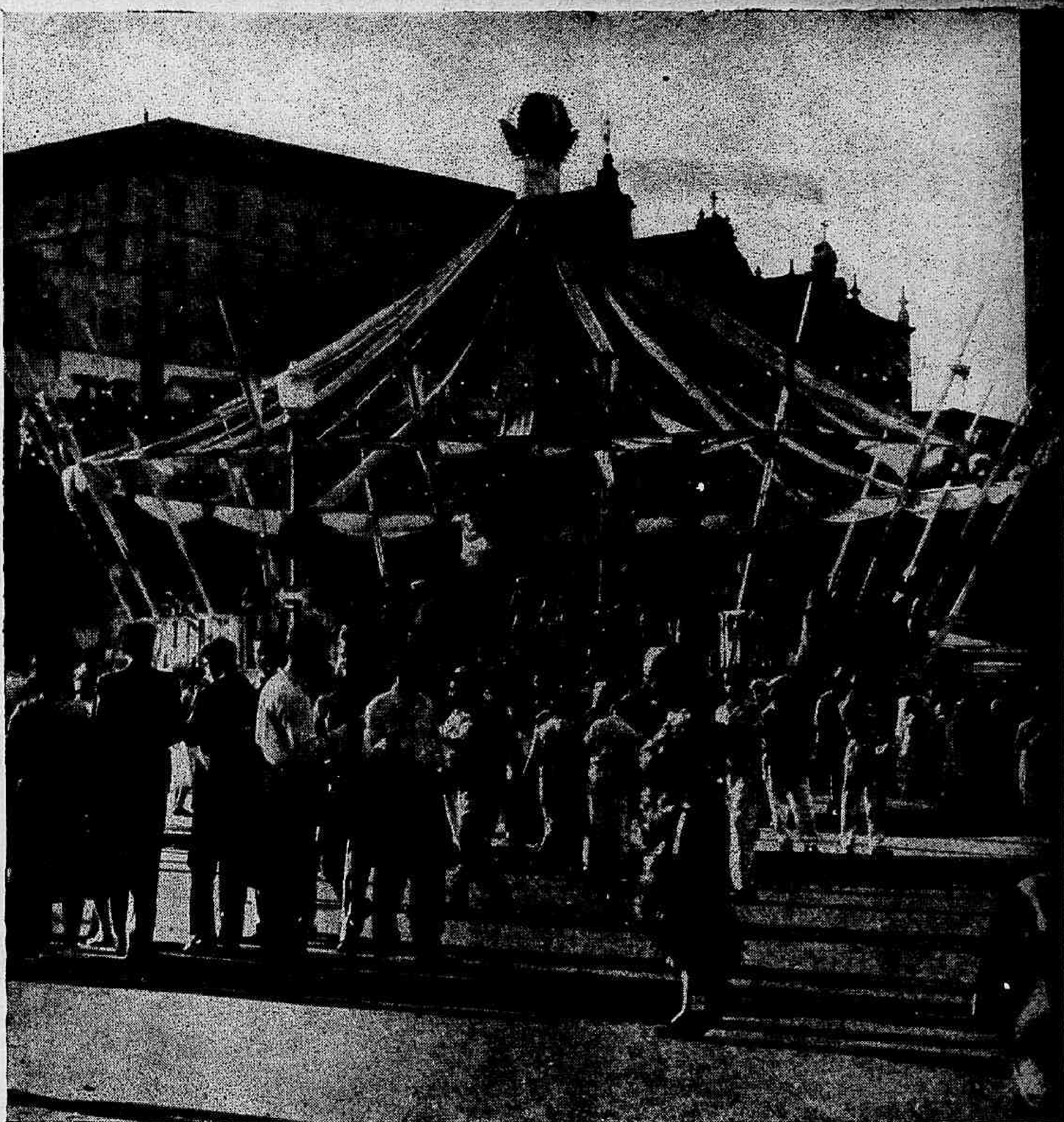


Efeito noturno do obelisco, de grande efeito. Desde o mar, à distância, o paraquedas era visto, à maneira de uma visão infernal.

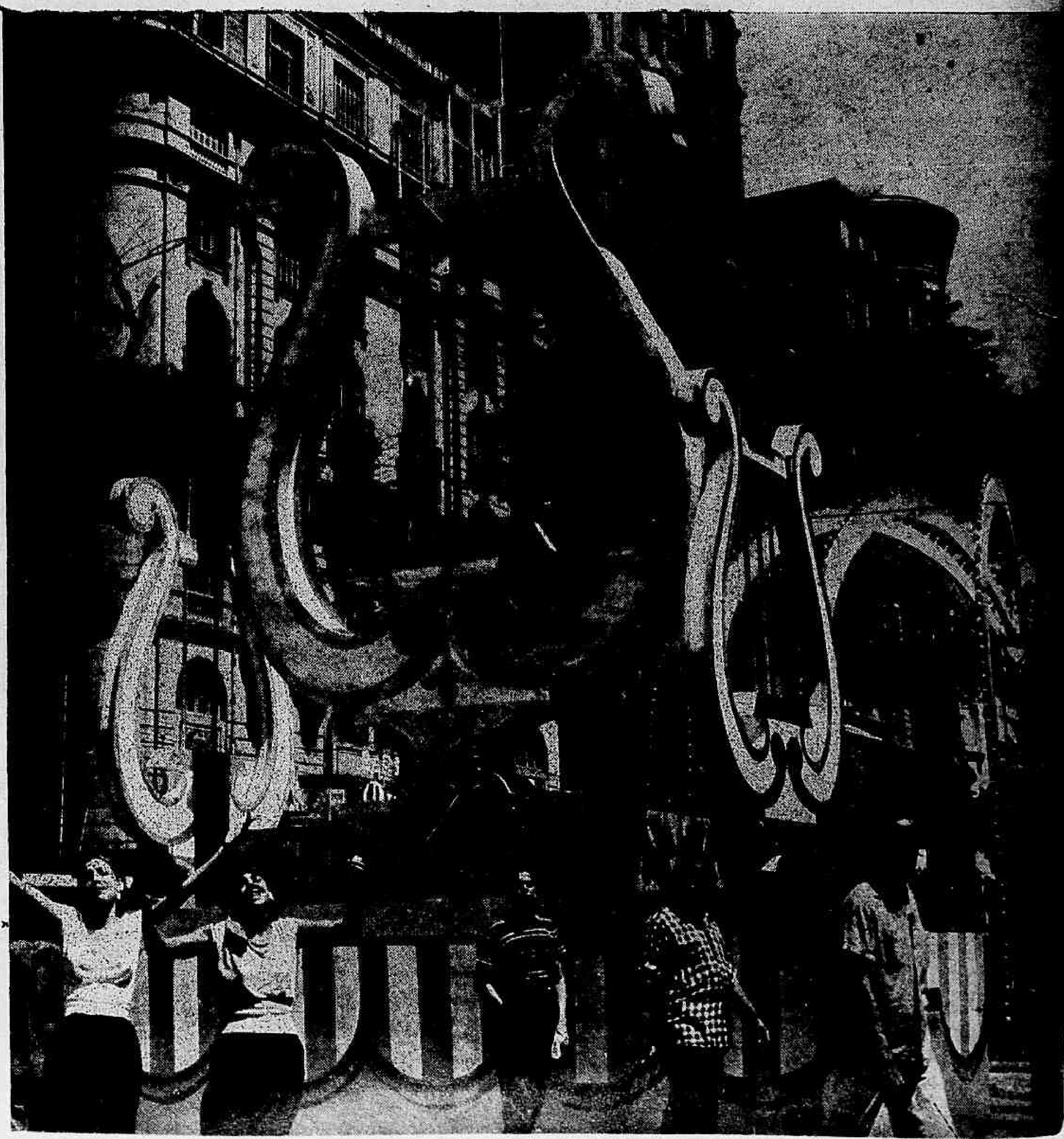


Palhaços monumentais, instalados na Avenida Rio Branco e na Avenida Presidente Vargas. Tudo multicolorido, vistoso e festivo.





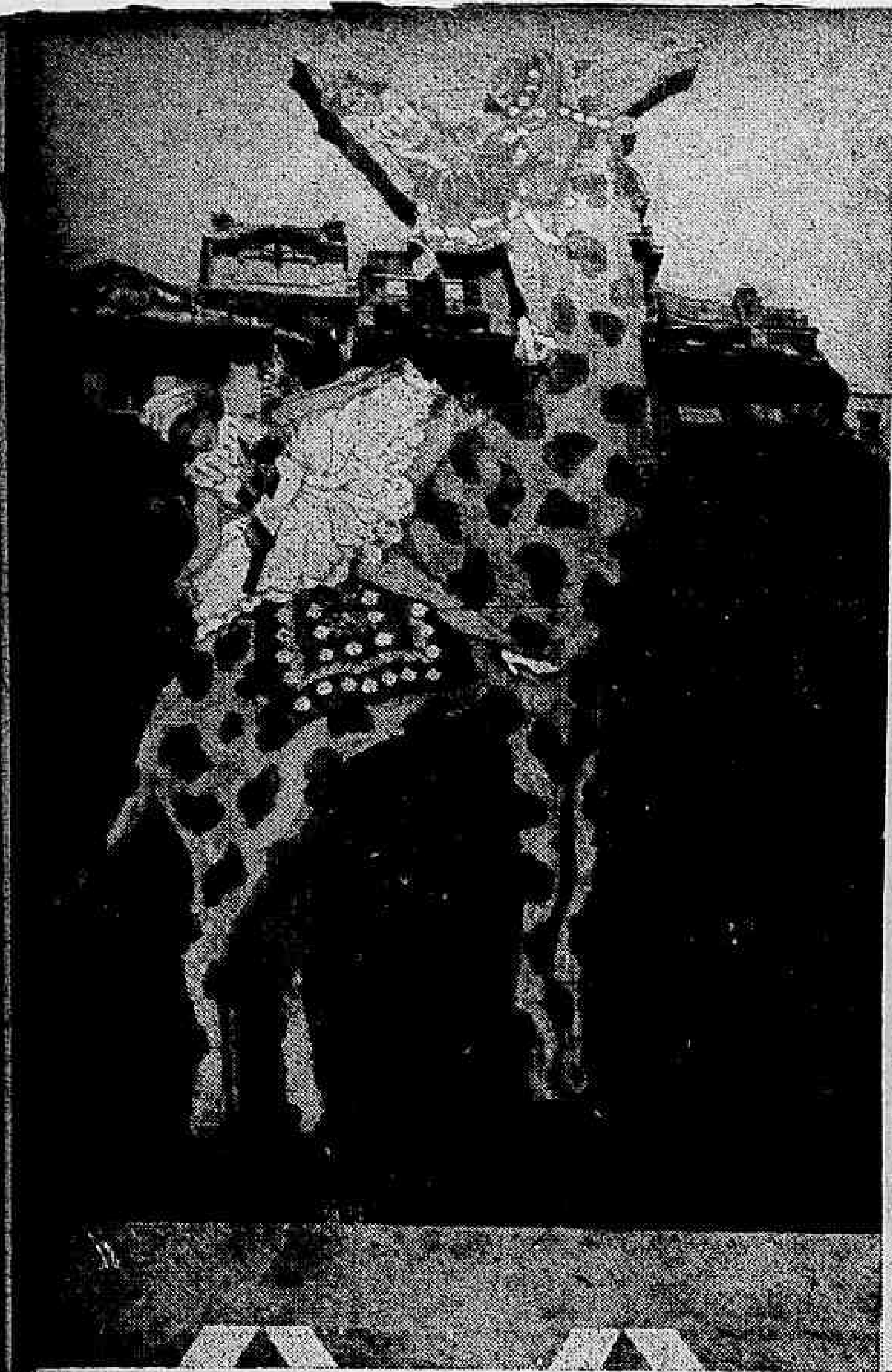
A ornamentação da cidade foi realmente feliz. Simples, de bonito efeito, convidava o povo a divertir-se e o convite era imediatamente correspondido. Corêtos e palanques ficavam, à noite, repletos de foliões. E os turistas arregalavam o ôlho, espantados...



CARNAVAL DE 51

ORNAMENTAÇÃO DA CIDADE

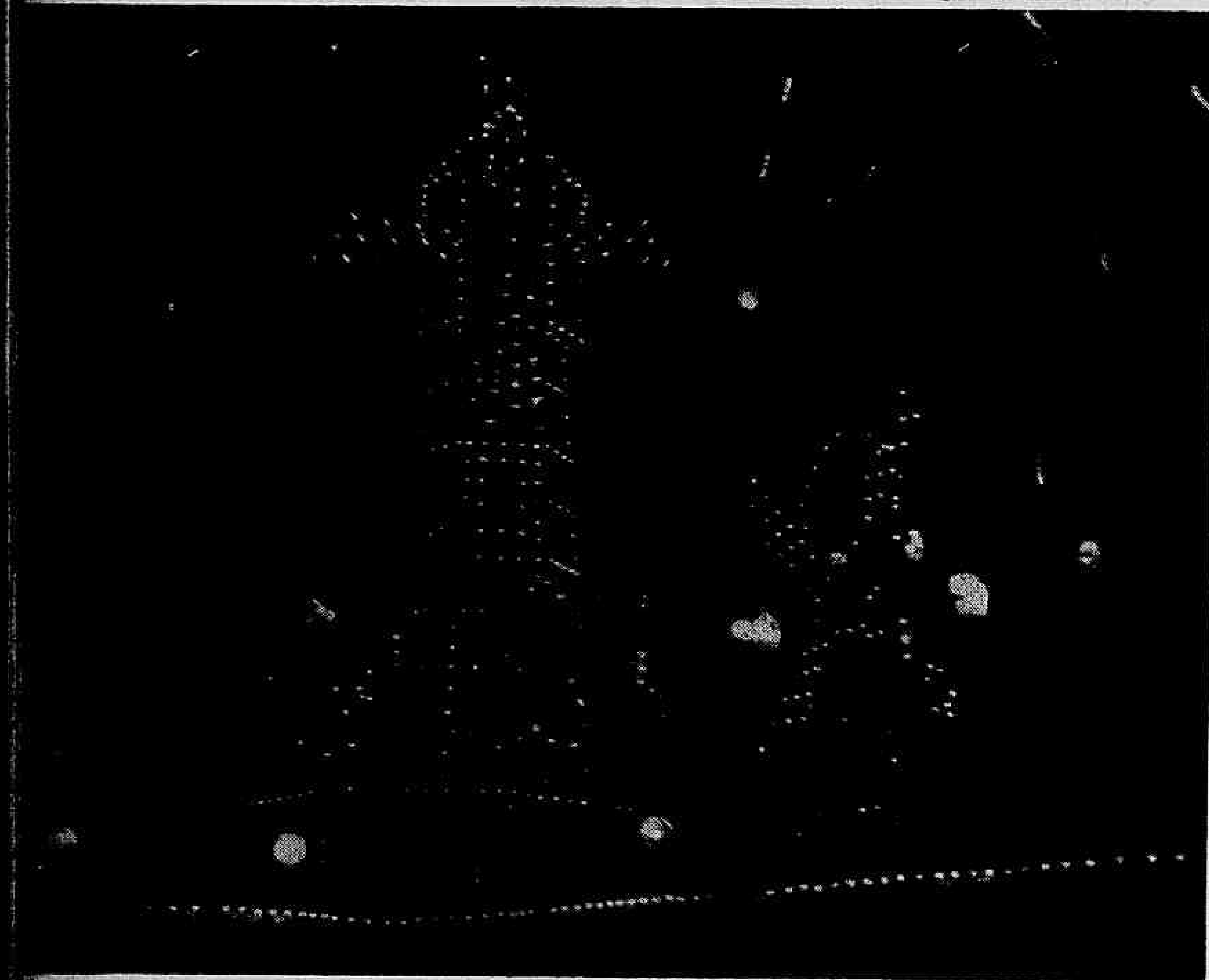
COMO FAZ todos os anos, a Prefeitura do Distrito Federal promoveu ampla e alegórica ornamentação que desta vez não se limitou ao perímetro central da cidade e à Praça Onze. Também em quase tôda a extensão da Avenida Presidente Vargas e nos bairros mais populares, decorações festivas eram levantadas. E à noite, refôrço de iluminação (o racionamento entrou em férias nos três dias), emprestava feérico efeito. Parte dessa ornamentação era aproveitada do ano anterior, mas nem por isso o efeito foi prejudicado. Essencial é que o povo se divertiu expandindo as suas máguas. E embora os foliões pedissem três dias de chuva sem parar (desejariam mesmo a chuva?), o tempo foi camarada. Nem a clássica chuvarada com a passagem dos préstitos compareceu. Só na quarta-feira de Cinzas, aderindo ao espírito da Quaresma, foi que um pequeno dilúvio de verão fêz ato de presença. Os boeiros encheram novamente, o tráfego ficou interrompido... Mas o Carnaval havia terminado na véspera. E a «coreana» não se agravou, como fôra previsto.

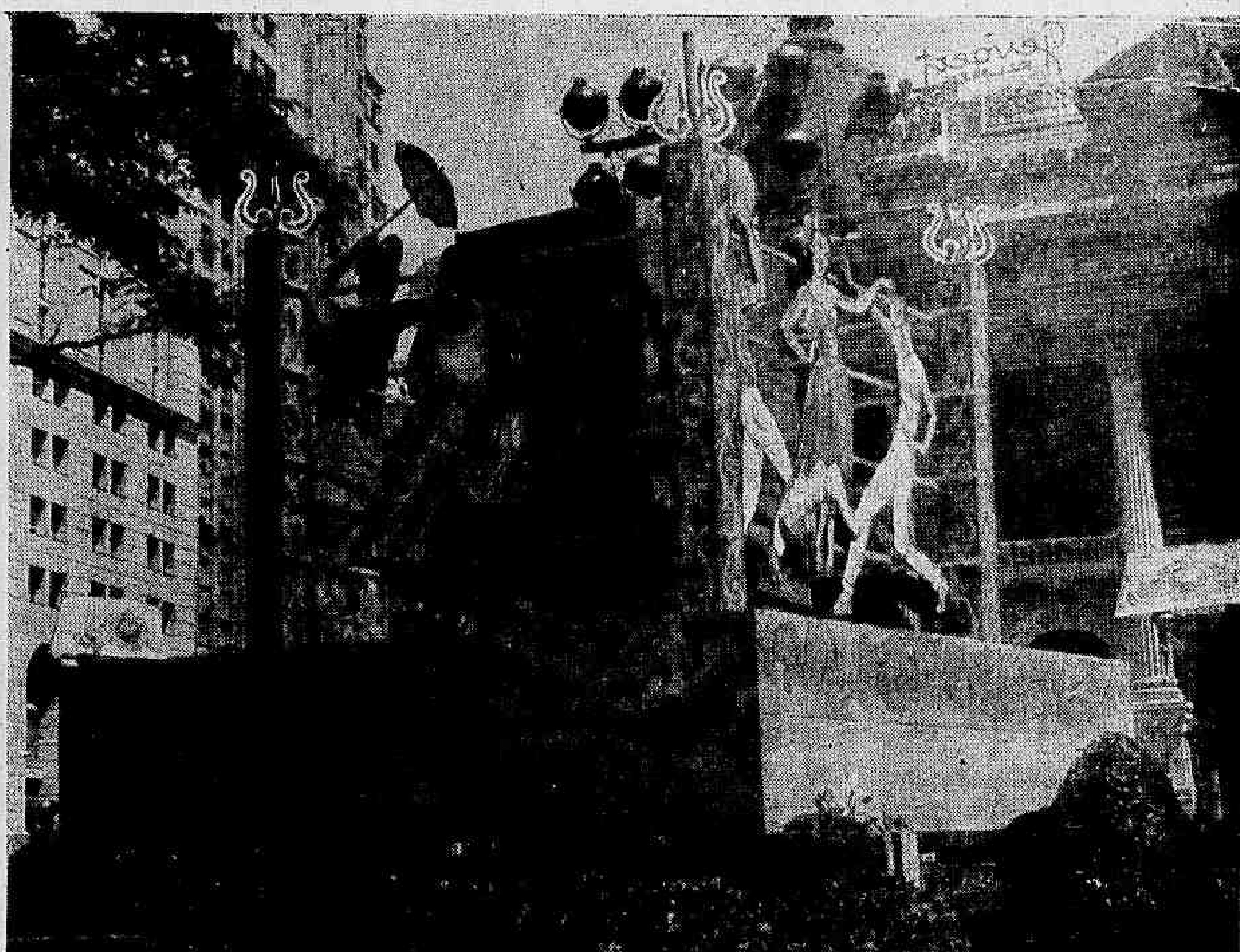




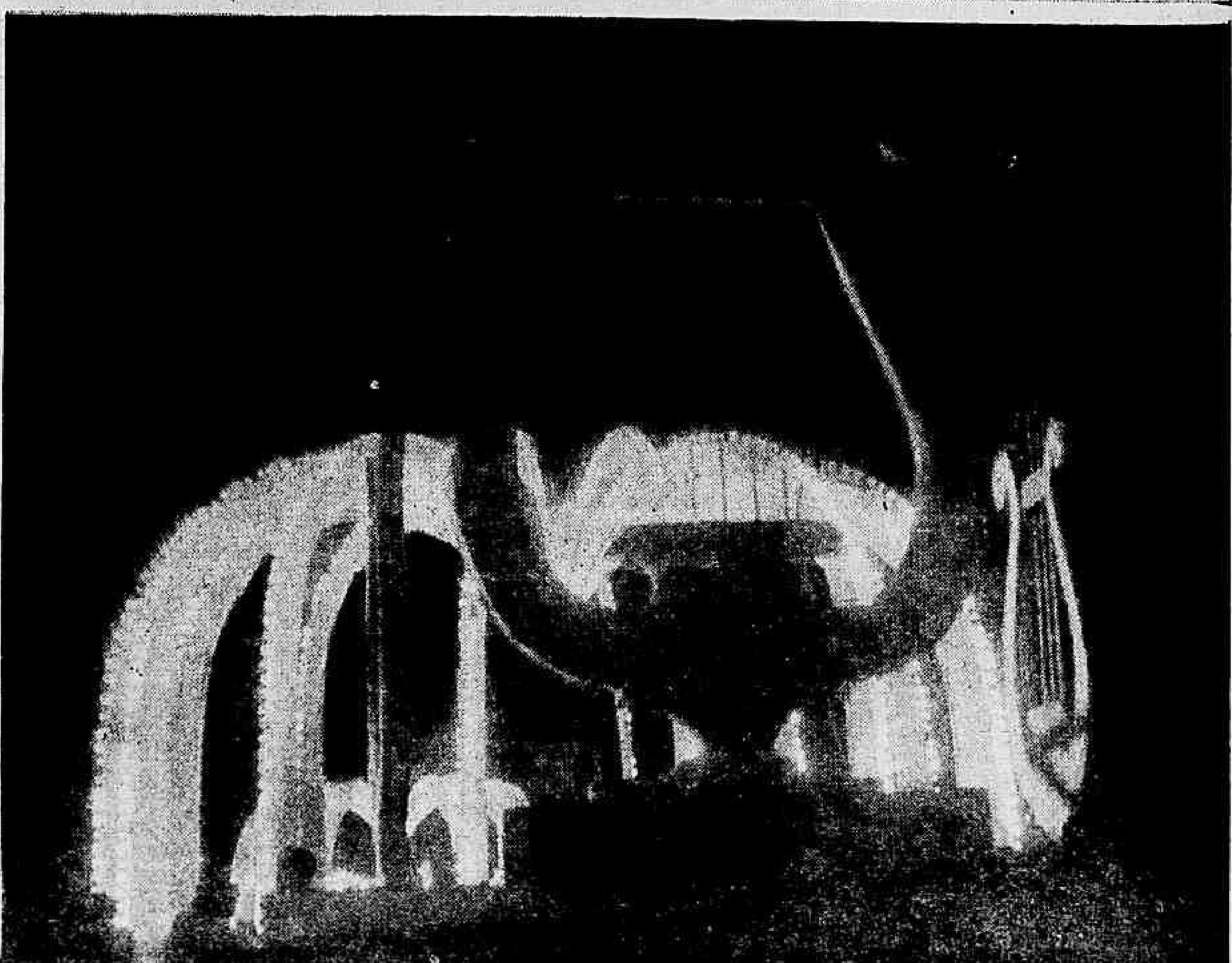


OS BICHOS do Jardim Zoológico pareciam ter fugido na Quinta da Boa Vista, aderindo ao pagode. Na realidade, porém, tudo não passava de alegóricas reconstituições — girafas, elefantes, avestruzes — que se espalhavam pelas ruas mais centrais. Nesta página, outros aspectos da ornamentação da cidade, obtidos à luz do sol e à noite. Os sambas do ano inspiraram algumas divertidas «charges».











AINDA EXISTE o «Sou útil mesmo brincando», no Passeio Público. E dando excelentes serviços...



MARINHEIRO AMERICANO, autêntico — não é fantasia. Chegou, aderiu folguedos, bebeu, bebeu, gostou.

CARNAVAL DE 51

OUTROS FLAGRANTES

OS repórteres fotográficos não têm grande trabalho para recolher flagrantes pitorescos, durante o Carnaval. Êles andam por atacado, oferecendo-se no meio da rua, nos jardins bares, nas calçadas. Essencial é ter a objetiva carregada no momento oportuno para não perder os inesperados. E há cada um... Aqui estão outros aspectos avulsos do Rio sob o reinado de Momo 1º e Único, batidos à vontade Se o leitor ou leitora aparecem em algum dêles, gostaríamos de saber que sensação experimentam, agora que a Quaresma entrou e essas recordações têm outro sabor. Sensação de arrependimento ou de não terem aproveitado melhor? Penitência para o ano inteiro, promessa de não repetir os «pecados» em 52, ou de brincar ainda mais? O Carnaval é sempre o mesmo, igual, sem tirar nem pôr: o homem é que vai passando por êle, ano após ano. E à medida que entra na idade, passa a observá-lo de modo diferente. Diabo depois de velho fêz-se ermitão...



Um picolé e alguns minutos de repouso no gramado. Gostoso



E' ASSIM que se aprende a ser folião. E a fantasia é própria para o calor.



QUARTA-FEIRA de cinzas, dez para as duas, na rua do Passeio. Acabou...



QUE E' ISSO, meninos? Nessa idade? Estão começando cêdo a brincadeira...



Será existencialismo ou... aquilo que os senhores estão pensando?





Mlle. Claude Borelli, representante da França no Carnaval carioca, palestra com o prefeito Mendes de Morais. À direita, Ari Barroso e a espôsa, convidados de honra da «boite», que apresentou um «show» especial com as músicas dêsse compositor





Assim se brincou pelas ruas da cidade.. E acreditem ou não, nenhuma dessas folionas é Luz del Fuego nem Rosina Pagã. Mas pa recem...







Há quem profetise roupas femininas ainda mais sintéticas para os carnavais futuros e talvez a abolição completa da parte superior. Exagero. Para compensar, êsse grupinho simpático, aí em baixo, de cartola, piteira, casaca e luvas, deu a nota. Estava um amor!







Leonora Amar, rainha do Carnaval, recebeu muitos abraços e beijos.



Foi muito apreciada a compostura da Rainha do Carnaval, primando pelas «toilettes» que apresentou, sem tendências de nudismo e realmente elegante. Leonora Amar e as princesas, onde apareciam davam trabalho aos fotógrafos. A rainha estava de fato bonitona.

ENQUANTO no ano passado o desfile da Rainha do Carnaval motivou alguns pequenos aborrecimentos, talvez devido à maneira por que se apresentou vestida (ou despida) a cantora Elvira Pagã — êste ano a presença de Leonora Amar nesse desfile foi muito simpàticamente apreciada. A «estrêla» brasileira do cinema mexicano primou pelas maneiras distintas que soube exibir, e sua presença no baile de gala do Municipal mereceu referências gerais muito favoráveis. Leonora Amar soube vestir-se com aparato mas sem exageros, soube cativar o aprêço até mesmo do elemento feminino — o que não é muito fácil... Ela deu a nota de elegância, de «linha», de absoluta correção social, mesmo tratando-se de uma festa eminentemente popular. Que belo exemplo para outras rainhas!

Ela veio do México muito alinhada e com as mais finas maneiras.





COOPERATIVA DOS USINEIROS DE PERNAMBUCO LIMITADA

Escritório: RUA DA ALFÂNDEGA, 35 - 1.º andar

Telegrama: – *COPER* *CAIXA POSTAL*: 487

ARMAZENS PRÓPRIOS PARA RECOLHER ÀS RUAS DO BRUM, 248 E BERNARDO VIEIRA DE MELO, 113

Capital subscrito:	**Cr$**	**4.989.600,00**
" integralizado:	**Cr$**	**4.928.300,00**
Fundo de Reserva:	**Cr$**	**1.038.447,40**

no Serviço de Economia Rural	sob o n.º	1.062
no Departamento de Assistência às Cooperativas,	sob o n.º	29
na Junta Comercial,	sob o n.º	24
na Recebedoria do Estado	sob o n.º	5.267

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Diretor-Presidente – *José Pessoa de Queiroz*
Diretor-Tesoureiro – *Luiz Ignacio Pessoa de Melo*
Diretor-Secretário – *Armando de Queiroz Monteiro*
Diretores: *Manoel Caetano de Brito e Luiz Cavalcanti de Petribú.*

CONSELHO FISCAL:

Alfredo Bandeira de Melo
José Ranulfo da Costa Queiroz
Antônio Cisneiros Cavalcanti

SUPLENTES:

Manoel Maroja
Antônio Dourado Neto
Edgard Piereck

RECIFE — PERNAMBUCO

SE CANDY REVELASSE O SEGRÊDO ÊLE LHE PERDOARIA?





















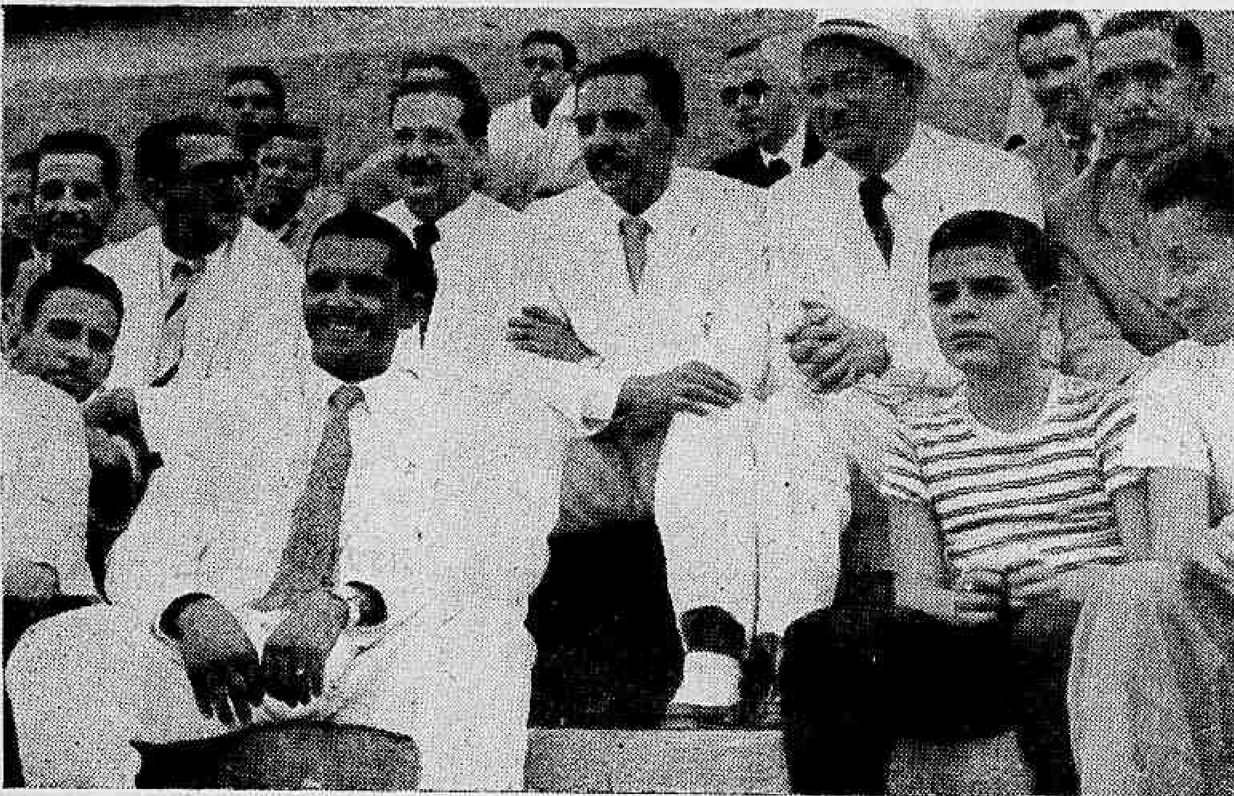




A MOÇA TÍMIDA



UMA VEZ FLAMENGO... — A volta de Flávio Costa ao Flamengo foi a nota desportiva de maior sensação neste início de temporada. O treinador que deu as últimas e retumbantes vitórias ao Vasco da Gama, e cujo nome ficou, portanto, ligado aos componentes do clube da cruz de malta, foi recebido com entusiásticas demonstrações de aprêço pela turma da Gávea. Aqui estão os primeiros flagrantes batidos por ocasião do registro dêsse acontecimento, vendo-se Flávio Costa rodeado pelos seus novos companheiros e, sentado nas arquibancadas, de braços cruzados, assistindo a um treino de seus novos pupilos. Flávio confirmou o «slogan»: — «Uma vez Flamengo...»



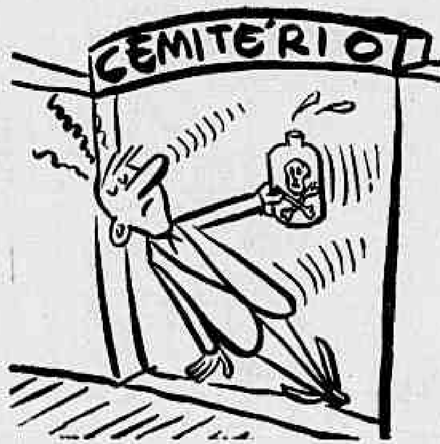
TUDO ISTO

QUE EMPRÊGO



NÃO é sòmente no Rio que as cousas estão difíceis em relação a certos empregos. Na capital dos Estados Unidos as emprêsas particulares estão abarbadas para conseguir empregados mesmo sem barbas, isto é, jovens senhoras com o necessário cultivo intelectual e profissional. Por êsse motivo uma Agência de Empregos publicou no «Washington Post» o seguinte anúncio: «SECRETÁRIA — Precisa-se de uma. Coquetéis às 17 horas. O patrão garante que lhe arranjará marido em seis meses. Qual a senhorita que não se entusiasma com um anúncio dêsse teor? Bom ordenado, tôdas às cinco da tarde um «cock-tail» (vamos escrever assim em inglês para maior efeito visual) e, por fim, um espôso, um Príncipe Encantado depois de seis meses do emprêgo! Que sôpa! Não sabemos se o anúncio já foi atendido; mas, seremos capazes de jurar que sim. Em Washington, como em Niterói, há muitas jovens suspirando por coquetéis e bom partido matrimonial. E se o patrão não arranjar o espôso dentro do prazo anunciado? Aí então o negócio ainda é mais frutuoso ou futuroso: ação de indenização em cima dêle. Todos sabemos como são estas cousas nos Estados Unidos, maximé em se tratando da capital do país. Uma promessa não cumprida à risca, já sabe: juiz, multa, cadeia, o diabo. Como se trata de uma Agência de Empregos, não é mesmo possível que o anúncio falte com a palavra. E, na certa, tudo aconteceu conforme as altas partes contratantes desejavam e planejaram...

O CRITÉRIO DO AVELINO



ATÉ hoje não há duas opiniões diferentes em matéria de suicídio: todo mundo acha que é uma covardia humana. Quando o indivíduo, homem ou mulher, chega a um ponto em que já não mais suporta as aflições da vida, acabam com ela. Mas, em verdade, será o suicídio um ato de covardia ou de indiscutível heroismo? Será possível que o indivíduo chegue a perder, num momento, todo o grande instinto da própria conservação da vida, sentimento êsse tão acendrado em todos os animais, do mais insignificante ao mais adiantado, como o homem? Veja-se o que sucede com um rato, por exemplo. Monta-se a ratoeira. O bichinho cai que nem um patinho. E é aquela indiscritível agonia, aquela aflição louca. O animalzinho corre que corre, procura desesperadamente um lugar para sair da prisão, como se estivesse certo de que sua hora já chegara. Continuamos com a experiência do rato. Retiramo-lo da prisão e o soltamos num quarto livre de móveis. O coitado dá pulos, saltos, procura um buraquinho para escapar, e nada! Qualquer pessoa que dêle se aproxime, provoca-lhe pânico. E' uma luta terrível para defender a vida. Colocamos um objeto que lhe ofereça refúgio e êle corre a esconder-se. E' o instinto de viver, de conservação da vida. Mas o homem, o único animal que acaba, voluntàriamente com os seus dias, continua a matar-se. Veja o leitor o que acaba de suceder em Lafaiete, Minas, com o ferroviário Avelino de Queiroz. Adquiriu veneno, pagou tôdas as dívidas, foi à porta do cemitério e... envenenou-se!





SURGE UMA ESCOLA DE PAZ entre os homens, o Mazdaznan, fundado pelo falecido Dr. O. Z. Hanish. O Primeiro Congresso dos Mazdaznanitas acaba de realizar-se em Zurich, na Suíça, representando dez nações, com um total de 230 delegados. Henry Sorge, representante de Los Angeles declarou que o Mazdaznan em 1960 terá dominado tôda a Humanidade. Êsse movimento não tem nada de religiosidade, e sim, de cultura do espírito e dos músculos, é vegetariano e tem seus rituais ginásticos e de respiração.

ACONTECEU

CHUVA À VONTADE

NÃO é de hoje que os sábios e físicos procuram um jeito de fazer chover sempre que se fizer necessário. O calor aumenta? Venha a chuva. A lavoura está prestes a morrer de sêca? Obrigue-se o céu a mandar água aos campos. O «Ribeirão das Lajes» está na iminência de secar? Que desabem os aguaceiros indispensáveis ao seu enchimento... Mas, que história é esta? Então é possível conseguir chuva com a mesma facilidade com que obtemos areia em praias? Pois é isso perfeitamente possível, leitor amigo, segundo nos declara o sr. De Marco, famoso Professor da Faculdade de Medicina e de Engenharia da Universidade do Pará. O homem é cada vez mais audacioso em desvendar os segrêdos na mãe-natureza. Viram o que fizeram os sábios com o átomo? Desintegraram-no em enormes aparelhos diabólicos e com isso fabricaram a bomba atômica. Que importância teria então o processo de provocar chuvas abundantes sempre que o homem quisesse? Nenhuma. E já estão conseguindo fazer chover quando bem se quer. Dizem que o processo é ainda um tanto dispendioso, mas eficiente: levantam vôos vários aviões carregados de gêlo sêco e, lá no ponto crítico, começam a irritar a atmosfera. Imediatamente os ares se enfurecem e nuvens cheias de vapor se acumulam. As injeções aéreas continuam e, dentro em pouco é aquela água: chove que não é pagode. Tudo isto já está acontecendo e não demorará muito que certos cidadãos, só para justificar a demora na rua, arranjem frotas de aviões para provocar chuva e tapiar as caras-metades...



QUE BELA PRISÃO

A SORTE tem caprichos insondáveis. Houve um cidadão lá de Philadelphia, Estados Unidos, que passou tôda a sua vida a pesquizar minas de ouro no Oeste. E nada. Depois de 35 anos de luta infrutífera, voltou a sua casa e foi viver de outra cousa. Mas, ao cavar no quintal um pôço para retirar água, deu com uma mina de ouro! Já houve quem, indo a cavalo por estrada erma, fôsse ao chão com uma pisada em falso do animal. Mas, ao reparar na pedra do caminho, verificasse que se tratava de uma caixa cheia de ouro... E aquêle que mandou deitar abaixo sua velha casa vinda dos bisavós e, ao derrubar-se uma parede interna surgir uma fortuna em ouro, prata e jóias caríssimas? Tudo isto pode acontecer de um momento para outro. A sorte é caprichosa. Pois vejam o que acaba de acontecer com um cambista de bilhetes de loteria lá em Belém do Pará: meteu-se êle num sururu com uns desordeiros e foi prêso, metido no xilindró, sem mais contemplação. Sucedeu, porém, que o bilheteiro, que se chama Francisco Horácio da Silva, foi colhido pela polícia quando ainda estava com vários bilhetes para vender e, lamentando-se no cárcere, chorava suas magoas, prevendo até ser demitido do empreguinho modesto que lhe dava alguns cruzeiros por dia. Não havendo, porém, mais nada contra êle, a delegacia o libertou no dia seguinte. Qual não foi sua surprêsa ao verificar que, dentre os encalhes se achava um premiado com 200 mil cruzeiros! Que bela prisão!





Jacques Barraud

ÊSTE E' O PROF. LENARS, sábio biologista francês, que estêve na cidade de Nantes com o fim humanitário e desinteressado de salvar da prisão onze pessoas acusadas de um crime que não cometeram: incendiários de forragens no interior da França. Entre os onze prêsos há até rapazinhos de 17 anos, submetidos a interrogatórios violentos para obtenção de confissões esclarecedoras. Mas o professor Lenars mostrou que o feno sêco pode arder espontâneamente graças ao "bacillus subtilis", do que há numerosos exemplos por tôda a Europa, desde os tempos mais remotos.





René Pipaud



Henri Pipaud



Etienne Aubinais



Roger Mariot



Paul Brizard



Joseph Mariot



Claudien Brozeau



Joseph Renaudineau



Jean Gouy



Bernard Ruzenté



HÁ UM FILME ITALIANO QUE, em nossa língua quer dizer «Doze o chamam papai», e foi exibido recentemente naquela país. O enrêdo da película é um encanto e tôda a platéia fica prêsa ao seu desenvolvimento entre um cidadão com sua dúzia de «bambini»; pois há em Stampford, Estados Unidos o casal Luís Bova que possui justamente doze filhos. E aqui vemos o herói com oito dos mais velhinhos, enquanto quatro pequerruchos ficaram em casa com madame.

CORREIO DA REVISTA

MARIO PORFÍRIO DE LIMA — (Rio) — Muito curtinho o seu conto.

SIGEFREDO MARQUES SOARES — (Belo Horizonte) — O que nos mandou não é conto e sim reportagem.

L.F. da S. — (Presidente Prudente) — Muito monótono o seu «Filho de Leprosos».

L.C.G. — (Pôrto Alegre) — Seu conto «Minha avó», muito curto.

H. FURQUIM DE OLIVEIRA — (S. Paulo) — Está aprovado o seu «No Inferno».

MARIA ALBA — (Rio) —. O «Bolero» foi aproveitado. Continue.

THALES BROGNOLI — (Florianópolis) — Muito curtinho o seu conto. Mande outro, no mínimo, com 4 fôlhas tipo ofício, datilografado em espaço duplo.

WALTER B. MAIA — (Pôrto Alegre) — Sua produção «Amanhã ou depois», foi aprovada.

J. dos S. — (Rio) — «Tributo de Amor» estava cheio de erros de português, e o estilo muito falho.

G.M. — (Rio) -- Não foi possível aprovar o seu conto «Ausência». Melhore o português. A mesma sorte com o «Ódio».

M.F.P. — (Rio) — «Os compradores de Ouro» não pôde ser aproveitado. O tema está forte em desacôrdo com o caráter desta Revista. Mande outra produção de feitio mais ao nível dos nossos leitores.

A.R.S. — (Rio) — O português de seu conto «Assombração na casa grande» não ajudou a aprová-lo. Melhore o vernáculo e venha, caso queira.

J.A.A. — (Rio) — «A caixinha preto» está muito pequeno, fora dos limites mínimos por que aceitamos contos.

OG. de C. — (Teresina) — Não passou pelo crivo da Comissão Julgadora o seu «A Bagatela». Está bem escrito; mas muito monótono.

V.H. — (Rio) — «Não foi aproveitado o «Conversas ao pé do lar». O título já denunciava a mediocridade do texto. Que se diga: «Conversas ao pé do fogo», «ao pé da cama», etc., vá lá; mas ao pé do lar...

JOÃO B. DE BRITO — (Salvador) — «Fé e Amor» vai sair.

LUIZ P. SOBRINHO — (São Paulo) — Seu conto foi recebido. Aguarde.

MANOEL DA CUNHA PONTES — (Cásseres) — Não foram aproveitados os «temas» que nos remeteu. Quanto aos dois cruzeiros, mande dizer o que devemos fazer com êles.

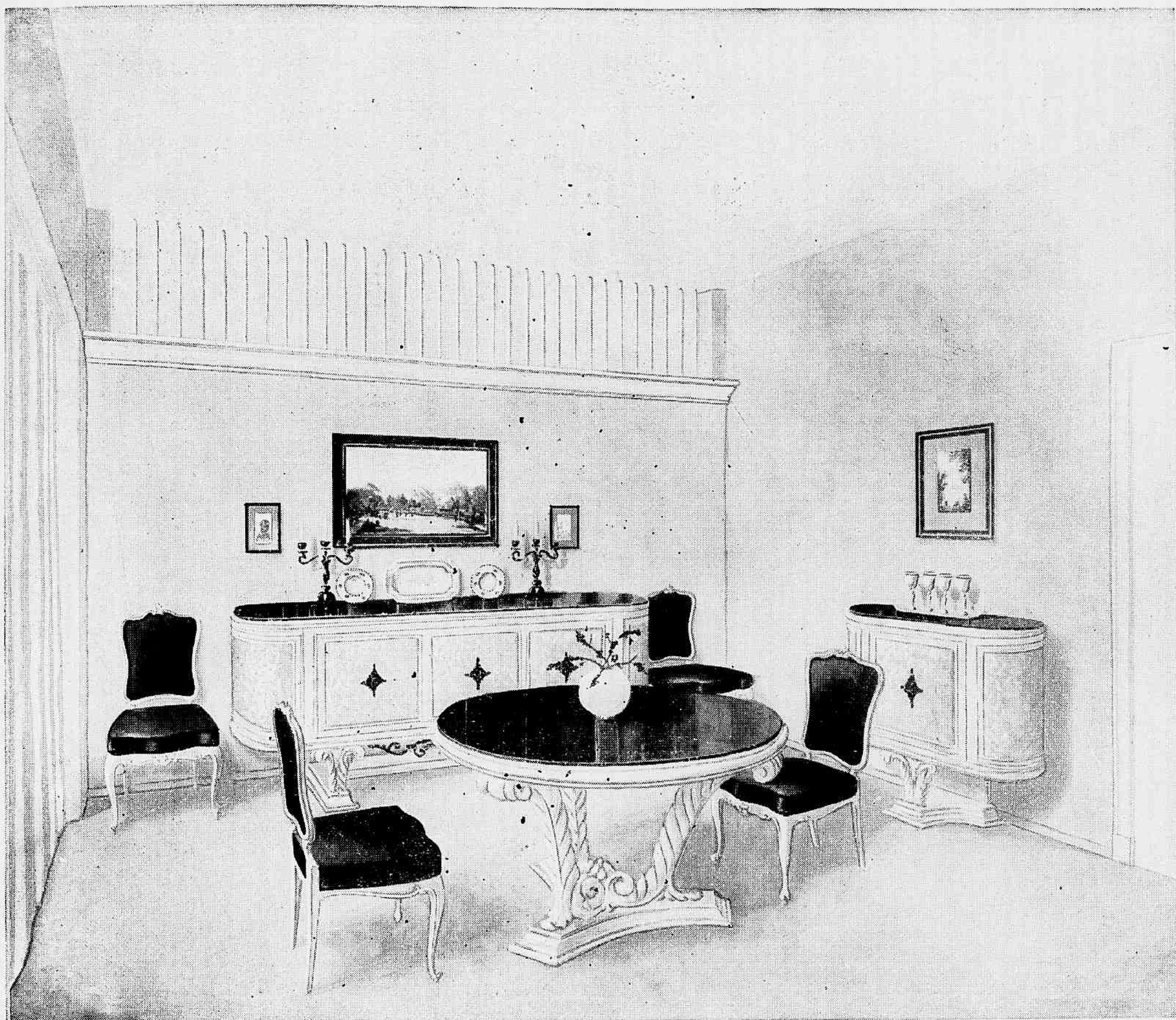
LYSA CASTRO — (Rio) — Aguardamos outros contos seus.

O FREVO SENSACIONAL

Quem já estêve no Recife durante os três dias de Carnaval sabe que, não há no Brasil, Carnaval mais vibrante do que o da Mauricéia. Cidade que conta hoje mais de meio milhão de habitantes, os pernambucanos enchem as ruas centrais dos bairros de Santo Antônio e Boa Vista, fazendo «ferver» o povo nas praças e ruas, na execução do famoso «passo» ao som de primorosas orquestras naqueles compassos sincopados e que fazem todo mundo dançar. Os cariocas tiveram oportunidade de apreciar um dos clubes do Recife, «Os Vassourinhas», mestres do «passo», já tendo antes visto, por várias vêzes outras demonstrações da famosa dança dos pernambucanos, graças a exibições de «Pás Douradas» e de outros conjuntos originários do Recife. Até mesmo os estudantes já tiveram oportunidade de dar ao povo do Rio algumas demonstrações do que é o «passo». Não há muito tempo tivemos em palcos cariocas uma jovem recifense aluna da Faculdade de Direito da capital pernambucana, a qual fêz misérias para provar que o «passo» é qualquer cousa de entusiasmador e sensacional. Agora, porém, com a vinda das duzentas e sessenta figuras do «Vassourinhas» do Recife para animar ainda mais o Carnaval do Rio, pudemos todos ter uma idéia de conjunto do que é um Carnaval animado com o «passo» pernambucano Do «passo» é que se origina o «frêvo». Muita gente confunde as duas cousas. O «passo» é a dança, a coreografia, subdividindo-se em vários números: o «passo» do jocotó, o da tesoura, da tesourinha, etc. Quando há o fecha-fecha e que as multidões entopem as ruas e praças no rebolico da agitação de corpos, pernas, braços, ancas, toraxes, tudo num pandemônio de estarrecer o observador, realiza-se então o «frêvo», corrutela de «fêrvo», do verbo «ferver». O «frêvo» é a ebulição produzida pela dança o «passo», tipicamente recifense. Na próxima edição daremos completa reportagem sôbre a estada dos Vassourinhas entre nós, suas glórias e suas torturas. E então o leitor entrará no conhecimento completo do «passo» que êste pernambucano do «Vassourinhas» está fazendo aqui.

Respostas ao teste

1—Tormentas
2—1487
3—1496
4—Luthero
5—A rainha Elizabeth (a virgem)
6—1532
7—S. Vicente, S. Paulo (1532)
8—1572
9—Harvey
10—1612
11—175 (Desde 1776)
12—Tejuco
13—Brasil
14—Por simples cálculo matemático
15—Marília de Dirceu (1810)
16—Sete
17—Nasceram no mesmo ano (1839)
18—Canavieiras (Rio Pardo)
19—Mameluco
20—Igaçaba



MÓVEIS E DECORAÇÕES

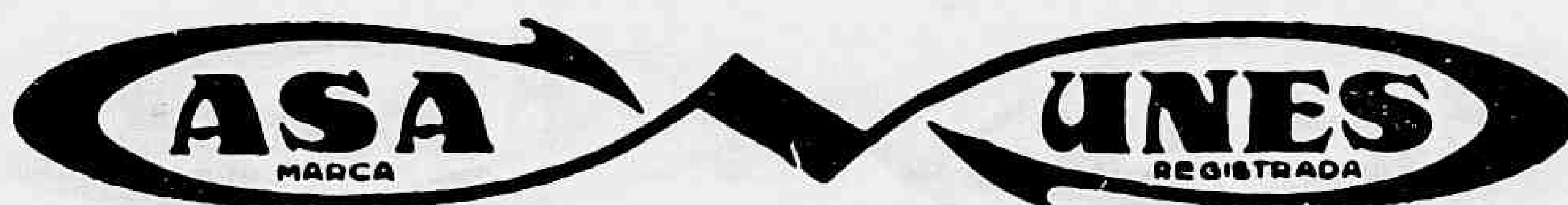
ORÇAMENTOS E SUGESTÕES
EXECUTADOS POR TÉCNICOS-DECORADORES

Grupos estofados

— ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS —
PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

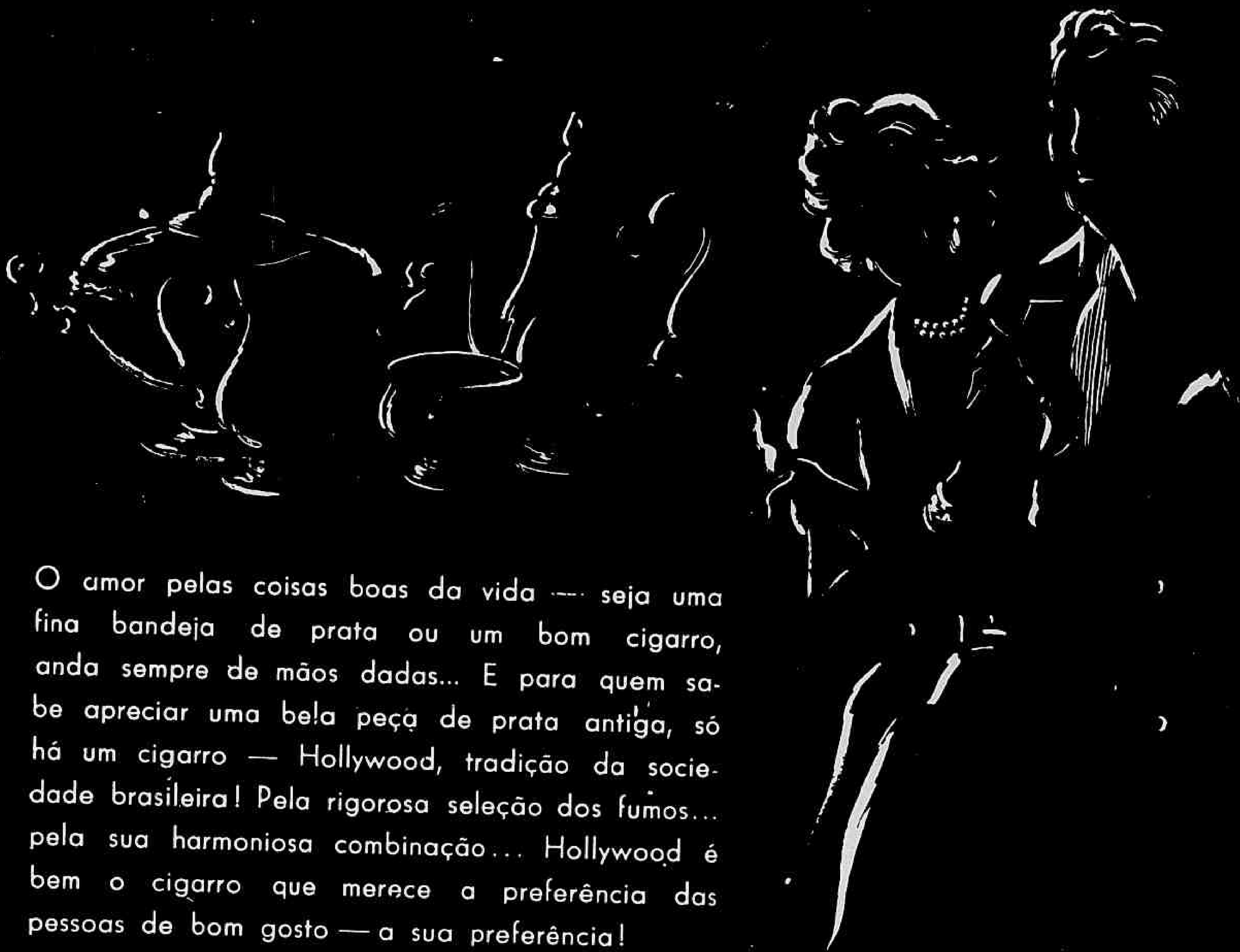
Tapêtes e Passadeiras

DE TÔDAS AS QUALIDADES E TAMANHOS



65, RUA DA CARIOCA, 67 — RIO

Quem admira a prata antiga aprecia Hollywood



O amor pelas coisas boas da vida — seja uma fina bandeja de prata ou um bom cigarro, anda sempre de mãos dadas... E para quem sabe apreciar uma bela peça de prata antiga, só há um cigarro — Hollywood, tradição da sociedade brasileira! Pela rigorosa seleção dos fumos... pela sua harmoniosa combinação... Hollywood é bem o cigarro que merece a preferência das pessoas de bom gosto — a sua preferência!



um produto SOUZA CRUZ

H-88.063